

*Namallo Orlygo*



AS

FARPAS

VOLUME 8

EDITORIA  
LISBOA



AS FARPAS

---

Typ. da Companhia Nacional Editora—Rua da Rosa, 30.

RAMALHO ORTIGÃO

# AS FARPAS

TOMO VIII

OS NOSSOS FILHOS

6-55-107-243-278

INSTRUCCÃO PUBLICA





*Vida da Coruja*

I

Leitor! leitora! — falemos dos vossos filhos. Levantemos a mão das fraquezas, dos ridiculos, das miserias do nosso tempo, e consagremos esta pagina aos mais puros e aos mais vitaes dos nossos interesses.

Conhecemol-os — os vossos filhos. Temol-os visto, ao voltar do collegio, com os babeiros brancos, os chapéos mais velhos, o cabello despenteado e o dedo sujo de tinta, esfarpando de encontro ás pedras os bicos dos sapatos, enquanto o vosso creado, com os compendios do sr. João Felix prêsos por uma correia debaixo do braço, os segue pausadamente conversando em cousas lyricas com a creada da vossa vizinha.

Vimol-os no lyceu, no dia do primeiro exame,

pallidos de concentração e de susto, immoveis, extaticos, com os olhos pasmados na espessura dos seus juizes, lembrando-se um pouco mais das orações que vós rezastes por elles, ó mães, do que das lições que vós lhes destes, ó mestres!

Tinhamol-os tambem visto no Passeio Publico, em noites de concerto, dansando ao pé do kioske, elles fingindo-se grosseiros para se darem o *chic* de velhos collegiaes, ellas sérias e graves, voltando o rôsto por cima do hombro para contemplarem como pequenas senhoras a cauda hypothetica dos seus vestidos.

Ellas e elles são pallidos, têm as gengivas esbranquiçadas, os dentes baços, as pestanas longas, as palpebras ophtalmicas, os cantos da bôcca levemente feridos, o sorriso triste, os movimentos indecisos e fracos, o olhar quebrado.

Precisam de tomar banhos frios, de comer carne ao almôço, de beber uma colhér de oleo de figados de bacalhau todos os dias, de fazer gymnastica, e de que se lhes corte o cabelo.

Além do cabelo extremamente longo—o que equivale perante a chimica e perante a physiologia a um dispendio de ferro com que não podem as constituições anemicas dos vossos pequenos—notamos ainda excessos de *to:lette* cuja voga dá o seguinte resultado: Em parte alguma do mundo se

encontram creanças tão mal vestidas como em Lisboa.

A gente rica veste os seus filhos de velludo, com meias de seda e plumas no chapéo. Ha typos calabrezes, escocezes, marinheiros, boleiros... A gente pobre, que não pode adoptar integralmente os modêlos consagrados na mascarada das creanças burguezas, veste os seus pequenos de cães sabios! — O que é de uma iniquidade verdadeiramente horrivel, porque, emfim, ninguem pode evitar que os nossos filhos sejam os herdeiros forçados das nossas enfermidades e das irregularidades das nossas feições, mas é de mais abusar dos direitos da paternidade até o ponto de converter uma creaturinha graciosa e sympathica no cabide irrisorio das depravações artisticas do nosso gôsto!

Ide vêr as creanças, como nós as temos visto; aos domingos de tarde no passeio da Estrella ou em S. Pedro de Alcantara. Lá encontrareis os meninos vestidos de collegiaes francezes, de guardas-marinhas ou de empregados do caminho de ferro; de postilhões, de huguenotes, de puritanos, e, sobre isto, as compositas das *toilettes* de capricho, em que o hediondo toma profundidades de expressão prodigiosamente allucinantes: as botas côr de pulga com atacadores encarnados e biqueiras de verniz, chapéo de palha atado por baixo da barba com

um laço de fita, vestido verde e paletot encarnado, cousas medonhamente semelhantes ao traje de um macaco que dança ao som de um realejo.

Desafiamos-te, leitor, a que entre todos esses pequenos nos mostres duas creanças vestidas simplesmente—de creanças: com sapatos rasos, largos e grossos, e um fato commodo, logico, sensato, de linho no verão e de lã no inverno, que permita ao rapaz que o tem usar livremente de todos os seus movimentos e de toda a sua fôrça, sem vontade de olhar para a sombra que vão fazendo nos muros, nem de se considerar perpetuamente tutelado pelo verniz das suas botas ou pelo delicado estôfo da sua tunica.

Conversae por um momento com esses pobres forçados á grilheta do apparatus, e vereis com que idéas a primeira educação das amas e das creadas enche a immensa capacidade que tem a memoria desde os dois annos até os seis! Elles estão convencidos de que o judeu que lhes vendeu tamaras á porta do jardim tem uma cauda no fim das costas; que o mundo foi feito pelo Jesus; que as doencas, os desastres e os aleijões são castigos dados pelo Jesus; que as trovoadas são o Jesus que ralha com a gente. De sorte que para elles o dôce martyr da dedicação e do amor da humanidade que suas mães adoram de joelhos, fica reduzido ao cha-

veiro de todos os males, ao dispenseiro de todas as desgraças, ao pastelleiro de todos os desgostos! Não conhecem tão antipathico, tão monstruoso, tão terrivel como Jesus, senão um ente que existe em casa de cada um d'elles, escondido nos quartos escuros, á espera que os meninos passem para os devorar. É o papão. O pae é uma especie de flagello intermediario dos dois referidos, um ministro da policia enviado extraordinario e representante effectivo dos verdugos invisiveis e mysticos. Quando o Jesus não ralha porque não ha electricidade atmospherica, e o papão se não manifesta porque estão luzes em todos os quartos, diz-se-lhes: *Esperem que ahi vem o papá!* quer dizer, o emissario de Jesus, que substitue os trovões pelos puxões de orelhas, e o substituto do papão, que espanca os meninos feios emquanto o papão se não resolve definitivamente a mastigal-os.

A unica instrucção séria que se lhes deu na primeira infancia foi o catecismo. O Padre Nosso cahiu-lhes na memoria como a toada somnolenta e monotona de uma melopéa machinal, de cuja intenção e de cujo sentido—mesmo litteral—elles não têm a minima idéa. Outro tanto lhes succede com os mandamentos da lei de Deus e com os peccados mortaes. Nada mais edificante, sobre a falsa educação religiosa que nós cuidamos dar a nossos filhos

do que ouvirmos as suas respostas quando lhes perguntamos o que entendem por esta palavra que os obrigamos a repetir duas ou tres vezes por dia—*Luxuria*— Ou a sua interpretação para esta phrase que igualmente nos esforçamos por lhes fazer decorar: *Não invejar a mulher do teu proximo!* Uma pequenina nossa amiga entende que a *luxuria* é o peccado do demasiado *luxo*, e que guardar *castidade* consiste em não murmurar contra os *castigos*.

Taes são as cousas que nossos filhos apprendem em nossas casas até a idade dos seis annos!

Chega finalmente a época de entrarem no collegio.

O collegio é uma casa triste, sombria, impregnada d'aquelle cheiro abafante que deixa no ar a agglomeração das creanças. O collegio tem um guarda-portão de aspecto duro, homem habituado a pagar-se nas lagrimas dos collegiaes pequenos das diabruras que os grandes lhe fazem. As paredes têm riscos e lettras a lapis; no chão escuro ha pedaços de papeis rasgados; a disposição das camas, o aspecto sêcco dos prefeitos, as maneiras dos creados dão aos dormitorios um ar de hospital. As aulas, sujas pela lama que trazem as botas dos externos, os bancos lustrados pelo uso, as carteiras de

pinho pintadas de preto, os transparentes das janelas manchados pela chuva, a lousa negra polvilhada de giz a um canto da casa, o roda-pé da banca do professor de baeta lagrimejada de tinta, infundem uma tristeza lugubre. Tudo quanto pode converter o trabalho n'um objecto de repulsão e de horror acha-se felizmente reunido na maior parte dos collegios portuguezes. As mulheres, que a experiencia tem provado possuirem muito mais aptidão para o ensino do que os homens, são geralmente excluidas do professorado nos collegios de alumnos do sexo masculino. O ensino é ordinariamente feito por sabios de pouco preço, para os quaes os ambitos da sciencia bem como os da sociedade são igualmente cheios das trevas mais augustas e mais impenetraveis. Por via de regra, litterato fallido, escriptor mallogrado, critico inédito, o magister tem a pedanteria das pequenas letras e as severidades da alta magistratura, envôltas n'um exterior intonso, com maneiras de uma gravidade suspeita e de um exemplo contestavel. No emtanto como no tocante ás maneiras do alumno tudo quanto se exige é que elle seja aprovado no seu exame de civilidade, lá estão para supprir tudo os compendios do sr. João Felix, vigoroso freio para que o estudante nunca escarre na cara das pessoas de respeito nem arrote com reprehensivel estampido quando jantar na alta

sociedade. Poupa o trabalho de dar exemplos a commodidade de possuir um livro assim, que permite ao preceptor dizer simplesmente o seguinte a um homem que vae entrar no mundo: «Releia o seu João Felix, e conserve-se sempre de sobreaviso sobre as expectorações e sobre os gazes.»

O mesmo que succede com a civilidade é exactamente o que se dá com todos os demais capitulos em que se divide a educação da infancia.

A preocupação unica e exclusiva dos preceptores é que os seus alumnos estejam quietos no collegio e sejam no fim do anno lectivo approvados no Lyceu Nacional. Para conseguir a approvação dos estudantes nos exames que elles façam o preceptor emprega todos os esforços e todos os meios, excepto talvez um unico, — que é o de lhes ensinar o objecto sobre que tem de versar o exame.

Para se ajuizar dos outros meios que dão em resultado a approvação dos alumnos cumpre saber-se que o jury dos exames é composto de professores do lyceu. Estes senhores têm organizado o programma das suas perguntas e feitos os pontos que no fim do anno serão tirados á sorte para indicar a passagem sobre que tem de passar-se exame. Ora n'este caso o modo mais simples e mais logico de conseguir a approvação seria haver o programma

das perguntas e a collecção dos pontos. Assim quinze dias bastariam para que o alumno decorasse os textos sobre que tinha de tirar o ponto, e o exito do exame não poderia ser depois d'isso duvidoso. Succede porém que os lentes do lyceu insistem em não vender os pontos pela razão um tanto frivola de que isto seria a mais sordida das veniagas e o mais abjecto dos sobornos. Aqui principiam os trabalhos memoraveis a que se dá o preceptor para assegurar o futuro scientifico e litterario do seu alumno.

— Homem! deixe-me levar os pontos aos rapazes!

— Não! isso não! leve-lhes tudo quanto quizer, menos os pontos! Quer uma cousa?... Leve-me a mim—por vinte mil réis por mez—mas os pontos não! nunca!

— Bem! basta! Não falemos mais nos pontos, e venha d'ahi você!

Assim é que os professores publicos do Lyceu Nacional, vogaes do jury dos exames no mesmo lyceu, não vendem os pontos aos collegios particulares mas exercem n'elles o magisterio. Ha professor no lyceu de Lisboa que ensina particularmente a disciplina de que é examinador em oito differentes collegios de educação de rapazes! Não ha n'isto sombra de corrupção nem desaire de especie alguma. Sómente acontece—e isto é um factio extre-

mamente secundario! — que de cada cem alumnos que concorrem a exame no lyceu podemos afoitamente computar em noventa o numero dos que ignoram as disciplinas em que são julgados aptos. Se os illustres professores nos quizerem honrar com o seu desmentido, requeremos uma syndicancia ás escholas e provaremos com factos que de cem alumnos approvados em latinidade no anno de 1870 não haverá seis que em 1871 traduzam correntemente meia pagina de qualquer auctor latino á *nossa escolha.*

São enormes, são pavorosos os males que resultam dos simples factos que acabamos de indicar.

Em primeiro logar os alumnos habituaem-se desde a infancia, nos primeiros actos da sua vida civil, a descrerem do merito, do trabalho e do estudo, e a contarem para todo o exito com a falseação das provas, com a mercancia da justiça e com a omnipotencia do compadrio — perfeita iniciação para uma existencia de intriga, de indolencia e de deshonra.

Os paes, quites para com as suas consciencias dos encargos da educação que devem a seus filhos pelo facto de haverem delegado n'outros esses encargos, contentam-se em participar aos parentes que o menino continua a ser approvado nos seus exames, até que, aos dezeseis ou dezeseite annos, o

collegio devolve á familia plenamente approved em todos os seus estudos o menino que a familia lhe confiará, e o pae encontra-se então, frente a frente, no seu campo, na sua loja, na sua officina ou no seu lar domestico, com um mancebo approximadamente inutil para toda a especie de emprêgo. Todas as faculdades d'esse pequeno homem, em que a barba principia a repontar com as paixões ardentes da puberdade, estão inertes, enervadas ou corrompidas.

Emquanto á educação do espirito sabe pouco e mal o que lhe ensinaram, não sabe quasi nada o que devia saber.

Pelo que respeita ao corpo, se vem de um *bom collegio*, sabe de gymnastica o sufficiente para fazer d'elle um mau arlequim, mas nunca empregou a sua fôrça nos exercicios verdadeiramente uteis a um homem. Não está habituado á fadiga das marchas, não sabe defender-se se o esbofetarem, não sabe nadar, desconhece os principios mais rudimentares da hygiene.

No que toca ás suas faculdades de coração, nunca amou ninguem. Partido o affecto instinctivo que o prendia á familia, viveu no baixo egoismo dos reclusos. Desconhece o dôce prazer de se sacrificar. Nunca teve a sua parte nos interesses delicados da familia, nunca subiu de corrida uma ladeira para

chamar um medico para seu pae; nunca se bateu aos murros por alguma grosseria da rua dirigida aos bibes das suas pequenas irmãs, que elle estivesse encarregado de acompanhar á eschola; nunca defendeu, nem consolou, nem acariciou sua mãe. A unica mulher que deixou na breve existencia d'elle uma lembrança secreta, ardente, devoradora, foi talvez uma, de longas saias engommadas e ruidosas que, passando na rua, lhe sorriu para a janella do collegio, de um modo extranho, em certo dia em que elle fizera exame de rhetorica...

Na Eschola Polytechnica, na Universidade, n'um escriptorio commercial ou na casa paterna esse rapaz deixará correr descuidadamente a sua existencia pelo declive facil em que o puzeram, sem estimulos affectuosos, sem vontade, sem energia, sem fôrça, sem consciencia e sem character.

E esta será a bitola dos futuros cidadãos portuguezes!

Nós mesmos fomos já educados assim. Vêde o que estamos sendo! Vêde os homens que deitamos! Vêde o paiz que fizemos e a sociedade que constituimos!

Principiamos por desconhecer a nossa missão na humanidade. A familia enfraquece por toda a parte.

O hospício dos expostos em Lisboa contava no primeiro dia do corrente mez de outubro 15:099 creanças repudiadas por seus paes. A roda dos expostos joga com outra roda na administração do paiz — a roda da loteria. A loteria sustenta a Misericórdia. O jôgo protege a prostituição. A tavolagem adopta o bordel. É a mancebia abjecta da batota e do prostíbulo abençoada pelo Estado e acarinhada pelo paiz.

E nós vivemos n'isto, n'esta repulsiva podridão, complacentes, descuidados, felizes, dando a todo o mundo moral o espectáculo da maior degradação e da maior baixeza em que pode cahir uma sociedade.

Na sciencia, na litteratura e na arte estamos estacados, imitando servilmente as obras de nossos paes, attestando a ignorancia mais flagrante, esterilizados nas nossas faculdades inventivas, narcotizados pelo tabaco de que abusamos como nenhum outro paiz da Europa, sem uma idéa elevada, sem um pensamento generoso, sem uma voz, sem um grito, sem um gesto que penetre, esclareça e vibre este velho mundo devasso e tonto.

Na politica a nossa historia actual é a abdição por ineptia de todos os foros e de todas as franquias de liberdade conquistadas pela geração que nos precedeu. Vêde a representação nacional. O<sub>a</sub>

nossô parlamento tem muitos defeitos, mas todos elles procedem de um vicio capital, irremediavel, sem cura — a incapacidade intellectual para comprehender o machinismo do mundo moderno, perceber a lei das novas evoluções sociaes, e debater com perfeito conhecimento do systema da universalidade moral que nos governa os altos interesses do tempo a que pertencemos. Com menos eloquencia, com menos ardor, com menos fé que em 1836 os actuaes deputados da nação vivem ainda a equilibrar as velhas duvidas pulverulentas e desengonçadas do estabelecimento do systema parlamentar. No emtanto no resto do mundo os acontecimentos scientificos, sociaes e politicos precipitam-se vertiginosamente, creando transformações que os antigos tempos não viam senão de uma gestação de seculos. Dentro de poucos annos a Italia unifica-se; a corôa de Roma cae da frente do Papa; os Bourbons são expulsos da Hispanha; os Bonapartes fogem da França; constitue-se o imperio allemão; a America emancipa os seus escravos; a Europa perfura o Monte Cenis e abre o canal de Suez; em Paris estala a revolução social que no primeiro dos seus relampagos abre um abysmo de sangue; a classe operaria agita se por toda a parte, e o murmurio, profundo como o do Oceano, que ella está fazendo na sombra, abala a confiança que tinha em si a propriedade e o capi-

tal, e obriga as classes médias, em cujo poder jaziam desde a revolução franceza os destinos da civilização, a lembrarem-se de que a realeza, o clero e a aristocracia tiveram sobre o mundo antigo, assim como a burguezia sobre o mundo moderno, o seu tempo de dominio; que uma lei historica lhes arrancou o poder n'um momento, e que a hora do presente regimen pode soar amanhã, assim como successivamente soou, irrevogavel e fatal, a de cada um dos dominios que têm senhoreado a humanidade. Isto pondera-se, medita-se, discute-se em todos os parlamentos. Em Portugal sana-se a questão apagando as luzes e fechando á chave a sala das conferencias democraticas. Têm os politicos portuguezes alguma leve noticia do que se está passando no mundo? Ignoramol-o. Os partidos avançados o que querem? Novas liberdades em uma Carta reformada e a maxima descentralisação nos differentes ramos da administração publica. Ora em quanto á liberdade está-se provando em cada dia que nem da que possuímos temos apprendido a usar. Em quanto á descentralisação a civilização portugueza pararia no dia em que a votassem. Quereis uma prova? Ha districtos em que o numero das eschololas tem duplicado nos ultimos annos; pois bem: o numero dos alumnos é egual ao do tempo em que as eschololas eram de metade!

A verdade é que a civilização, bem como a liberdade, se não decreta. Só ha um unico meio de a alcançar: é merecel-a.

Ha muito tempo que os governos portuguezes, todos bem intencionados e honestos, longe de resistencias, não encontram senão dedicações no espirito publico; e não obstante vão cahindo todos successiva e rapidamente. Sabeis por que caem? Caem simplesmente pela ignorancia. E camaras e camaras successivas, tiradas de todas as condições e de todas as jerarchias sociaes, não dão de si um grupo de homens com a capacidade intellectual precisa para firmar o poder.

Possam os nossos filhos reclamar a felicidade a que seus paes não têm direito, apresentando-se ao futuro com merecimentos que nós não podemos invocar! Suspensão de vehemencias e de ironias! Trata-se da infancia. Não nos dirigimos aos politicos. Conversamos honrada e sinceramente comtigo, leitor amigo, e comtigo, leitora honesta; descansamos por um momento no chão as nossas armas para vos extendermos a mão.

Pesa sobre vós uma responsabilidade tremenda. No estado em que se acha a sociedade portugueza a familia é um duplo refugio — do coração e do espirito.

A familia é dos pouquissimos meios pelos quaes ainda é lícito em Portugal a um homem honrado influir para o bem no destino do seu seculo.

Querido leitor! o modo mais efficaz de seres util á tua patria é educares teū filho. Consagra-te a elle. A educação publica é uma burla atrozmente vergonhosa. Não lhe entregues a creança que o destino te confiou. Educa-o tu. Se não souberes mais, procura pelo menos tornal-o forte, ensina-lhe a lêr e a escrever, dá-lhe um officio e fal-o um homem de bem; elle de si mesmo se fará um sabio, se tiver de o ser. A ignorancia tem isso de bom: que se desfaz apprendendo. A falsa instrucção tem esta perfidia: não dá o ensino e inhibe de o tomar.

Outubro 1871.

## II

A arte de regular as maneiras por meio de uma combinação feita entre a nossa organização e a nossa vontade é uma das mais importantes cousas que se devem conhecer. Ha homens que, sem plausivelmente sabermos porque, alcançam tudo quanto que-

rem nas pretensões do Estado, nas transacções commerciaes, nas attenções das salas. Emerson, o celebre escriptor americano, observando que os individuos que mais frequentemente obtêm esses triumphos não são os mais intelligentes, nem os mais bellos, nem os mais honrados, averigua com muita logica que o successo das nossas aspirações na sociedade depende principalmente do nosso porte. Por tal razão Emæron define as maneiras — Talento de dominar.

No modo como nós nos vestimos, como falamos, como olhamos, como nos movemos, ha effectivamente uma especie de indefinido magnetismo a cuja influencia não pode furtar-se quem se lhe sujeita.

Napoleão I apprendia em licções particulares com Talma o melhor modo de traçar o manto e de se sentar no throno.

Madame de Girardin, escrevendo na *Presse* as cartas do Vicomte de Launay, deu aos seus compatriotas as mais delicadas regras do *maintien*.

Balzac deixou entre os seus trabalhos inéditos um importantissimo capitulo intitulado *A theoria do modo de andar*.

Carlos Dickens, por occasião de uma viagem aos Estados-Unidos, achou util explicar aos americanos, entre outros preceitos de civilidade, que não era de

bom gôsto, quando se estão vendo estas tuas, bater nos marmores com as bengalas.

Em Portugal todas essas cousas se apprendem nas escholas de instrucção primaria, e da disciplina formada do conjunto d'esses preceitos são os alumnos devidamente examinados nos lyceus nacionaes.

O mestre das maneiras portuguezas não é Talma, nem madame de Girardin, nem Balzac, nem Emerson, nem Carlos Dickens. É simplesmente o sr. João Felix Pereira, medico, engenheiro civil e agronomo.

Vejamos algumas d'essas leis que as creanças decoram para os seus exames e pelas quaes os adultos se governam nas suas correlações sociaes.

Para que o sujeito possa a todos os respeitos considerar-se um *gentleman*, acha conveniente o sr. João Felix:

- 1.º Que elle faça a barba.
- 2.º Que se não ponha á janella em mangas de camisa nem com o pescoço descoberto.
- 3.º Que quando escarrar o não faça sobre a cara da pessoa com quem fale (*maxime* se é uma pessoa de respeito!)
- 4.º Que não tenha os olhos em contínuo movimento.
- 5.º Que nos jantares de etiqueta não limpe os ou-  
2

vidos com o palito com que houver de palitar os dentes.

6.º Que não arrote á mesa.

O sr. João Felix especifica ainda, com um escrúpulo pelo qual nunca lhe poderemos votar o sufficiente reconhecimento, que *deante de gente de respeito se não cortem as unhas*.

E assim é! Achando-nos na presença de pessoas que respeitemos, como *verbi gratia*: Sua Majestade el-rei, um principe estrangeiro, um embaixador ou uma rainha, o pômo'-nos repentinamente a cortar as unhas—principalmente sendo estas as dos pés—poderia ser tido por acto menos palaciano.

Se o sr. João Felix nos permittisse um leve appendice aos seus conspicuos preceitos, diriamos que cortar os callos, nos parece tambem operação que, só em caso de muita necessidade, nos deveremos permittir no meio de grandes assembléas.

Quando se transpire depois da valsa, mudar de camisa no meio de um salão sem préviamente haver obtido para esse fim a permissão da dona da casa, egualmente nos occorre que poderia por alguns ser talvez arguido como acto de menos etiqueta...

Tratando do modo de proceder á mesa do jantar

faz o sr. João Felix Pereira duas observações muitissimo sábias.

A primeira é que *não tomemos pitadas de rapé pelo meio das cousas que estivermos comendo.*

Comprehende-se todo o alcance d'esta advertencia reparando-se, por um só momento que seja, nos equívocos a que podia dar origem a concorrência do rapé com os acepipes, resultando por exemplo lançar-se a pitada sobre a salada e metter-se no nariz beterrabas!

A segunda advertencia é que *nunca mettamos bocado nenhum na bôcca enquanto não tivermos engulido o bocado antecedente.* Ninguem imagina sem o ter experimentado quanto importa ser cauteloso na materia d'este capitulo! Mettendo na bôcca os bocados sem tomarmos a deliberação de os irmos successivamente engulindo, chegamos por espaço de tempos a uma indefinida agglomeração de boccados dentro da nossa bôcca. As pessoas que insistem por tenaz grosseria em não engulirem os boccados que vão mettendo consecutivamente na bôcca, caem ao cabo de alguns dias d'essa terrivel incuria na dura necessidade de depositarem os boccados antigos que tenham entre a maxilla superior e a maxilla inferior, afim de receberem boccados novos. Quando isto haja de se fazer convem que se tenha em vista o que o sr. João Felix discretamente con-

signa com respeito aos escarros, isto é: que taes esvaziamentos se façam o menos que ser possa sobre os penteados das pessoas que nos cerquem, e muito mais particularmente quando estas tenham tido a precaução de nos advertir de que taes depositos feitos sobre as suas cabeças lhes inspiram idéas asquerosas. N'este caso toda a insistencia da nossa parte correria o perigo de ser taxada de me-nos cortez.

Depois do que fica exposto nada mais nos resta para apprender do modo como nos devemos apresentar na sociedade, a não ser o que o mesmo sr. João Felix nos determina com relação ao nosso corpo, e isto importa muito que se saiba de cor. Vem a ser:

«Conservemos direito o nosso corpo, qualquer que seja a sua postura, em pé, sentado, de joelhos: não inclinemos a cabeça, já para um, já para outro lado: se nos fôr preciso fazel-o, façamol-o com toda a gravidade.»

Seria muito para desejar que no gremio das sociedades cultas se conhecesse que tal doutrina começava a fructificar ouvindo-se de quando em quando as seguintes vozes:

«Meus senhores e minhas senhoras, permittam-me vossas senhorias ou vossas excellencias (segundo o

tratamento que lhes convier pelas disposições a tal respeito do capitulo VII do grande livro do sr. João Felix Pereira sobre a civilidade) que eu lhes exponha um caso. Achando-me desde que entrei n'esta sala com a cabeça voltada a N. N. O.—ponto A—e acabando de ser chamado a N.—ponto B.—pela illustrissima e excellentissima senhora D. Joaquina, espero que a sociedade não tome por desfeita o excesso aparentemente inexplicavel em que vou romper inclinando levemente a cabeça do ponto a para o ponto b.»

E só depois de havida a competente vénia dos circumstantes, o supplicante se permitta inclinar-se levemente a D. Joaquina.

É o que pede a morigeração e a decencia.

Julho 1871.

### III

Começaram este mez as férias grandes nos lyceus, nas escholas superiores e na universidade de Coimbra.

As férias grandes em Portugal principiam em ju-

inho e terminam no principio de outubro. Quatro mezes.

Accrescentemos a esse tempo um mez, prazo das férias do Natal e da Paschoa.

Restam sete mezes de trabalho escolar, ou duzentos e dez dias.

Dos referidos duzentos e dez dias importa deduzir os dias seguintes:

Trinta e quatro domingos,  
Trinta e quatro quintas feiras,  
Quatro feriados pelo entrudo,  
Quatro feriados por outros motivos.

Somma total, passando por alto todos os dias santos: Setenta e seis dias de sueto.

Abatidos os quaes dias, setenta e seis, dos duzentos e dez dias de que consta o anno lectivo, resultam cento e trinta e quatro dias uteis.

Sendo o tempo das aulas em cada dia uma hora, achamos no anno — cento e trinta e quatro horas de aula.

Computando se agora o trabalho de um homem de estudo em doze horas por dia (Arago só trabalhava apenas doze horas nos seus dias de descanso), vemos que os trabalhos lectivos nos lyceus, nas escholas superiores e na Universidade se reduzem a

Onze dias por anno!

É claro pois que um homem de boa vontade que durante cinco mezes se encerre a aprender no interior do seu gabinete, deve necessariamente saber muito mais ao cabo d'esse tempo do que qualquer alumno das nossas escholas superiores, ao fim dos cinco annos de um curso. E isto por uma razão muito simples em favor do estudante livre: é que elle teria tido tres vezes mais tempo de ensino em cinco mezes do que nas escholas publicas em cinco annos.

Dentro de um anno de estudo livre devidamente aproveitado, prova-se arithmeticamente, que poderia qualquer individuo seguir todos os cursos de todas as faculdades como ellas se ensinam na Universidade e merecer ao fim d'esse anno o grau de bacharel em todas ellas — direito, medicina, theologia, philosophia e mathematica.

Nas escholas publicas o alumno que segue um curso tem, desde os quinze até os vinte annos de idade, cincoenta e cinco dias de licção a doze horas de licção por dia.

Cincoenta e cinco dias... em cinco annos!

As férias grandes são o unico remedio dado pelo Estado a esta calamidade verdadeiramente pavorosa.

Graças ás férias grandes, ha quatro mezes inteiri-  
15

ramente livres em que os alumnos se recolhem a suas casas, sendo por alguns aproveitado então esse beneficio do tempo... em aprender.

Bem haja o Estado, e abençoadas sejam as férias!

Junho 1871.

#### IV

O compendio do sr. João Felix não é o unico modêlo do seu genero que a instrucção publica portugueza offerece ao pasmo do estrangeiro e á educação do indigena.

Dizendo-se todos os dias que Portugal é um paiz essencialmente agricola, lancemos os olhos ao livro elementar destinado ao ensino agricola nas escholas nacionaes.

O auctor do compendio que temos aberto a nossos olhos chama-se o sr. Antonio Francisco Moreira de Sá.

Vamos lêr.

«Pergunta. A que se chama ferramenta de lavoura?»

«Resposta. A um instrumento simples, portatil, o qual posto que conste de differentes partes, parece todavia feito de uma só peça.»

«P. A que se chama machina de lavoura?»

«R. A machina é um instrumento complicado e composto de várias peças, que se podem desarmar.»

«P. O que é arado?»

«R. É o que não tem jôgo deanteiro.»

«P. Que se pode dizer do centeio?»

«R. Depois do trigo é dos mais uteis cereaes.»

«P. Que se pode dizer do arroz?»

«R. O arroz é originario da India onde elles fazem do arroz o mesmo uso que nós do pão.»

«P. Que ha a respeito do feijão?»

«R. O feijão divide-se em várias qualidades.»

«P. Que é necessario para haver bom estêrco?»

«R. Sabel-o produzir, conservar e empregar.»

O sr. Moreira de Sá, cujo livro trêmendo e profundo como o olhar de um idiota, nós sentimos não

poder reproduzir integralmente n'estas paginas, prova n'essa sua obra immortal que o auctor conhece assustadoramente o grande mysterio de *produzir, conservar e empregar estérco!* A critica extra-official respeita e admira n'esse livro todo uma leiva uberrima de optimos farinaceos, e a unica cousa que nos parece *haver a respeito do feijão*—além das qualidades em que elle se divide—é que este legume certamente se regalaria muito plantado n'esse livro.

*As Farpas*, em nome da agricultura portugueza, folgam de ter esta occasião de animar o sr. Antonio Francisco Moreira de Sá e a critica superior e official da instrucção publica a que continuem a enriquecer-nos—produzindo.

Julho 1871.

## V

Constellemos estas paginas com os esplendores de duas definições scientificas desengastadas dos primores de um compendio de geographia e de chronologia do sr. Victoria Pereira, professor.

*Primeira:* «Universe é o espaço que medeia entre a terra e as estrellas »

*Segunda:* «A sciencia que trata dos fluidos chama-se mineralogia.»

Umás cousas se nos figuram inteiramente parecidas, pela substancia de que são formadas e pelos seus effeitos provaveis nas visceras a que se applicarem, com aquellas definições propinadas pela Instrucção Publica ao espirito da infancia: são as pilulas promulgadas pela camara para os seus cães vadios.

Para que nem os cães nem os alumnos se enfastiassem com a repetição d'estes acepipes, convinha talvez que de quando em quando a camara municipal, de combinação com a junta consultiva de instrucção publica, fizessem juntas uma experiencia: lançar a sua estrychnina á infancia estudiosa e os seus compendios aos cães famintos... A vêr!

Julho 1871.

## VI

Até ha bem pouco tempo (oh incuria!) todos os compendios de historia portugueza adoptados nas escholas de instrução primaria principiavam invariavelmente do seguinte modo:

*Pergunta.* — Quem foi o primeiro rei de Portugal?

*Resposta.* — D. Affonso Henriques.

*Pergunta.* — Quaes foram os factos notaveis do reinado d'esse rei, e quem lhe succedeu?

*Resposta.* — Succedeu-lhe D. Sancho, etc.

E assim por deante até S. M. o sr. D. Luiz I.

A proposito d'estes compendios observou-se que elles eram imperfeitos pela razão de que se consagravam prolixamente ás aneddotas milagrentas da fundação da monarchia e aos casos biographicos e romanescos dos nossos antigos reis, deixando no escuro dos ultimos planos, apenas indicados com extrema leveza á attenção dos estudiosos, os factos da historia contemporanea, os quaes pelo contrário seria conveniente expôr com perfeita exactidão e luci-

dez critica, a fim de dar aos alumnos a lição que mais directamente os interessa: do estado social e politico no seu tempo e na sua época.

Assim, ficou opinado que o melhor compendio de historia patria seria aquelle cuja parte principal fôsse dada á historia contemporanea, deixando para ultimo logar o tocante á chronica das antigas dynastias e ao heroismo dos nossos remotos feitos.

Um professor illustre a quem isto se disse, attendendo bem no que havia de profundamente proveitoso e prático em semelhante alvitre, propoz-se satisfazer n'este ponto as exigencias da critica, e para esse fim compoz um compendio, o qual continha exactamente o mesmo que todos os compendios feitos, com a differença de que, dando a primazia á historia contemporanea sobre os factos antigos, principiava assim:

*Pergunta.* — Quem foi (verdadeiramente) o primeiro rei de Portugal?

*Resposta.* — S. M. o sr. D. Luiz I.

*Pergunta.* — Quaes foram os factos notaveis do reinado d'esse illustre rei, e quem lhe succedeu?

*Resposta.* — Succedeu-lhe el-rei D. Pedro V, etc.

E assim por deante até D. Affonso Henriques. ao qual como mais remoto fôra consequentemente dado o derradeiro logar n'este portentoso livro!

O conselho superior de instrucção publica apres-

sou-se immediatamente a approvar para a adopção nas escholas a nova obra do arrojado reformador da nossa historia elementar.

Além d'este homem verdadeiramente grande, conheces tu já, leitor amigo, na historia dos compendios portuguezes Moreira de Sá—o dos esterco; João Felix—o dos gazes; Victoria Pereira—o dos fluidos.

Todos elles são preclaros e immortaes.

Victoria, descobrindo que a sciencia dos fluidos se chama a mineralogia, rasgou perspectivas inesperadas na sciencia.

Moreira, immergindo denodado das profundezas dos estrumes para revelar ás gerações absortas tudo o que ha a respeito do feijão, é bello!

De João Felix, que com mão firme pautou a direcção que cada um deve dar aos seus gazes achando-se em sociedade, podemos dizer que é o Franklin do arrôto, o creador excelso de uma nova rosa dos ventos!

Depois que tão altos varões foram por suas investigações e descobrimentos coroados pelo conselho superior de instrucção publica perante a patria reconhecida, sentir no genio a pontada lancinante, prenuncia de que o sujeito tem no interior um compendio de instrucção primaria, e não abafar esse

compendio, não o estrangular nas entranhas, deixal-o que saia á luz e que rabeie audaz entre os fluidos, os esterco e os gazes que o precederam, grande arrôjo se figura.

Todavia no presente mez de outubro, inesperada e repentinamente. um novo compendio apparece. É seu auctor o sr. João José Lopes, e tem por titulo *Taboada methodica dos rudimentos de arithmetica.*

Para mais rapida e prompta propagação dos principios contidos no citado livro vamos fazer textualmente e verbo a berbo alguns excerptos :

## PRIMEIRO

(Pagina 7, linha 1.<sup>a</sup> e seguintes)

P. O menino está ahí?

R. Estou, sim, senhor.

P. O menino só o que é?

R. Sou um menino.

## SEGUNDO

(Pagina 10, linha 32.<sup>a</sup> e 33.<sup>a</sup>)

P. O que é um?

R. E um.  
19

## TERCEIRO

(Pagina 11, linha 32.<sup>a</sup> e 33.<sup>a</sup>)

*P.* Havendo dez meninos como se chama o menino que estiver «antes» de todos?

*R.* É o primeiro menino.

## QUARTO

(Pagina 13, linha 20.<sup>a</sup> e seguintes)

*P.* Sabe a quantidade de meninos que existem?

*R.* Não sei.

*P.* O que é preciso para saber a quantidade de meninos que existem?

*R.* É preciso saber o numero d'elles.

*P.* O que é saber o numero de meninos que existem?

*R.* É saber as palavras com que hei de dizer a quantidade de meninos que existem.

## QUINTO

(Pagina 14, linha 30.<sup>a</sup> e seguintes)

*P.* Seria possível contar uma a uma o numero das cousas que existem?

*R.* Se fôssemos a contar o numero das cousas que existem, ellas são tantas que nunca acabariamos.

*P.* Então o que se faz para dizer com brevidade o numero das cousas?

*R.* Conta-se uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez cousas. Quando as cousas que se contam chegam ao numero dos dedos das mãos que são dez, em logar de dez cousas, diz-se que temos uma dezena de cousas.

O livro a que alludimos foi approvedo pela junta consultiva de instrucção publica para uso das escholas primarias, e está adoptado na eschola annexa á eschola normal primaria do sexo feminino.

Á junta consultiva de instrucção publica diremos. . Mas não! para que? Nós duvidamos que a junta consultiva saiba lêr.

Emquanto a ti, João José Lopes, prosegue! As *Farpas* sympathisam com o teu genero. Quem descobre como tu um meio tão simples de dizer com

brevidade o numero das cousas que existem qual é o de as contar, um homem que acha isto, não pode deixar de ser um cavalheiro.

Vemos, amigo, que tens outras obras publicadas e que novos livros preparas para dar á estampa. Parabens, e ávante! Se Felix, Victoria ou Sá te morderem de inveja, cá estamos nós!

Escreve, escreve, João José! escreve muito!—verás o bem que isso ha de fazer-te ao figado!

Outubro 1871.

## VII

A universidade de Coimbra continua indefinidamente celebrando a festa do seu glorioso centenario.

Porque o programma da festa do centenario da universidade de Coimbra tinha differentes partes. Tinha a parte musical, a parte pyrotechnica, a parte numismatica, a parte culinaria e a parte scientifica. Tocaram-se todas as musicas, lançaram-se todos os foguetes, cunharam-se todas as medalhas commemorativas do caso, e não só se comeu todo

o arroz dôce tributado á consagração do grande dia pelas familias dos senhores doutores, mas até se comeria mais — a tal ponto foi profunda a commoção e vivido o enthusiasmo de toda a universidade!

Unicamente na parte scientifica e litteraria está-se desempenhando ainda o programma, porque não poderiam ser concluidas por emquanto as memorias cuja publicação se annunciara.

Portanto a festa continua, e emquanto as memorias não apparecem o jubilo da universidade pela fausta celebração do seu glorioso centenario conservar-se-ha — indescrível!

## VIII

Na aula do primeiro anno de chimica da universidade de Coimbra um alumno despejou sobre a cabeça do sr. doutor Leão, lente, uma chocolateira de agua a ferver.

Ora como a universidade, entre outras operações scientificas com que projecta festejar o centenario, tem em mente um projecto de reforma de estatutos, tomamos a liberdade de suggerir a conveniencia

de'se consignar no programma novo dos estudos um convite ao estudante para que este se cohiba, tanto quanto possivel seja, de derramar agua a ferver em cima dos professores.

Não que o argumento da agua a ferver pela cabeça nos não pareça inteiramente decisivo, mas porque receamos que generalisada um pouco esta dialectica, o corpo docente venha dentro de algum tempo, á fôrça de argumentar com os alumnos, a não ter para metter dentro dos capellos senão cabeças — cozidas.

## IX

Em um dos dias d'este mez parece que nas aulas da universidade um estudante dissera que era christão, — o que todavia, segundo elle, não queria inteiramente dizer que admittisse a divindade theologica de Jesus. O que o sr. doutor Jardim, professor, apoiou.

Um jornal catholico de Coimbra aggride o doutor Jardim pelo seu apoio official aos que duvidam

da divindade de Christo. Alguns periodicos liberaes defendem o acto do professor.

Nós pediremos licença para fazer uma distincção.

Se o sr. doutor Jardim foi levado pelos seus estudos da methaphysica e das religiões a differençar como racionalista a convicção christã e a interpretação theologica de Deus, o sr. Jardim, fazendo publica essa affirmacção scientifica, tem direito a ser visto e respeitado como um pensador sincero e um philosopho plausivel.

Se porém o sr. doutor Jardim é entre os livres pensadores menos pensador do que livre, se sua ex.<sup>a</sup> é apenas atheu ao modo dos guerreiros de 1834—hoje reformados—que se bateram pela extincção dos conventos, e que principiaram a embirrar com Deus em virtude d'esta comprehensão—aliás vulgar entre os antigos coroneis—de que Deus era frade, então, o sr. doutor Jardim é ridiculo.

No primeiro caso diremos ao senhor lente—pensador positivo—com o devido acatamento e respeito: que a universidade de Coimbra, como o Marquez de Pombal a organisou, é catholica apostolica romana, e que sua ex.<sup>a</sup>, racionalista, deveria ante-

pôr a defesa da liberdade religiosa á prática da liberdade de ensino, e antes de discutir a religião imposta pelo instituto a que pertence, tombar o instituto que lhe fixa uma religião indiscutível.

No segundo caso diremos a sua ex.<sup>a</sup>—impio de caserna—que modere a sua impavidez, porque se lhe é permittido considerar longinquo o abysmo em que o réprobo encontra o ranger dos dentes, ahí bem perto da cadeira de sua ex.<sup>a</sup> ha a aula de chimica, onde a livre discussão ergue sobre a fronte dos preceitos—a tremenda chocolateira das aguas que fervem!

## X

O sr. visconde de Monte São fez ultimamente á mocidade academica um revelação formidavel. Sua ex.<sup>a</sup>, professor na universidade, disse da sua cadeira

Que a faculdade de philosophia—ia levantar a bitola.

E ahí têm, em bem poucas palavras, um grande successo verdadeiramente memoravel! Reconhecimento e gratidão ao sr. visconde de Monte São, que depois de cem annos de rotina, acha bem que na universidade de Coimbra a philosophia — levante a bitola!

O que não irá na Allemanha, entre os sabios, quando elles de lá virem a philosophia portugueza apresentar-se ao mundo — de bitola levantada!

## XI

Com a mais extranha commoção lêmos ultimamente que fôra nomeado aio de sua alteza o principe real sua ex.<sup>a</sup> o sr. Martens Ferrão, abalisado jurisconsulto e procurador geral da corôa.

É talvez uma bem perigosa temeridade da parte de prosaicos e obscuros burguezes como nós somos o atrevermo'-nos a meditar um momento no que possam ser perante a educação e perante a sciencia as attribuições especiaes de um aio junto de um

principe. Todavia — debalde procuraríamos escondel-o — em presença de semelhante assumpto, profunda e illimitada é a confusão do nosso espirito. Por isso que, por mais assignaladas que se nos representem as differenças que devem distinguir o alto e poderoso filho de um monarcha do mero filho de um fabricante de velas de cebo, nunca, por maiores que sejam na direcção do infinito os arrojões da nossa phantasia curiosa, nunca podemos chegar a alcançar, nem pelas presumpções mais vagas nem pelas mais remotas suspeitas nem pelas mais afastadas conjecturas, qual o emprêgo prático e effectivo que possa dar um principe aos prestimos de um aio. Para satisfação de que necessidades, de que conveniencias ou de que simples formalidades, em que condições, em que circumstancias, em que especial momento da preciosa e augusta vida do real infante vae sua excellencia o aio á presença de sua alteza o principe?!... Nós o ignoramos.

Porque, quando as ordens de sua alteza procedam das necessidades do seu espirito, das curiosidades da sua intelligencia, dos interesses da sua instrucção, sua alteza pedirá naturalmente algum dos seus mestres ou algum dos seus livros, e a sua alteza será então applicado um professor de linguas, um compendio do sr. João Felix ou um numero do *Diario de Noticias*. Quando os desejos manifesta-

dos por sua alteza dimanem das urgencias physicas da sua natureza, das fatalidades animaes do seu organismo ou do seu temperamento, sua alteza pedirá o seu banho, o seu jantar, as suas pastilhas ou o seu escarrador; e então os camaristas de sua alteza, as suas aias e os seus escudeiros cumprirão os desejos de sua alteza.

E não vemos, nem na ordem physica, nem na ordem moral, nem na ordem intellectual das relações de sua alteza com o mundo externo, a necessidade, a conveniencia ou a plausibilidade da intervenção do aio.

A não ser que a concorrência d'esta legendaria methaphysica se deva considerar nos reaes paços como um acepipe *hors d'oeuvre* ou como um objecto suplementar de recreio, porque então comprehendemos de certo modo que ao serviço particular de sua alteza um camareiro exclame:

«Está o *lunch* na mesa: ha *galantine*, rabanetes e o sr. Martens Ferrão com salsa picada e manteiga fresca.» Ou então: «Eis os brinquedos de sua alteza: aqui está a bola de guttapercha e a caixa com o sr. Martens Ferrão de engonsos.»

Se porém—e perdoe-se-nos esta hypothese—se, sob a senhoreal e demievica palavra «aio», devemos entender a idéa perfeitamente logica, sensata, po-

pular, de um preceptor prático, de um mestre experimental, de um amigo, de um companheiro, n'esse caso notaremos com o mais profundo respeito a Sua Majestade a Rainha, dedicada mãe e primeira educadora do joven principe, que foi singularmente illudida a sua perspicacia elegendo o sr. Martens Ferrão como conselheiro official e privauo de seu filho, como guia experimentado da candida existencia inexperiente do innocente alumno. E isto por uma razão que de nenhuma maneira desabona os altos merecimentos de sua excellencia o actual senhor procurador geral da corôa, antes pelo contrario os confirma e corrobora. Esta razão é que: o sr. Martens Ferrão, pela sua natureza, pela sua organização, pelo seu temperamento, pelo seu caracter, pela sua biologia, é tão inexperiente, tão candido, tão ingenuo, tão innocente e tão puro como o proprio alumno que elle é chamado a aconselhar e a dirigir na difficil e complicada navegação da vida.

Passando em tenros annos do regaço d'aquella que lhe deu o ser para os braços da austera jurisprudencia, que tinha de amamental-o para a sciencia e para a gloria, o sr. Martens Ferrão tem até hoje-passado a sua vida *en nourrice* em casa do Direito Publico.

Os seus dias têm decorrido transcendentemente

fora das condições históricas do tempo e do espaço. A sua existencia tem sido exclusivamente mystica e symbolica. Quando tem os seus impetos mais ferozes de extravagancia, de anarchia, de deboche, elle sae a passear pelas viçosas campinas da philosophia do direito e faz patuscadas orgiacas e escandalosas com as origens celticas do direito e com as liberdades municipaes do imperio romano. Depois o remorso apodera-se d'elle. No dia seguinte acorda pallido, abatido, com a lingua grossa: o espectro pavoroso e formidavel do sr. Batbie appareceu-lhe em sonhos, e elle ouviu vozes vingadoras que lhe bradavam das profundidades da noite e do arrependimento: «João Baptista, para onde deixaste o direito de punir? que fizeste do direito administrativo, João? que é do direito internacional, Baptista?!» Taes são os seus dias de mais desdem, de mais anormalidade, de mais sexo, de mais jôgo e de mais Champagne! tal é o seu despertar contricto para a legalidade, para a descentralisação districtal e para as reformas de administração! Tal, resumidamente, é elle! E quando dizemos *elle*, commetemos uma incerteza de concordancia, porque tão pura, tão transcendental, tão scientifica é a personalidade do sr. Martens Ferrão, que nada obsta a que a historia referindo-se a sua excellencia, em vez de dizer *elle*, diga — *ella*. Pela nossa parte, aguar-

dando ácerca da resolução d'esse ponto as ultimas disposições definitivas da posteridade, diremos por emquanto simplesmente *el*, sem a desinencia de genero, sob a respeitosa fórmula neutra.

Como diziamos, pois, tal é—*el*.

Analysando, timidamente como o temos feito, a nomeação do sr. Martens Ferrão para aio do principe real—note se bem isto—não é a sorte de sua alteza o que nos inspira receios sob a guarda de um tal guia... Ah! não! É pelo contrario o destino de sua excellencia o que nos inquieta sob a influencia de um tal companheiro. Por *elle* podemos estar perfeitamente socegados. Mas *el*? o que será d'*el*, *el* tão puro ou pura, tão candido ou candida, sob os impulsos da nova existencia que repentinamente vae no seu temeroso vertice arrebatá-lo ou arrebatá-la?!

Na vida da côrte, fina, scintillante, irritavel, cheia de factos, de commoções, de rasgos de espirito e de valor, de emboscadas, de surpresas, de malicias, de tentações, quantos perigos, quantos laços, quantas ratoeiras para a innocencia virginal, para a candida pureza inexperiente e inerme d'*el*!...

Os principes por effeito da sua vida reclusa, claustral, vigiada, monotona, amam naturalmente a escapada, o mysterio, a aventura, a innocente anor-

malidade. Apraz-lhes a sortida arriscada, a partida carnavalesca, o ruído dos festins secretos, a máscara inescrutável, a longa capa dramática e a espada ligeira e subtil dos paladinos;— o que se lhes deve relevar, porque é esse o unico despique dos príncipes para a secca official dos intrigantes, dos bajuladores, dos ambiciosos, dos sensaborões e dos hypocritas que ordinariamente os rodeiam. Estes porém não são ainda para *el* os unicos perigos. Não é licito esconder que ha outros mais e muito mais temerosos. Pensemos nas influencias tempestuosas d'esse elemento, terrível para a mocidade, que se chama—a mulher. Sentimos maguar com este pormenor a pudicicia do sr. procurador geral da corôa, mas esta é a verdade que não devemos occultar aos olhos de sua excellencia. Diz Michelet, que em todo o tempo a mulher attrahiu o homem, assim como a vinha da Italia chamou os gaulezes, e a laranja da Sicilia chamou os normandos. Ellas chamam-nos, ó srs. procuradores geraes da corôa, ellas chamam-nos! Lembremo'-nos da bella Helena, sr. Martens Ferrão, lembremo'-nos de Semiramis, de Cleopatra, da casta Penelope, das Sabinas!

Os príncipes não estão mais exemptos que os outros homens d'esta lei geral da humanidade, e os que vivem com elles—ponderemol-o bem—ficam sujeitos ás mesmas influencias que envolvem os reis.

Guilherme VII, cuja fé religiosa era tão ardente, que elle foi á Terra Santa com cem mil homens, o proprio Guilherme VII levou tambem na viagem do Santo Sepulcro a galante legião das suas amantes, e diz d'elle uma velha chronica que, bom trovador e bom cavalleiro d'armas por muito tempo correrá o mundo *para enganar as aamas*. Tal é a raça de que elles saem, ás vezes, quando não saem peores que o mystico e piedoso Guilherme! Que a actual procuradoria geral da corôa emquanto é tempo o medite!

De Francisco I, um dos mais sabios e dos mais uteis reis que tem tido o mundo, diz-se que ás bellas milanezas se deve a mais importante parte na perseverança com que elle combateu pela conquista da Italia.

Sem falarmos na cohorte das peccadoras, tão gen-tís como funestas, dos *boudoirs* de Luiz XIV e da Regencia, recordemos ainda as dissolutas e ferozes mulheres da côrte de Carlos IX, Catharina de Medicis, Maria Touchet, e as grosseiras amantes torpes de Luiz XI, a Gigogne e a Passefilou... Oh! pudor! oh decôro! oh reforma administrativa!

Suppondes que a educação, os exemplos saluta-res e os conselhos sabios possam preservar os principes dos perigos das suas ligações clandestinas? Mas quando assim pudesse ser, quantos outros ris-

cos na propria convivencia legal das mulheres legitimas?

Um dia Maria Laczinska, legitima mulher de Luiz XV, recusou um beijo ao rei com o fundamento de que este cheirava a vinho. Luiz, segundo a expressão pittoresca de um chronista das galanteias escandalosas do seculo passado, começava então *a tomar o gôsto ao Champagne*. O rei resolveu n'esse dia nefasto separar-se para sempre da rainha, e são sabidos os desgostos e as desgraças que o rompimento d'essas relações custou á felicidade da França e á moral da Europa. Que remorso para o aio de Luiz XV! Foi d'elle a culpa d'esse desastre. Se o aio do joven rei, em vez de começar *a tomar o gôsto ao Champagne* juntamente com o seu alumno, fôsse, como pelo contrario devia ser, um experimentado e antigo *soupeur*, conhecedor esperto de todas as ciladas armadas ao homem pela bebida e pelo amor, elle teria evitado o divorcio do rei.

Tel-o-hia evitado, porque teria ensinado ao seu alumno, com a auctoridade da experiencia, que a intemperança nas ceias e o abuso no Champagne produzem as hepatites, as predisposições para a apoplexia e para a gôtta e a manifestação das areias no rim. Se o principe não obedecesse a estes conselhos e persistisse em cear, n'esse caso o seu aio

22

lhe faria comprehender que depois de ter bebido Champagne nenhum homem vae conversar com se-nhoras sem ter concluido a sua digestão e sem ha-ver préviamente lavado a bôcca com um elixir den-tifrico. Um pequeno passeio ao ar livre, uma gôtta de laudano ou uma pastilha, qualquer d'estas tres cousas ministrada opportunamente por um aio in-telligente e dedicado, teria obstado ao rompimento das relações de Luiz XV com sua mulher e a todas as consequencias que d'ahi se seguiram.

Algumas vezes succede ainda que, além de todos estes desgostos, d'estas decepções e d'estes remor-sos, os aios, os validos, os intimos dos principes levam ainda por cima pancada das princezas. N'este ponto as chronicas são prodigas de eloquentes e salutaes avisos. Constança de Arles, por exemplo, mulher de Roberto Pio, tinha taes accessos furiosos de mau genio que um dia vasou um ôlho do seu proprio confessor batendo-lhe com uma bengala que tinha no castão um bico de passaro. Esta mesma bengala nem sempre se conteve perante a pessoa inviolavel e sagrada da real majestade, e por mui-tas vezes se ergueu sobre as cabeças dos amigos mais particulares do rei para nem sempre deixar in-teiros esses craneos dedicados e fieis. Foi a mesma sobredita princeza a que de uma vez mandou matar por occasião de um passeio, aos proprios olhos

do soberano, o ministro De Beauvais, que lhe desagradava, e que, de outra vez impoz para o outro mundo um cortezão antipathico, estafando-o com uma corrida que o obrigou a dar n'uma caçada.

Ora se a corôa tem por um lado a obrigação de escudar a infancia e a innocencia dos principes, não deve por outro lado sacrificar a inexperiencia inerme das instituições pondo os srs. procuradores geraes como barreira entre as tentações e as culpas, lançando emfim a alta magistratura ao pego tenebroso, ao mexilhoeiro insondavel em que ha o espumar dos vinhos capitosos, o sussurrar das sedas, o arfar dos leques, os sorrisos tentadores e as bengalas de castão de bico.

Novembro 1873.

## XII

Ha dias uma pobre senhora—uma burguezia cuidou eu — casada, mãe de filhos, ainda nova e bella, teve de ser operada de um cancro, fazendo-se-lhe a amputação do seio direito. A operação deu em

resultado observar-se que o tumor estava ramificado para o lado esquerdo do peito. A doente, que tinha sido chloroformisada para supportar a operação, recuperou os sentidos no momento em que se discutia e se preparava esta cousa terrivel: — amputar-lhe o seio que ainda lhe restava. Ella comprehendeu, no meio do embaraço suscitado pelo seu despertar inesperado qual era o segredo que procuravam occultar-lhe, e com uma grande firmeza resignada, disse:

— Cortem-m'o tambem: o meu filho está creado.

Oh! obrigado, minha desconhecida, minha obscura, minha santa amiga, que tens hoje no logar da curva graciosa e sensual do peito feminino os ossos raspados pelo bisturi sob os quaes se esconde o teu coração magnanimo! Bemdita sejas tu que me permittes ao cabo dos tres annos dolorosos de critica, de ironia, de piedade ou de desdem que constituem a collecção d'estes pequenos livros, extrahir emfim do coração d'este mundo decadente e ridiculo uma palavra luminosa — uma palavra ao menos — verdadeiramente genial e sublime!

Não instrues, não libertas, não emancipas ninguém, ó dôce ephemera, sublime ignorada, mas consegues com o simples sentimento o que não sabem fazer com elle os maiores artistas sentimentaes e

lacrimosos: fixar n'uma phrase o ideal humano da elevação e da dignidade no amor.

A tua palavra divina, registada n'estas paginas obscuras mas sentidamente verdadeiras e honradas, passará alada e candida por cima do charco revôlto das nossas intrigas, das nossas mediocridades e das nossas miserias, no rasgo de um vôo ineffavel e profundo através do céu como a pompa do diluvio, annunciando áquelles que olham pensativos para a devastação da torrente que ha n'este baixo mundo um logar eternamente puro e sagrado, guardado pelo olhar de Deus: —o logar em que o vosso coração encerra, ó mães, o amor dos vossos filhos.

1874.

### XIII

Em Franca ha uns livros para fazer rir que se intitulam *Mille et une bêtises*, *Cent mille bêtises*, *Un million de bêtises*, etc. Em Portugal ha uma collecção d'este genero, em que a toleima faz chorar pelas profundidades comicas em que penetra no tragico. Estes livros portuguezes constituem um com-

mercio patrocinado pelo Estado e intitulam-se «Os compendios de instrucção primaria approvados pela junta consultiva de instrucção publica.»

Por muitas vezes nos temos referido ás facecias venenosas que os auctores encartados de compendios publicam e vendem para as escholas sob a approvação da junta consultiva. O unico resultado que até hoje podemos conseguir á civilisação por effeito da analyse de taes livros foi que os auctores d'elles, nomeados informadores do gremio dos escriptores publicos, elevassem a importancia do imposto industrial do auctor d'estas linhas á somma de trinta e seis mil réis annuaes. Tambem a unica cousa verdadeiramente espirituosa que temos visto fazer a estes senhores é esta de não darem licença que os achemos phenomenaes por menos de trinta e seis mil réis! Esperamos que suas mercês nos abatam oito tostões na decima do anne que vem em remuneração d'esta concessão que espontaneamente fazemos aos dotes atilados do seu espirito.

E se nos forem assim corrompendo progressivamente até nos fazerem pagar tão pouco como elles mesmos pagam, verão que ainda havemos de chegar a consideral-os com direito, pelos progressivos desenvolvimentos da sua razão, a deixarem de comer cru o seu esparregado.

Ai, perfidos! a que baixas lisonjas não sereis vós

capazes de nos obrigar, tendo-nos na mão a decima!

No entanto achamo'-nos frente a frente com um compendio que ainda não apresentamos ao leitor. Intitula-se «Methodo de leitura elementar» e é approvedo pela junta consultiva de instrucção publica.

Este livro... (chamamos a attenção dos srs. repartidores das quotas no gremio dos escriptores publicos) este livro achamol-o bom, muito bom! E se a junta consultiva, desde que leu e approvou esta obra, se está rebolando no chão de confusa e de maravilhada, pedimos-lhe licença para ir gosar por uma ou duas horas da sua amavel companhia, porque sentimos egualmente, em vista d'este notavel livro, a necessidade moral de nos rebolarmos tambem.

Havendo no compendio a que nos referimos alguns pontos em que a imperfeição do nosso entendimento nos não permite chegar á certeza no conhecimento da verdade, pedimos sobre esses pontos, sem prejuizo da nossa admiração, o subsidio explicativo da junta de instrucção publica. O que simplesmente desejamos é esclarecer o nosso espirito.

A seguir exporemos alguns textos da *Leitura elementar* acompanhando cada texto do respectivo quesito ou reflexão que elle nos suggere.

Texto—*A pedra é um corpo solido porque em qualquer parte que se ponha tem sempre o mesmo feitio.*

Objecção—Tendo a pedra este feitio U, notamos que se a pozermos n'uma parte em que ella fique emborcada para baixo toma o feitio de um arco; ficando revirada para cima toma o feitio de um u; ficando voltada para a direita toma o feitio de um c; ficando para a esquerda toma apenas o feitio de um gancho. Pergunta-se se, para que uma pedra se considere um corpo solido, é absolutamente preciso collocar-a em qualquer parte de maneira que ella não fique nem para a direita nem para a esquerda nem para cima nem para baixo? E n'este caso como é que a junta consultiva determina collocar a pedra e mais corpos solidos para que em qualquer parte que se ponham não mudem nunca de feitio?

Texto—*Os animaes muito pequeninos chamam-se bichos.*

Reflexão—Desde que grau de pequenez é que se começa a ser bicho? Pede-se á junta consultiva que mande o tamanho por centímetros do maior dos bichos para se fazer idéa e ficar para estalão. Mais se pergunta se, sendo os bichos animaes muito pequeninos, os tão falados *grandes bichos* deverão começar a ser considerados como grosseiras calum-

nias e torpes aleivosias? E igualmente se estimaria saber se a bicha, ácerca da qual o auctor guarda um silencio reservado, regula em tamanho pelo bicho? E n'este caso, se quando até aqui chamavamos *bicha* solitaria a ténias com dez e doze metros de comprimento, não teriamos involuntariamente arrojado um feroz insulto ás faces d'aquelle tão interessante verme?

Texto — *Os bichinhos que têm riscas no corpo que parecem anneis chamam-se insectos.*

Quesito — Pretende-se saber se a um sujeito que tem no corpo um annel que parece risca se poderá, sem offensa, chamar igualmente insecto. Ha um individuo que, para seu governo, quer despir-se deante da junta consultiva para que esta verifique se uma risca que elle tem no corpo parece annel. Outro individuo que tem a firme certeza de possuir em seu corpo tres riscas parecidas com anneis precisa de saber se não corre perigo de vida pegando n'uma pitada de pó insecticida e se lhe é dado continuar a viver confiadamente no seio da sua familia sem o risco imminente de que esta o confunda — com as môtscas?

Texto — *Quem olha uma cousa sente prazer ou*  
ENCOMMODO *em vê-la.* <sup>31</sup>

Quesito — Se é lícito, com a aprovação da junta consultiva de instrução publica, escrever *incommodo* com *e*, pergunta-se se poderá igualmente escrever *prazer* com *i*?

Texto — *Um copo é um corpo porque se sente: vê-se, pode-se ouvir...*

Duvida — Em quanto a podermos vêr os copos não temos difficuldade invencivel em o poder fazer. Em quanto a ouvir-os parece-nos o facto mais difficil, mas como a junta consultiva opina que elle se pode dar, occorre-nos perguntar-lhe se será a esta operação de ouvir os copos que se referia o poeta latino quando exclamava: «*O copos!* (orthographia da junta consultiva) *Ó copos! hic labor est!*»?

71  
 Texto — *Ave é qualquer animalzinho que vôa... Animal é qualquer objecto que se pôde mexer por si mesmo, e ir de um sítio para o outro sem que ninguém o leve nem cousa alguma... Os peixes que nascem dentro de conchinhas chamam-se mariscos... Uma grammia pesa tanto como vinte grãosinhos de trigo... Quem a uma pêra addiciona mais uma, tem uma e mais uma...*

Meditação — temos repentinamente de principiar a considerar ave um animalzinho que vôa chamado mosquito; temos por outro lado de fazer entrar im-

mediatamente na classe dos vegetaes os animaes que pela velhice, pelo canção ou pela doença, se não possam mexer nem ir de um sitio para o outro sem que os levem; ouvimos a revelação terrivel dos peixes nas conchinhas, e do pêso da gramma; — tudo isto lançado de chofre a cerebros descuidados e fracos, não receia a junta consultiva que irrite e escandesça demasiado as cabeças da infancia, apesar do refrigerio d'aquelle theorema tão profundo e ao mesmo tempo tão simples de que «uma pêra e mais uma é uma e mais uma pêra»...?

Esperamos que a junta consultiva de instrucção publica não levará a mal as considerações que acabamos de lhe dirigir. Ellas não são inspiradas pela malevolencia nem pelo rancor. O nosso espirito está pelo contrário satisfeito, jubiloso, alegre. A respeito da alegria diz a junta consultiva, pela bôcca d'este compendio, as palavras seguintes: *Quando eu estou alegre, quem pode vêr a minha alegria? quem a pode ouvir, quem a pode cheirar, quem a pode apalpar? Ninguem: mas quando eu estou alegre, estou «assim de um certo modo» que faz que as outras pessoas tenham sentimento da minha alegria.* Como é tristemente verdadeira e desoladora esta observação psychologica! Assim é infelizmente. A junta consultiva não poderá nunca, por mais que

faça, ouvir, apalpar, cheirar o verdadeiro estado em que ficamos depois da leitura d'este seu compendio! Ella não nos apalpa, ella não nos cheira, mas permitta Deus, que comprehenda ao menos pelo sentimento intimo que, como ella muito bem diz, nós effectivamente nos achamos—*assim, de um certo modo!*

## XIV

Recebemos pela posta o seguinte bilhete:

«Desejo que o critico das *Farpas*, que ultimamente traduziu para o theatro de D. Maria *O marquez de Villemer*, queira ter o incommodo de informar-me se acha que seja permittido na boa sociedade de Lisboa, a uma menina tão bem educada como Mademoiselle de Saint-Railles na comedia al ludida, proferir a palavra *estrumes*. Espero resposta.—*Sua leitora.*»

Respondemos:

Minha leitora.—Não sei se na boa sociedade de as

meninas querem ou não permittir-se empregar na conversação as mais nobres palavras que tem uma lingua — as que se referem á cultura da terra e aos phenomenos da creação.

Em Caneças sei que os saloios têm n'esse ponto umas reservas cheias de pudicicia e que pedem licença prévia para falarem n'um *cavallo* ou n'um *porco*. Não posso dizer até que ponto os usos da sociedade de Caneças penetram na sociedade de Lisboa.

A minha opinião particular é: que uma menina bem educada está auctorisada a proferir em toda a parte os nomes claros, technicos, insubstituiveis das cousas que ella tem obrigação de saber. Ora d'essas cousas, as primeiras que deve apprender uma senhora são a arte da jardinagem e a arte da cozinha — os dois principios rudimentares da grande sciencia de crear e de alimentar o homem.

Michelet, de todos os grandes pensadores modernos aquelle que mais amou as mulheres e que deu na terra o paraíso áquellas que tiveram a ventura de serem a sua mulher, a sua filha e a sua neta, concebeu a regeneração da humanidade pela educação da mulher e começou a instruil-a fazendo-a penetrar os altos segredos da natureza e da vida por meio do estudo tão moralizador e tão elevado da jardinagem e da cozinha.

O estrume é o ponto de união entre a cozinha e o jardim, os dois sagrados dominios da intelligencia da mulher superior, da esposa, da mãe, da nobre creadora, da alimentadora, da protectora do homem.

O estrume é um dos factos mais interessantes e mais curiosos da grande historia profunda da terra e da natureza. É o objecto mais digno da attenção do nosso espirito.

O estrume é a historia toda da chimica, da geologia, da biologia, da botanica. O estrume, de per si só, explica-nos a grande e sublime evolução que constitue a vida nos vegetaes, nos animaes e no homem.

O estrume é a base, a origem, a condição primitiva e essencial de todas as cousas e de todos os seres sobre a superficie da terra. É o grande legado immenso, portentoso, successivamente deixado de geração em geração ao genero humano. Tudo o mais desaparece deante do roer do tempo, o eterno verme. Desapparecem as obras da arte, as do talento, as das civilisações mais fortes e mais firmes. Sómente se não anniquila, antes de dia para dia se accrescenta e se renova, o estrume, no qual lentamente se convertem todos os destroços, todas as ruinas e todos os monumentos que vae deixando em volta de si a passagem do homem.

Tudo passa.

O estrume fica eternamente.

Fica para que reverdeça a relva, para que se desdobrem os vinhedos pelas collinas, para que ondeiem as cearas pelas planicies, para que cantem as cotovias por entre as laranjeiras e os lilazes, para que os rebanhos se alastrem por baixo dos olivedos, para que as creanças continuem a rir, para que as mulheres continuem a amar, para que os homens continuem a apprender, e para que a minha leitora me dirija no bilhete mais dôce a pergunta mais extranha.

Supprimindo o estrume, sossobriria o mundo.

Na vida moral o estrume é uma lição ainda mais importante do que na vida physica. O estrume explica-nos a lei moral da solidariedade universal. N'elle apprendemos que é nosso destino pertencermos fatalmente aos nossos semelhantes e á grande mãe Natureza. Que a vida individual é um emprestimo divino feito pela vida universal a que eternamente pertencemos. Que a morte finalmente não é outra cousa senão a dôce restituição á suprema vitalidade da terra dos elementos que absorvemos d'ella.

Se todavia, apesar d'estas singellas e passageiras reflexões, que submetto á consideração da minha leitora, s. ex.<sup>a</sup> entender que se deve abster de pro-

ferir a palavra *estrume*, fica s. ex.<sup>a</sup> auctorizada para a substituir em todo o decurso d'estas linhas que lhe consagro, por qualquer outra que lhe pareça mais curial e mais idonea. Onde se lêr *estrume*, s. ex.<sup>a</sup> poderá dizer, por exemplo: o *arrebol*, a *briza*, a *toilette á Rabagas* ou a *valsa a dois tempos*. E Caneças applaudirá.

Abril 1874.

## XV

Illustrissimo e excellentissimo senhor Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho de ministros. — Para o dia 8 de dezembro do corrente anno de 1874 annuncia-se, como vossa excellencia sabe, um phenomeno astronomico da mais alta importancia para a sciencia — a passagem do planeta Venus pelo disco do sol. Da rigorosa observação d'esse phenomeno depende o poder a astronomia moderna determinar com a maxima approximação a distancia da terra ao sol, isto é: uma das mais importantes noções do systema planetario.

Este problema da parallaxe solar, excellentissimo senhor, tem sido o objecto dos estudos incessantes e da attenção ininterrompida de todos os astrónomos d'este seculo e do seculo passado.

As observações da passagem de Venus pelo disco do sol feitas em 1739, 1761 e 1769 ministraram importantes fundamentos para o estudo d'essa questão celeste, mas não chegaram a resolvel-a senão de um modo imperfeito e discordante.

A physica e a analyse espectral não resolveram ainda esta questão. Entre as parallaxes deduzidas da rapidez da luz e das perturbações dos planetas por Encke e por Le Verrier ha uma differença de um milhão duzentas e sessenta e uma leguas. As experiencias recentemente feitas por Cornu com a roda dentada de Fizeau parece darem grandes probabilidades de precisão á parallaxe  $8' 86$  achada por Foucault com o espelho girante, e por Le Verrier. A observação da passagem de Venus é destinada a confirmar ou a refutar estes resultados.

O estado da sciencia no presente seculo, os grandes progressos que tem feito a meteorologia nos ultimos annos, o desenvolvimento que tem tido a optica, as prodigiosas conquistas que tem alcançado a photographia, a heliographia e todos os processos scientificos que têm por base a applicação da luz, a invenção e o perfeito fabrico de muitos

instrumentos desconhecidos dos sabios que prece-  
deram a geração actual, todos estes novos elemen-  
tos de experiencia e de exame predizem que das  
parallaxes deduzidas das observações que se vão  
fazer do phenomeno da passagem do plánetta Venus  
pelo disco solar resultará a posse de um dos mais  
importantes conhecimentos a que pode aspirar o  
saber humano.

Vossa excellencia sabe melhor do que eu como  
os governos de todo o mundo civilizado têm auxi-  
liado os esforços da sciencia para a solução do pro-  
blema de que se trata.

A Inglaterra vota vinte mil libras esterlinas para  
as despesas de seis expedições que hão de observar  
o phenomeno em seis estações diversas, e encarrega  
ainda a uma das suas corvetas uma observação  
no alto mar.

A França, apesar dos seus recentes e profundos  
desastres, essa bella e adorada patria do espirito  
universal, a extremosa mãe do direito e da liberda-  
de, vota um milhão de francos para as despesas  
das expedições dos seus astrónomos á India.

Os Estados-Unidos applicam a esse capitulo orça-  
mental cento e cincoenta mil dollars.

A Russia põe á disposição dos seus sabios to-  
da a somma precisa para que o transitto de Venus  
se observe nas mais perfectas condições da scien-

cia sem dar limite nenhum a essa despesa nacional.

Em Portugal a Academia Real das Sciencias de Lisboa, — em cujo gremio por um capricho do acaso que me abstenho de explicar se acham mathematicos e astronomicos que teriam uma qualificação distincta entre os sabios de qualquer parte — solicita do governo em que vossa excellencia é presidente do conselho de ministros um pequeno subsidio para occorrer ás despesas de uma expedição astronomica a Macau. Para este fim elegem-se os observadores, procede-se ao estudo dos instrumentos, examinam-se os telescopios parallaticos que existem nos observatorios do paiz, acha-se o meio mais economico de construir um photoheliographo, iniciam-se os trabalhos prévios das observações directas e photographicas, interrogam-se os primeiros constructores de instrumentos opticos, consultam-se os primeiros astronomicos, faz-se um orçamento, o sr. Latino Coelho, secretario da classe de sciencias physicas e mathematicas, redige a exposição mais clara e mais eloquente d'estes trabalhos e d'estes projectos, e envia-se a consulta e o orçamento da Academia ao governo de sua majestade.

A quantia orçada pela Academia para estas despesas era, como vossa excellencia sabe, de nove contos de réis! Nove contos de réis, excellentissimo

senhor, para todos os gastos de uma expedição astronómica! Era quasi humilhante pedir tão pouco. Cincoenta contos dá o governo dos Estados-Unidos por uma simples e unica lente que se está fabricando agora em Cambridge e que servirá para um telescopio que tem de ser installado na Sierra Nevada!

O governo de sua majestade accede aos votos da Academia e felicita-se de que a sciencia portugueza tenha cultores tão assíduos e desvelados.

Depois occorrem incidentes, trocam-se explicações, as pennas dos amanuenses rangem sobre o papel dos officios. Por fim o governo de sua majestade expede uma portaria em que se participa á Academia que o governo não subsidia a expedição astronómica a Macau pelo motivo de se não julgar habilitado para fazer despesas que não foram sancionadas pela approvação prévia das côrtes.

Em vista de tal solução que mallograva a expedição astronómica portugueza, os nossos astrónomos accenderam os seus charutos, metteram as mãos nas algibeiras e vieram fumar para o Chiado.

O caso não produziu a menor impressão no paiz. Os mesmos periodicos de opposição não tiveram na qualificação d'este facto uma palavra de censura para o ministerio de vossa excellencia. A cidade ficou impassivel.

Os trabalhos eleitoraes nos diversos circulos do reino proseguiam em paz, os srs. correios de secretaria cavalgando atraz dos *coupés* dos srs. ministros attestavam que as instituições liberaes continuavam a trotar; o sr. barão do Zezere passeava as ruas trazendo debaixo do braço a ordem... de baleia; suas majestades e altezas passavam sem novidade em sua importante saude; e na rua da Prata havia dobrada com hervilhas.

Todos nos sentiamos felizes com este prospero estado das cousas. Que nos importava a nós, os lusos, que o sol estivesse alguns milhões de kilometros mais perto ou mais longe do planeta que temos a honra de habitar? Um povo livre não tem nada com os actos da vida privada de um astro, ao qual a Carta mantem o direito de estabelecer o seu domicilio politico onde lhe parecer.

Tal é, illustrissimo e excellentissimo senhor, com relação á parallaxe solar a opinião convicta e profunda da grande maioria d'este paiz sublime e magnanimo.

Essa porém não pode ser por nenhum modo a opinião de vossa excellencia ácerca de semelhante assumpto. Vossa excellencia é um espirito esclarecido e honesto, é sobretudo um character coherente, logico, honradamente definido.

Se as *Farpas* tivessem uma politica, e se esta politica, para honra e proveito d'aquelle que as escreve, tivesse a inestimavel fortuna de ser a politica conservadora, nós escolheriamos entre todos os partidos portuguezes o partido de que vossa excellencia é chefe.

Vossa excellencia sabe como em todas as sociedades modernas o espirito da politica se allia estreitamente com o espirito da sciencia a ponto de não poder já hoje persistir sem elle. Todo o homem que tem actualmente uma qualificação na politica ha de ter por fôrça uma qualificação parallela na sciencia. Vossa excellencia, por exemplo, é um hegeliano.

Pela sua politica vossa excellencia está evidentemente com a eschola historica da Allemanha. Não accitando a *revolução*, vossa excellencia consagra no movimento da civilisação e do progresso o principio da *evolução*, no qual, segundo o grande philosopho Hegel, cada momento é a manifestação completa da idéa e cada homem um elemento passivo da nação.

A politica de vossa excellencia oppõe á vontade precipitada dos homens a fôrça lenta das cousas. É a base da theoria conservadora.

Ora esse systema na politica é o determinismo na metaphysica.

Sim, excellentissimo senhor: conservador na politica, vossa excellencia não pode eximir-se a aceitar na sciencia esta categoria: vossa excellencia é um metaphysico.

Segundo a classificação jerarchica dos desenvolvimentos do espirito, fixada por Augusto Comte, cujo nome, certamente tão antipathico a vossa excellencia como ao seu correligionario o sr. visconde de Algés, eu peço licença para citar, vossa excellencia, como estadista metaphysico não está na phase culminante da philosophia, mas sahiu já da primordial phase theologica em que se achavam os estadistas do tempo do sr. D. Miguel de Bragança e em que se acham ainda algumas outras intelligencias actuaes.

Monarchico, auctoritario, militarista, vossa excellencia reconhece o direito da fôrça. Reconhecer o direito da fôrça é afirmar o direito da intelligencia. Do poder do rei na ordem politica é corollario o poder do genio na ordem moral. D'aqui a necessidade logica de honrarem o talento os que defendem as monarchias. Como porém a fôrça dada ao talento pode aberrar e lançar os espiritos na rebellião, conveiu-se geralmente em instituir nos paizes monarchicos o talento official, isto é, a supremacia intellectual representada pelas academias. Sempre que o espirito monarchico se colloca em divergen-

cia com o espirito academico temos o conflicto ou, quando menos, o contrasenso no Estado.

Tal é resumidamente exposta, a razão por que vossa excellencia não podia ter como homem politico, a respeito da representação dirigida ao governo pela Academia das Sciencias, a mesma indifferença manifestada pela maioria do publico.

Emquanto ao objecto especial da representação academica, vossa excellencia não está igualmente no caso em que se acha a ignorancia geral. Vossa excellencia conhece o importante papel que a astronomia répresenta na historia do espirito humano desde Galileu até os nossos dias.

É á astronomia que o homem deve os seus maiores e mais brilhantes triumphos sobre as fatalidades na natureza, a comprehensão do universo e a emancipação da intelligencia perante a arbitrariedade theologica.

Quando a meteorologia, que já hoje prevê muitos dos phenomenos atmosphericos, chegar, como é permittido esperar, a poder prophetisal-os todos, quando ella, que já agora decreta as phases da lua, as marés, os eclipses, chegar pelo estudo das leis dos ventos e das pressões atmosphericas, pelas estatisticas meteorologicas de todo o mundo, pelo magnetismo terrestre, pelo aspecto das manchas do

sól e pela applicação da telegraphia á temperatura, a decretar egualmente com larga anticipação os estados atmosphericos, as trovoadas, as chuvas e os cyclones, então o terror como elemento religioso extinguir-se-ha nas profundidades do céo, assim como a tyrannia, a velha alliada do medo, acabará de desaparecer da face da terra.

Como é pois, excellentissimo senhor, que vossa excellencia pode negar á astronomia portugueza, representada pela classe das sciencias mathematicas da Academia Real das Sciencias—o que a nação tem de mais grave, de mais auctorisado e de mais serio—o subsidio tão modico de nove contos de réis para que se mande a Macau uma expedição scientifica observar o phenomeno mais interessante para a sciencia?

Ainda quando da expedição astronomica não resultasse o minimo lucro para os conhecimentos humanos, não era esta uma occasião, que se não repetirá tão cedo, de vossa excellencia affirmar o seu desejo de fazer manifestar ao paiz deante do mundo civilisado a posse do elemento em que hoje se baseia a importancia historica e a importancia politica das nações—o seu espirito scientifico?

Este acto, um dos que mais honrosamente distinguiria a sua administração, porque é que vossa ex-

cellencia o não pratica? Porque as côrtes não votaram a ridícula quantia de que se trata, e a Carta manda que sejam consultadas as côrtes!

Oh! permitta-me vossa excellencia que eu lhe suplique que se não importe com a Carta. Fica-lhe bem, a vossa excellencia, trahir a Carta, ser-lhe infiel. As infidelidades dos homens de espirito aos seres amados estão nos costumes, e a sociedade abolve-as. Atraiçoar a Carta pela razão é de um bom gosto perfeito. Além de que, vossa excellencia — faça esta justiça ao seu espirito, á sua educação, aos seus habitos — vossa excellencia não pode amar a Carta. A sua união com ella é de conveniencia, é de razão, não pode ser de amor. Pobre Carta! Ella é, como miss Cora Pearl, uma deidade velha e uma cançada virtude equivocada. Teve amantes que se arruinaram por ella quando ella era moça e bella, hoje é ella que se arruina pelos seus amantes. Os homens da elevação de vossa excellencia, frequentam-a, mas desprezam-a. Ella é a suprema lei do Estado? Sim, para o Estado. Para o individuo ha uma cousa superior á Carta: é a sua consciencia. Ora é ao individuo que nós nos dirigimos. É um acto do poder pessoal o que pedimos a vossa excellencia. Ha uma arbitrariedade chamada a *razão de Estado*. É pouco isto. É preciso que haja uma outra chamada a *razão de sciencia*. E em nome d'esta

zão que nós imploramos de vossa excellencia a subvenção requerida pela Academia das Sciencias, e que a expedição astronomica a Macau se realise independente da sancção das côrtes á despesa em que ella importar.

É a sciencia, excellentissimo senhor, é a sciencia da qual hoje depende a affirmação definitiva dos direitos e dos destinos dos povos, é a sciencia, que vossa excellencia de nenhum modo pode coarctar e que todavia pode em certo modo ter a honra e a gloria de influir, é a sciencia universal e omnipotente, que espera de vossa excellencia o acto de adhesão que certamente lhe está suggerindo a sua capacidade e a sua consciencia.

Que, collocado por esta conjunctura entre o espirito constitucional e o espirito scientifico, a historia não veja que vossa excellencia prefere ao saber o Acto Addicional, e que um certo dia, que ficará memoravel na sua biographia, vossa excellencia passou, calcando-os, por cima de Aristarcho de Samos, de Galileu, de Newton, de Kepler e de Laplace, unicamente para ir receber do sr. Melicio — supremo juiz d'este certamen perante a opinião constitucional — um beijo dôce, mas pérfido!

Deus guarde a vossa excellencia, illustrissimo e excellentissimo senhor Antonio Maria de Fontes Pe-  
reira de Mello. 40

## XVI

Em Paris, em Berlim, em Gand, em Oxford, quando a mocidade das escholas emite collectivamente um voto, esse voto pesa no espirito dos governos e na opinião do publico, porque a mocidade instruida representa nas sociedades a aspiração mais generosa dos espiritos, a tendencia mais desinteressada dos caracteres, a fina flôr do sentimento, a ideal frescura da alma, todos os mimos finalmente da delicadeza humana, não endurecida ainda pelos rudes contactos da experiencia, da desconfiança e do egoismo.

Por occasião da recente visita do sr. Fontes Pereira de Mello á cidade de Coimbra, os estudantes da Universidade nomearam uma enorme commissão para os representar, e dirigiram directamente e solememente as suas palavras ao presidente do conselho de ministros.

Que estava destinado a ouvir dos representantes da mocidade academica, o sr. Fontes Pereira de

Mello, representante dos partidos conservadores em Portugal?

Que idéas iriam trocar-se entre esses dois poderosos elementos da nossa evolução social:—por um lado o respeito do passado, os principios da tradição; por outro lado o fermento revolucionario, a idéa nova, o embryão do espirito futuro?

O sr. Fontes ia achar-se pela primeira vez em sua vida deante de uma extranha assembléa, do character mais positivo, cujo poder espirital não provinha do direito divino nem do suffragio popular, mas sim da competencia e da auctoridade intellectual; assembléa absolutamente livre e absolutamente incorruptivel.

O assumpto que lhe dizia respeito é extremamente vasto e profundamente importante.

A Universidade de Coimbra carece das reformas mais radicaes. A legislação relativa aos poderes dos tribunaes academicos havia sido ainda ha bem pouco tempo objecto de uma longa controversia tendente a achar a interpretação authentica do direito escholar.

O programma dos estudos é absurdamente anachronico perante as novas classificações scientificas dos phenomenos da natureza e dos phenomenos da sociedade e perante a correlativa disposição genealogica das disciplinas que têm em vista o conheci-

mento das leis porque esses phenomenos se regulam.

A nova geração academica iria talvez, submitter á consideração do representante do governo a necessidade urgente de uma reforma por via da qual o sr. Fontes Pereira de Mello teria de adaptar ao nivel das acquisições intellectuaes e das concepções scientificas do seu seculo a importante obra do seu predecessor o marquez de Pombal, deprimida e degenerada do valor primitivo pelos effeitos de uma immobilidade de cem annos.

A nova geração estudiosa tocaria talvez os pontos culminantes d'essa reforma, mostrando assim irrefutavelmente que ella significa a justa satisfação de uma necessidade immergente das altas e nobres curiosidades do espirito moderno.

Demonstraria a impotencia dos poderes temporaes, que constituem o governo, na resolução de todos os problemas economicos e sociaes.

Provaria que a civilização portugueza se acha em uma crise de confusão, crise demasiadamente prolongada, de character permanente, resultante do progressivo desequilibrio entre a inferioridade das idéas theoreticas e a urgencia das necessidades praticas.

Deduziria que a Universidade de Coimbra, o primeiro instrumento da educação publica, deveria conter o remedio para esta calamidade cada vez

mais grave: a falta da convergencia intellectual do paiz nos negocios publicos do seu maior interesse, a epidemia das incompetencias, a ausencia absoluta do espirito scientifico no poder legislativo, o mais importante e todavia o mais inepto e o unico desprovido inteiramente de educação especial entre todos os poderes publicos a cuja auctoridade se acham entregues os destinos da sociedade.

A mocidade desejosa de completar a esphera das noções indispensaveis para manter a um povo a posse do seu proprio dominio, lembraria, por exemplo que na organização universitaria falta uma faculdade de Sociologia, da qual o Direito seria apenas um dos cursos integrantes paralelo com o estudo da castaçaõ da raça, da nacionalidade, da lingua, da religião, da industria, da arte.

Todas estas considerações ou outras, — outras certamente mais elevadas, concebidas sob este mesmo criterio, mas expostas pela mocidade academica com os desenvolvimentos eruditos e com a nitidez philosophica que estas paginas noticiosas não podem abranger e que a intelligencia individual de quem as escreve não pode attingir, — seriam propostas ao representante do governo pelos representantes da Universidade.

O sr. Fontes devia ter-se certamente preparado para esta escaramuça de opiniões e cremos bem que

o seu coração [bateria a maior uma pulsação comovida quando a enorme commissão academica se annunciou. A entrevista foi muito mais breve, muito mais categorica, muito mais decisiva nos seus effeitos do que se poderia imaginar.

O que a mocidade estudiosa desejava do governo portuguez para satisfação do seu ideal era simplesmente esta cousa—um feriado.

O sr. Fontes concedeu-o.

E a ordem e o progresso, reunidos para este fim, separaram-se em seguida, continuando cada uma d'essas fôrças o rumo da sua missão no grande equilibrio da sociedade.

É pois certo que nos costumes e nas aspirações da Universidade de Coimbra se perpetúa a velha tradição da *cabula*, verdadeira chave dos destinos de toda a intelligencia portugueza! Os que em moços consideram a feriado como a realisação do seu mais caro ideal são os mesmos que na idade madura põem o alvo da sua mais alta ambição nos serviços do Estado em que se ganha mais e em que se trabalha menos, em que se tem a reforma, a aposentação, a jubilação com o terço.

Os alumnos que pedem o feriado dão os professores que pedem as commissões na capital, que abandonam a sua cadeira, a sua especialidade, o

seu estudo, o seu trabalho proficuo, para virem para Lisboa como deputados perverter-se na ociosidade, na intriga politica, na desmoralisação da vida nomada, nas *soirées* e nas noitadas, na murmuração do Chiado, na núdez da vida do hotel; na infecção do jantar das mesas redondas, finalmente na lenta demolição do talento, do espirito de applicação, da dignidade, e do estomago.

Dezembro 1875.

## XVII

Acaba de ser nomeado professor de logica e de rhetorica de suas altezas os principes o sr. Joaquim Alves de Sousa, antigo professor de hebraico no lyceu de Coimbra.

O sr. Alves de Sousa é um homem baixo, extremamente cabelludo e metaphysico.

Auctor de um compendio de philosophia racional e moral, patenteou n'esse livro de viagens em volta do senso commum que possue todos os segredos do zigue-zague, toda a sciencia dos rodeios, das

curvas, das espiraes, das viravoltas, das fintas, das fugas, dos passes de agilidade e de destreza, do truque, da arremettida, da alça-perna, da cambalhota para deante e para traz, do cambio, do passapé, de todas as habilidades da *savate*, da esgrima e da capoeira, do salto, da cabriola, do pulo, de todas as evasivas finalmente e de todas as deslocções que o juizo humano é susceptivel de conceber e de realisar em redor de uma questção para o fim de nunca absolutamente a attingir, nem a penetrar nem a resolver.

Sempre que antigamente era preciso fazer na Universidade um d'aquelles discursos latinos que tinham obrigação de não exprimir nenhum pensamento, nenhuma idéa, nenhuma opinião, e de roncarem todavia por um determinado espaço de tempo entre um repique tangido nos sinos e o hymno academico flauteado nas charamellas, o sr. Alves de Sousa era chamado como especialista d'estes casos.

O illustre humanista comparecia então com a sua philosophia e o seu lexicon, e começava a operação. Punha deante de si os palavrões ciceronianos, do alto estylo, collocados por sua ordem: primeiro os verbos ao pé dos respectivos adverbios com os seus competentes graus, positivo, comparativo e su-

perlativo; depois os nominativos com todos os seus casos; em seguida os adjectivos com as suas tres partes, masculina, feminina e neutra; etc.

Assim dispostos os elementos constituitivos da oração, o illustre alchimista dos filtros rhetoricos das solemnidades academicas, puxava o *verbo* ao campo do papel almasso applicando-o com os grossos bicos da sua penna de Perú rangente e sorna. Depois acavallava-lhe o *sujeito* concordante em numero e pessoa e revestido de um *adjectivo* apropriado; arabichava o *accusativo*, enxalmava os necessarios adverbios, afivelava as proposições, acolchetava as virgulas nos seus respectivos furos, e exonerava o ponto final.

Passava então ao periodo seguinte, e assim proseguia, remunerado pelos interessados com bocetas de ameixas de Santa Clara e com pencas de manjar branco, até haver preenchido com o seu basterdinho veneravel o espaço de papel votado pelos usos universitarios á lugubre convulsão galvanica das linguas mortas.

Tal era junto da Universidade a missão scientifica do sr. Alves de Sousa: ingerir pencas de Santa Clara e dôce de Cellas, produzir o latim campanudo, orchestrante, de carrilhão, destinado a petrificar o cerebro dos recipiendarios, no momento de se lhes collocar a borla doutoral, com a mesma so-

lemnidade expressiva com que se baixa o apagador liturgico sobre o cirio pascal.

Um só traço biographico d'este illustre humanista porá em relêvo aos olhos do leitor toda a phisionomia do homem e toda a philosophia do sabio.

S. ex.<sup>a</sup> usa o relógio de algibeira mettido dentro de uma saquinha de camurça. Querendo vêr a hora, saca do bolso o relógio envôlto na respectiva *dura mater*, desdá o nó dos atilhos, saca, ensacca, atabafa, puxa os cordões, franze, aperta, enlaça, recolhe.

Tal relógio, tal homem!

Imaginem um sabio ensaccado, mergulhado dentro de uma grossa bolsa impermeavel, á prova de fogo e á prova de agua, impenetravel a todo o contacto externo, deitando para fora da bôcca do folle que o encerra uma argola pela qual se suspende ao muro. Assim é elle.

Dizem que regula, mas regula unicamente para si. Não se lhe vê mostrador nem ponteiro. Ninguem o pode examinar, conferir, comparar. É inteiramente extranho a quanto se passa fora da membrana que o envolve. Completamente isolado de todas as sciencias de observação e de experiencia o sabio existe confinado na sua pelle e na sua philosophia racional e moral.

Os metaphysicos e as aranhas são os unicos entes que podem tirar de si mesmos os recursos da sua existencia. A aranha segrega baba, e faz a sua teia. O sr. Alves de Sousa, dentro de si mesmo, abstrae e segrega entidades e definições.

Este curioso estado de perfeição no abstracto levou-o a fazer uma grammatica latina em que as regras são tiradas dos exemplos e os exemplos são tirados das regras.

As regras grammaticaes de uma lingua morta so podem ser tomadas dos documentos escriptos que nos deixaram os povos que falaram essa lingua. Virgilio, Cicero e Horacio concordavam o adjectivo com o substantivo em genero, numero e caso; logo em latim o adjectivo concorda com o substantivo em genero, numero e caso. Esta é a regra, de que será exemplo um ou mais trechos de Virgilio, de Cicero, de Horacio. O sr. Alves de Sousa não o entendeu assim, e no seu compendio nota-se que sendo a regra feita por elle, por quem imaginam que será feito o exemplo? O exemplo é tambem feito por elle! Assim a doutrina d'este sabio é ao mesmo tempo o effeito e a causa de si mesma.

Se não estivesse inventada a serpente com a cauda na bôcca, symbolo egypcio da immobibilidade, a theoria d'este philosopho occuparia o logar d'esse symbolo!

E o sr. Joaquim Alves de Sousa que vem ensinar suas altezas os principes — a raciocinar! Os leitores conhecem o mestre, imaginem o que será a lição e o que virá a ser o discípulo.

A logica e a rhetorica são já de si duas disciplinas funestas ao entendimento e que se deveriam prohibir.

A rhetorica, tal como ella se professa, é a sciencia da falsa linguagem.

As leis que dirigem as facultades intellectuaes no descobrimento da verdade e que constituem o corpo da doutrina chamada a logica, são a cousa mais pedantesca, a mais esterilizada que se pode ensinar a um menino.

O que se deve ter em vista produzir n'um cerebro que se educa é o phenomeno intellectual, e não a lei puramente hypothetica que regula esse phenomeno.

Descobrir a verdade é uma operação que tem por fim achar um cousa desconhecida, pela relação coexistente entre ella e as cousas que se conhecem. Ora a sciencia que conduz o espirito n'este processo, unico que existe para descobrir e para demonstrar a verdade, não é a logica; é a mathematica. Pensar é simplesmente relacionar e medir. A mathematica torna effectiva esta facultade relacionan-

do os movimentos e as linhas, medindo o tempo pelo espaço e o espaço pelo tempo. A logica nada nos ensina para alcançarmos este resultado. A simples regra de tres é um instrumento mil vezes mais poderoso do que todas as regras juntas de enthymema, epicherema, prosyllogismo, sorites e exemplo.

A rhetorica pelo seu lado é a arte da figura na linguagem.

Ora nada mais incorrecto e mais obscuro do que a linguagem figurada. Logo que a arte de escrever se achar devidamente disciplinada, a metaphora será considerada um erro no discurso. A sciencia do estylo não é a rhetorica é a ideologia. Dar pela palavra a nota precisa da idéa é o fim da escripta e da oratoria. Toda a illuminura, toda a imagem, toda a expressão metaphorica denota preguiça cerebral ou inhabilidade artistica. Quanto mais estreito é o campo dos nossos conhecimentos, mais metaphorica é a linguagem com que exprimimos os sentimentos e as idéas que desejamos representar. Quem nos recursos da palavra não possuir mais do que a tecnologia de uma unica sciencia tem de empregar o estylo figurado sempre que se tratar de assumptos relativos ás sciencias que não sabe. Quando eu digo, por exemplo, a *florescencia das idéas*,

emprego uma imagem botânica para exprimir um phenomeno de physiologia cerebral cujo nome ignoro. O leitor comprehende talvez o que é que eu desejaria dizer-lhe. Comprehende approximadamente, porque eu lhe disse uma cousa parecida com a minha idéa; rigorosamente porém essa idéa ficou por exprimir.

A rhetorica, com todos os seus tropos, com todas as suas figuras, com todos os seus preceitos de estylo, é a arte de abastardar assim a linguagem, de descentralisar as faculdades, de separar a palavra da idéa, de dissolver o cerebro instituindo nas cabeças, entre o lóbulo do pensamento e o lóbulo da fala, um escriptorio de contrafacções a exportar para o mundo externo.

A logica e a rhetorica seriam indispensaveis a suas altezas os principes, se o systema «que felizmente nos rege» fôsse um systema definitivo e houvesse de ser considerado como o destino humano dos reaes discipulos do sr. Alves de Sousa. N'este caso elles precisariam d'essas duas sciencias. A logica dar-lhes-hia o sophisma governativo. A rhetorica ensinar-lhes-hia o tropo parlamentar. O tropo e o sophisma, agentes correlativos, são os dois poderes compensadores do equilibrio nas monarchias constitucionaes.

O systema porém que felizmente nos rege é contingente e transitorio.

Por toda a parte na Europa os reis fecham pela manhã as suas malas, recolhem no estôjo as suas escôvas e as suas navalhas de barba e têm na algibeira das purpuras um passaporte e uma carta de ordem, como todo o viajante prudente, preparado para partir no momento imprevisto de um telegramma que pode chegar a cada hora.

A educação dos homens destinados a esta existencia tem de ser inteiramente prática, lucida, expeditiva.

Mais do que nenhum outro contemporaneo um principe precisa de conhecer perfeitamente todos os agentes physicos, chimicos, biologicos e sociologicos que determinam, que modificam ou que perturbam as acções humanas, para vêr com clareza, para prever com anticipação, para julgar com certeza os factos isolados e a coordenação evolutiva dos successos.

Precisa de estar inteiramente provido, equipado e armado, para conceber com promptidão, para discriminar com presteza, para resolver logo.

O plano dos vastos estudos encyclopedicos que conveem a um principe deve ser formulado e posto em prática segundo a mesma norma que tem de governar a sua existencia futura: a fórmula de Lit-

tré—Projectos de quem tem cem annos para os cumprir, obras de quem só tem doze horas para viver.

Não pode dissipar um minuto, não pode malbaratar um momento na applicação, na actividade.

No estudo das sciencias e no estudo dos homens deve seguir a corrente de idéas mais rapida e mais breve— a corrente revolucionaria Tanto se aprende percorrendo com intelligencia o campo dos dominios conservadores e estudando n'elle a passagem da torrente revolucionaria, como lançando-se com equal intelligencia n'essa torrente e cingindo com ella todas as configurações do continente official. Por qualquer d'estes dois methodos se chega ao mesmo ponto. Pelo segundo vae-se todavia mais depressa, descobrem-se mais largos horisontes, criam-se mais idéas geraes de totalidade, de relação e de conjunto.

Os preceptores idoneos dos principes, os seus mestres, deveriam pois ser os homens de espirito mais radicalmente scientifico, de criterio mais positivo, da maxima lucidez intellectual, homens de acção, essencialmente modernos, que pela sua conversação, pelas suas idéas, pelos seus habitos de estudo, de observação e de critica suscitassem no alumno todas as curiosidades do espirito novo, pon-

do o em contacto com todos os problemas, dando-lhe constantemente a nota predominante de todas as soluções.

A evolução das idéas modernas não pode ser compreendida por homens de estudos antigos. O periodo intellectual em que hoje estamos, a era dos conhecimentos modernos data de um curtissimo espaço de tempo. Principia no dia em que foi claramente definido o dogma do homem prehistorico.

Desde esse successo, o mais monumental da civilização, desde esse facto culminante na humanidade, cahiu o velho mundo, cahiram todas as theorias vigentes até essa data na historia da nossa especie, na historia das nossas raças, na historia das nossas religiões.

Milhares de annos antes da época em que nós suppunhamos os nossos primeiros paes no paraizo terreal, descobria-se com toda a evidencia de um axioma que tinha apparecido o homem sobre o globo.

O Génesis era uma fabula. Adão era um embustreiro. Ahi estava para o confundir, arrancado da campã, pela geologia, o esqueleto de um de seus avós.

Ao pé do craneo d'esse homem appareciam desenterrados todos os documentos comprovativos das differentes phases da sua existencia heroica, da sua vida trabalhadora, de todas as peripecias, tão pro-

fundamente commoventes e tão dramaticas, das suas grandes luctas com as creações colossaes, medonhos esboços primitivos do mundo animal, com os monstros antidiluvianos, as enormidades do grande hippopotamo, do elephante do sul, do rhinoceronte tichorhinus.

Primeiramente o desgraçado cingido de todos os lados pelas monstruosidades da natureza, esmagado pelas visões disformes de um pesadello horrroso, pensa apenas em defender-se e inventa o machado de pedra bruta. Depois fabrica a faca de pedra polida. Em seguida a essa attitude defensiva, principia a atacar e inventa a frecha, domestica o cão, descobre o fogo, constróe a cidade lacustre.

E entre cada um d'estes curtos passos dados na posse do seu dominio sobre o globo, medeiam milhares de annos, centenares de seculos sem historia, de uma mudez tragica, irreconciliaveis com a felicidade paradisiaca do Eden e com a theoria da queda pelo peccado.

Aniquiladas as antigas bases da comprehensão do universo e do mundo moral, principia um enorme trabalho de reconstituição das idéas e dos sentimentos humanos. Preencher essa trabalho tem sido a missão da litteratura nos ultimos annos.

Para possuir a exégese d'este movimento novo é essencialmente preciso ser um homem moderno,

ter um systema nervoso creado e temperado na ebullicão d'esse movimento; possuir a faculdade de se repartir sem se dispersar, ter a philosophia, ter a disciplina, ter os methodos modernos; absorver as idéas por todos os modos, no gabinete, nos livros de toda a especie, na conversação, nas viagens, nos museus, nos laboratorios chimicos, nos theatros anatomicos, nos observatorios, nos jornaes, nas soirées, na Opera, na amizade e no proprio amor.

Os mestres e os pedagogos de suas altezas carecem d'esses predicados. O sr. Martens Ferrão é um jurisconsulto; o sr. Viale é um hellenista; dois sedentarios; um, commentador de leis antigas; outro interpretador de linguas mortas; ambos papistas, sectarios dos dogmas, acceitando a revelação como criterio da verdade e o milagre como demonstração historica.

O sr. Alves de Sousa, que vem agora, é um rhetorico, é um grammatico, é um sophista, é um magico.

Aguardamos com viva curiosidade zoologica, o fausto momento em que houver de se patentear sobre o throno dos lusos o caro objecto sahido d'esta retorta de Wagner.

## XVIII

A *Revista Europea* magnifico periodico italiano, orgão do movimento scientifico em Italia, publicava ha poucos dias a respeito das universidades n'aquelle paiz um artigo profundamente patriotico, que erminava pelos seguintes periodos:

«E ás universidades que cabe a influencia de um governo livre. As universidades são principalmente frequentadas pela burguezia, que nas monarchias constitucionaes occupa a maior parte dos grandes empregos no parlamento e na governação. Das universidades deviam sahir os homens instruidos, os italianos. Ellas produzem no emtanto os mesmos fructos de outr'ora estragados pela indisciplina moderna.

«Os professores vivem quasi todos no desalento e na penuria.

«Os fundos sagrados das universidades, que pertencem á sciencia, são em grande parte absorvidos pela burocracia e servem para sustentar uma mul-

tidão de empregados secundarios, superfetações inuteis quando não são perigosas.

«Os productos scientificos de vinte e duas universidades em um povo de vinte e sete milhões de habitantes são irrisorios.

«O servilismo, a escravidão intellectual deante do estrangeiro vae augmentando sempre.

«E a nação, satisfeita, paga!»

Diriamos estar vendo a pintura do que se passa em Portugal, se não se desse uma differença importante, que é: ser feita a accusação em um jornal exclusivamente consagrado aos interesses da sciencia e redigido com profunda erudição do mais alto movimento das idéas modernas. No mesmo numero em que se estampa o artigo a que nos referimos reproduz-se um discurso ácêrca da *Physica na philosophia*, proferido pelo professor Mauricio Schiff na abertura dos cursos do Instituto dos Estudos Praticos e de Aperfeiçoamento, de Florença.

N'este discurso mostra o auctor como todos os philosophos modernos tendem a encontrar-se n'um dominio commum com os naturalistas e com os physiologistas. Prova que nenhuma deducção *á priori* pode conduzir á verdade objectiva, e que as theorias até ha pouco havidas por absolutamente independentes precisam hoje de ir basear-se na ob-

servação, havendo já duas universidades, uma na Suíça e a outra na Allemanha, que entregaram a professores de physiologia as suas cadeiras de philosophia theorica. Expõe como na propria Allemanha se vae tornando esteril a metaphysica, e como o dogmatismo não é hoje mais que uma petrificação a que só resta o valor historico. Conclue finalmente propondo que, vista a intervenção inevitavel das sciencias naturaes em toda a discussão philosophica, o Instituto de Florença, começando por dar aos alumnos as noções fundamentaes de todos os raciocinios, faça das sciencias naturaes a base dos estudos, o tronco da grande arvore dos conhecimentos humanos, cujos ramos se inclinarão subsequentemente ás diversas direcções do espirito.

A indole eminentemente revolucionaria, positivista, d'este discurso, a inserção d'elle n'um grande jornal, órgão d'essa doutrina renovadora do criterio e reconstituidora da intelligencia, provam bem exuberantemente que não são portuguezes que operam, e que não é uma das nossas necessidades nacionaes que se discute.

E todavia tão baixo ainda se considera o nivel da instrucção na Italia, que o auctor do artigo ácerca das reformas universitarias exclama:

«Se algum dia, de que Deus nos preserve, a Italia houver de recahir na sua confusão antiga, a res-

ponsabilidade e a culpa caberá ao ministerio da Instrucção Publica!

Em Portugal nem o ministerio de Instrucção Publica existe, nem essa apparencia de responsabilidade temos! E, de cima a baixo, na ordem intellectual e na ordem moral, na politica, na religião, na arte, na critica, as idéas sossobram n'uma confusão inextricavel, resultante da ausencia de um ensino fundamental.

Da analyse dos trabalhos parlamentares durante a ultima législatura sobresaé um argumento irrespondivel. Uma camara cuja maioria é tirada da parte mais applaudida da mocidade educada na Universidade de Coimbra não tem uma só idéa justa, clara, precisa, em que se baseie uma reforma de qualquer natureza que seja. Uma sentimentalidade palavrosa e lamuriente, um optimismo imbecil, uma profunda subserviencia e alguns narizes de cera, eis tudo quanto se tem podido arrancar dos cerebros que o publico tinha obrigação de suppor mais substanciosamente providos e mais repletos.

Afim de combater esta inanidade official, celebrou-se ultimamente em Lisboa um grande *meeting* composto de pessoas das classes mais illustradas da burguezia, e presidido pelos principaes chefes dos partidos da opposição ao actual ministerio. As

resoluções tomadas n'este *meeting* com o fim de obviar a incompetencia parlamentar e de intervir na governação do paiz foram as seguintes: reformar a Carta, fazer um manifesto, suscitar outros *meetings*, ou finalmente — para que o digamos n'uma só palavra — commover a opinião no sentido de pôr em crise a viabilidade da situação actual. E eis ahi tudo quanto uma assembléa constituída pelas pessoas mais conspicuas sabe decidir em face do problema da nossa reorganisação: — comminar as tinturas transmutativas do bigode do presidente do conselho, atacar a questão politica como uma questão de cosmeticos, e pedir para a alta direcção do Estado uma troca de pomada.

Quando os governos pela necessidade de conservarem o poder sacrificam o progresso, e quando as opposições pela ambição de substituirem o governo sacrificam as idéas, a sociedade corre um imminente risco de ficar á mercê do acaso n'um funesto jôgo de incompetencias, se um terceiro poder não intervem, sustentando os direitos que tocam á capacidade. Este novo poder intermedio e consultivo, destinado a regular em proveito da civilisação os conflictos dos partidos que governam com os partidos que resistem, deveria ser a imprensa. Mas a imprensa portugueza parece ignorar que é essa a sua

alta missão e, em vez de se considerar superior á politica e de a governar em nome da opinião, submete-se aos partidos e deixa-se dominar por elles, acompanhando-os nas suas ambições e servindo-os nos seus erros. De modo que o jornalismo não é o árbitro que decide, não é o juiz que sentencia; é apenas o rabula que enreda, o beleguim que cita, o fiel de feitos que conduz os autos.

Na sociedade assim constituida ou assim desorganizada todos os poderes são militantes, todos são executivos, todos são temporaes. Não ha esphera theorica, não ha dominios mentaes, não ha poderes do espirito. Como substancia politica organizada, falta-nos apenas o cerebro e a espinhal medula. Pertencemos aos invertebrados. Somos um tubo.

Se nós tivéssemos a palavra no *meeting* alludido, diríamos aos cidadãos:

Meus senhores, lembrem-se das palavras de Samuel Smilles: o governo de uma nação não é mais que a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem. Todo o governo que passa adeante de um povo é inevitavelmente trazido para traz; todo o governo que fica atraz de um povo é fatalmente impellido para deante. Assim como a agua encontra o seu nivel, assim uma nação encontra nas suas leis e no seu governo as disposições que conveem ao seu character. Um nobre povo será sempre

110-  
52

brememente governado; aos povos ignorantes e corrompidos cabem os governos ignobeis. A liberdade não é sómente o effeito de um desenvolvimento politico; é principalmente o effeito de um desenvolvimento moral, o resultado da energia, da independencia, da acção individual.

É por estas razões que Stuart Mill dizia: O merito de um Estado não é no fim de contas senão o merito dos individuos de que elle se compõe.

Ora, a falar verdade, meus senhores, os nossos meritos são de uma natureza bastante subalterna.

Mediocrates litteratos, mediocrates artistas, mediocrates sabios, mediocrates funcionarios publicos, eis os individuos de que se compõe esta assembléa illustre, na qual se tem falado quatro horas sem achar nada mais novo do que injuriar os adversarios e pedir a reforma da Carta, como se fôsse uma carta mais ou menos reformada que houvesse de fazer os cidadãos instruidos e os governos sabios!

A constituição politica, no fim de contas, não é mais que um resultado da constituição social, e esta não se reforma senão pelo concurso inconsciente de todas as vontades, pela applicação particular de cada um para o seu proprio aperfeiçoamento.

Consultando bem as nossas verdadeiras necessidades veremos que o que falta ao nosso bem-estar

não é uma reorganisação politica, mas sim uma renovação intellectual, um forte estímulo para o trabalho, para o dever, para a dedicação pelos outros, para a energia, para a satisfação da consciencia, para o contentamento e para a alegria do character.

O grande mal que todos padecemos é o scepticismo abatido e esteril dos espiritos que perderam as antigas crenças e não entraram ainda nos novos principios e nas grandes convicções.

É d'este estado geral que procedem os unicos partidos que temos: os partidos médios. de conciliações que chegam á immoralidade, de tolerancias, que tocam na corrupção.

É com taes partidos que as sociedades se dissolvem pela indifferença e pela relaxação.

Ora esses partidos somos nós mesmos que os constituimos. Os governos que d'elles emanam são maus por uma necessidade inilludivel de harmonia e de nivelamento geral. Elles são maus governos exactamente pela fôrça da mesma lei em virtude da qual nós somos maus jornalistas, maus litteratos, maus academicos, maus artistas, maus commerciantes, maus industriaes e maus operarios.

Quereis um conselho? Acabae de uma vez para sempre com os *meetings* esterilizadores, banaes e ridiculos, e institui *conferencias*.

Não queiraes ser corpos deliberantes. Conservae-

vos na esphera especulativa que convem aos vossos interesses e ás vossas necessidades. Com o vosso beneplacito ou mau grado vosso, a revolução ha de se realizar pela fôrça das cousas. A vossa interferencia não fará mais do que comprometter os successos. O que tendes que fazer, vós burguezes, que estaes fora do governo, é simplesmente preparar-vos para o exercer ou para o criticar com mais conhecimento de causa do que aquelles que vos precederam. A corrupção de que vos queixaes nos outros é a prolongação da que existe em vós mesmos. Os maus governos são a escrofula que apparece no pescoço; vós sois o vicio lymphatico escondido na cellula. Purificae-vos apprendendo. O destino da vossa geração depende do vosso curativo. Hoje em dia estamos apenas viciados. D'aqui a algum tempo estaremos inteiramente apodrecidos.

Abril 1876.

## XIX

Segundo noticiam os jornaes do Porto, foi alli querelado o sr. padre João Antonio Pinto de Rezende, director de um collegio, por haver corrigido um alumno de quatorze annos de idade, applicando-lhe algumas bofetadas e — trinta e seis palmatoadas! O estudante, examinado pelos peritos, foi considerado impossibilitado de se servir dos braços durante quinze dias; rebentou-lhe o sangue por entre a pelle e as unhas; deprimiram-se-lhe por tal modo os musculos que ficou cam os braços convulsos e incapazes de qualquer esforço.

Só um verdadeiro rancor de clérigo, *odium theologicum*, pode levar um homem a espancar por tal modo uma creança, friamente, systematicamente, por espaço de dez ou quinze minutos, como se se tratasse de cumprir o dever da tortura no tribunal do Santo Officio.

Levantar entre os dedos, no altar da misericórdia e do perdão, a hostiá consagrada, parece ser a missão e o officio mais leve, não é verdade? Pois bem:

não ha nada que torne a mão mais pesada. Um rachador, passando a sua vida a cortar a machado a espessa e dura fibra dos carvalhos seculares, daria no seu pequeno aprendiz uma pancada brutal, mas não repetiria esse golpe trinta e seis vezes, tranquillamente, pacientemente, piedosamente, como quem desfia n'um rosario as Ave Marias da corôa á Virgem Purissima.

Notamos o acto commettido por este sacerdote, porque elle tem para nós a importancia social de um grande symbolo.

O sr. padre João, talvez sem o pensar, representa, em ponto pequeno, dentro da esphera dinamica do seu braço ecclesiastico, o que é, em ponto grande, a instrucção official portugueza, que elle se encarrega de propagar por meio da sua férula.

Paes e mães de familia! meus senhores e minhas senhoras! queiram olhar para este pequeno alumno espancado pelo seu mestre em nome das necessidades do ensino secundario do curso dos lyceus! Tenham a bondade de reparar bem...

Soltou se lhe o sangue pisado por entre as unhas e a pelle, tem o cerebro atrophiado, os cabellos hirtos, os olhos pasmados, o passo vacilante, o corpo trémulo, os braços pendentés. Está inapto para

tudo por espaço de alguns dias. É preciso, por um tratamento especial, reconstituir-lhe o seu systema nervoso e o seu systema muscular, acarinhá-lo, levá-lo docemente á coordenação dos seus movimentos e á connexão das suas idéas, reconcilia-o com a vida, com o estudo, com o respeito dos mestres, e fazel o recommençar em seguida os trabalhos da sua educação suspensa e compromettida.

Viram bem, attentaram devidamente no espectáculo que apresenta essa pobre creança ao sahir das mãos rigorosas e inhabeis do sr. padre João?...

Pois ahí têm, meus senhores e minhas senhoras, expresso por uma imagem corporea, o vivo retrato do que ha de ser, aos vinte annos, o estado intellectual e o estado moral de seus filhos ao sahirem, não do poder de um simples preceptor da infancia, mas do seio do primeiro dos nossos estabelecimentos de instrucção, da Universidade de Coimbra!

Os vossos filhos bachareis formados terão esse mesmo abatimento, essa prostração, esse desánimo. Ter-lhes-ha espirrado d'entre as unhas e a carne, espalmada pela pressão de um implacavel regimen dogmatico, a forte seiva do talento, da mocidade, da energia moral. Estarão atrophiados nos musculos brachiaes e nas circumvoluções do cerebro. Com as suas cartas do bacharelato dobradas na algibeira de uma sobrecasaca de mendigo envergonhado,

achar-se-hão perdidos e abandonados na vida, sem direcção, sem norte, sem principios, sem convicções, sem idéas nitidas e práticas, tendo apprendido tudo, menos a pensar, a discernir, a resolver os negocios, a atacar finalmente o grande problema da vida.

Então uns lançar-se-hão na crápula, outros na intriga constitucional a que se convencionou chamar *a nossa politica*, outros no jacobinismo, na conspiração, na revolta, na misanthropia, e acabarão na alienação mental, no suicidio.

Algum, raro, terá a enorme coragem de recommençar — de recommençar exactamente no ponto em que julgára ter chegado ao fim! Isolar-se-ha no seu gabinete, no meio de novos livros desconhecidos. Reconstruirá por si mesmo, linha a linha, pagina a pagina, as suas noções da natureza, da sociedade, da historia, do sentimento, da religião, do trabalho. Obscuro, esquecido, despremiado, pobre, desvelará as noites no estudo, na concentração de todas as faculdades sobre o fio systematico das suas acquisições mentaes.

E assim conseguirá talvez, ao cabo de alguns annos do trabalho mais improbo e mais persistente, apprender á propria custa aquillo que se não tinham lembrado de ensinar-lhe: a ser um homem e um cidadão. Quero dizer: por esses meios therapeuti-

cos e hygienicos elle terá recuperado o sangue perdido sob a férula official, terá reconstituído uma pouca de substancia cinzenta na massa cephalica, alguma consistencia na espinha desformada e um biceps em cada braço.

Será inteiramente o caso do menino espancado no Porto. Sómente o sr. padre João já não será responsavel; e não podereis desaggravar-vos chamando-o aos tribunaes, porque, apesar da habilidade que denota possuir para fazer imbecis, elle ainda não faz doutores. E admira que os não faça! Quem dá tantas palmatoadas juntas, podia bem começar a dar igualmente, de quando em quando,—um gráu.

Maio 1876.

## XX

Decorridos cêrca de dois mezes depois que os professores por um lado, o governo por outro, haviam resolvido definitivamente elaborar uma reforma do ensino publico, sem todavia publicarem trabalho algum que illucidasse este importante assum-

pto, as *Farpas* entregando a alguns milhares de leitores—como fizeram no precedente volume—um ensaio de reorganisação das escholas portuguezas, intervinham na direcção das idéas e na formação do criterio sobre este ponto com uma opinião que conviria ter por temeraria e que não se deveria permitir que circulasse antes de ser devidamente contrastada e aferida pela critica.

A imprensa tinha concordado unanimemente em que a reforma da instrucção era uma questão vital.

Não é verdade que a imprensa tinha concordado n'isso? Pois bem: Em toda a *questão vital* o erro é um caso de morte.

Ora queria-nos parecer que a nossa obra—por maior que fôsse o orgulho que nos dominasse, por maior que fôsse a modestia a que nos submettessemos—não poderia facilmente deixar de merecer uma das seguintes classificações: ou seria inteiramente prestante, ou prestaria apenas para alguma cousa, ou não prestaria de todo para nada.

No primeiro dos referidos casos entendiamos que a critica deveria apressar-se a sancional-a com a sua approvação, dizendo por exemplo: *Mais um diamante de subido quilate acaba de engastar-se no diadema imperecível que cinge a fronte do nosso illustre collega o senhor fulano de tal. Queremos dizer que appareceu o 6.º volume das Farpas. Chamamos*

*a attenção dos leitores para o annuncio que vae na secção respectiva.*

No segundo caso julgavamos que competia á mesma critica discriminar no nosso voto o que era sensato e o que era erroneo, illucidando n'esse sentido a apreciação do publico.

No terceiro caso, finalmente, estavamos persuadidos de que á já referida critica cumpriria condemnar inexoravelmente o nosso trabalho como a droga mais funesta á saude dos espiritos, dizendo: *Mais um palmo de orelha asinina acaba de crescer acima do craneo do detestavel escriptor fulano de tal. Queremos dizer que appareceu o n.º 6 das Farpas. Esperamos que a abominação publica se apresse a tomar assento sobre este folheto.*

Reconhecemos agora, profundamente humilhados, que escapou a todas as nossas previsões a verdadeira attitude que deviamos esperar da imprensa. Com relação ao nosso pequeno livro a imprensa, na sua grande maioria, não teve opinião nenhuma!

Mas como foi então que ella affirmou com ardor que considerava a *questão vital*?... Houve decerto da parte da imprensa um equivoco. Evidentemente, quando ella chamou *vital* ao assumpto, não era á instrucção que alludia, era talvez aos chocolates do sr. Mathias Lopes.

Dois periodicos apenas — como singular excepção — entenderam que as *Farpas*, consagrando á reconstituição dos estudos em Portugal noventa e seis paginas refutadoras de todo o systema de ensino actual, mereciam uma palavra de attenção. Esses periodicos foram o *Paiç*, folha politica de Lisboa, e a *Evolução*, revista de litteratura, de critica e de vulgarisação scientifica, de Coimbra, aos quaes pedimos licença para analysar rapidamente algumas das objecções de que elles nos tornaram assumpto.

O *Paiç* concordando inteiramente com as nossas opiniões sobre a ignorancia geral e sobre os falsos meios que até hoje têm sido empregados para organizar o ensino, exproba ás *Farpas* o desprezo em que ellas têm sempre tido os problemas governativos, contribuindo assim para manter no publico a indifferença politica que a referida folha considera a principal causa da corrupção portugueza.

Ora o desprezo, ou antes o descaso, em que nós temos a questão politica não nos parece que seja, como o *Paiç* inculca, uma contradicção de principios, mas sim, pelo contrario, a consequencia mais logica da doutrina que temos exposto.

Se é certo que um exaggerado humanismo, uma excessiva cultura da forma litteraria e rhetorica tem pervertido a nossa educação intellectual com embar-

go de todas as sciencias fundamentaes, indispensaveis para o conhecimento do homem e para a comprehensão das leis que regem os seus destinos; se é certo, como nos parece ter demonstrado, que toda a instrucção facultada pelos nossos estabelecimentos publicos e particulares é a negação de todos os elementos de que dependem o nosso progresso intellectual e o nosso progresso moral; se é certo que uma tão funesta e tão inveterada organização tem lançado a sociedade portugueza na mais profunda anarchia, na mais completa dissolução de crenças, de convicções e de principios, destruindo absolutamente a afinidade dos espiritos e a solidariedade dos cidadãos; se é certo que a nossa inactividade cerebral chegou ao miseravel extremo de faltarem as idéas geraes e harmonicas que reunam um pequeno agrupamento de individuos sob um mesmo principio commum na religião, na economia, na politica, na moral e na arte; se é certo que desde quarenta annos não somos mais que um conjunto de tres milhões de egoismos pacificados pela indolencia; se tudo isto é certo, — como julgamos ter provado, — que importancia quer o *Paiç* que liguemos ao systema governativo sob o nosso regimen parlamentar? O *Paiç* bem o deve comprehender. Para a critica desinteressada e sincera, francamente, o facto politico em Portugal serve apenas para de

58

monstrar a incompetencia das maiorias por intermedio de um parlamento summamente estimavel como instrumento de observação, porque é elle que constitue a escala por onde mais facilmente se pode medir a marcha progressiva da nossa decadencia.

Em um paiz onde a ignorancia é geral o governo, *qualquer que elle seja*, é fatalmente mau, porque nenhum governo é possivel nem acima nem abaixo do nivel geral das idéas no meio em que elle existe. Sob o systema representativo esta relação constante da capacidade do governo com a capacidade social é ainda mais estreitamente necessaria que sob outra qualquer forma politica. Se o governo der um passo adeante ou ficar um passo atraz da aspiração determinada pelo nivelamento médio dos espiritos, uma fôrça invisivel e insuperavel, o voto, ha de impellil-o ou ha de refreal-o até restabelecer o equilibrio de que depende a viabilidade constitucional do poder.

Querem um governo sabio? preparem um povo instruido.

Emquanto o meio social não fôr modificado no sentido de uma maior elevação de sentimentos e de idéas verá o *Paiç* que a acção do governo sobre a civilização e sobre o progresso será absolutamente a mesma quer o poder se mumifique nas formas do sr. Anselmo Braamcamp, quer se disfarce sob os

historicos fluidos transmutativos do sr. Fontes Pereira de Mello.

Na *Evolução* o sr. Zeferino Candido, doutor em mathematica, lisonjeia-nos com um artigo de dez columnas com o fim principal de indicar o desacôrdo de algumas das nossas opiniões com as doutrinas de Augusto Comte.

Não podemos deixar de observar, antes de tudo, ao sr. dr. Zeferino que, comquanto estejamos profundamente convencidos com miss Martineau de que o unico campo do progresso é hoje o da philosophia positiva, não foi de modo algum uma exposição da doutrina comteana sobre a instrucção publica o que nos propuzemos fazer no precedente volume d'esta chronica.

Posto isto, tocaremos alguns dos reparos e satisfaremos algumas perguntas do sr. dr. Zeferino Candido.

Dissemos que na instrucção primaria *entra o que é puramente elementar na área de todos os conhecimentos humanos*. O sr. dr. Zeferino desdobra este principio dizendo que, segundo o nosso methodo de divisão do ensino, o alumno da instrucção primaria «seria obrigado a aprender *elementarmente* todos os conhecimentos que compõem a mathematica, a

physica, a chimica, a biologia, a sciencia social e além d'isso a parte *elementar* de todas as sciencias concretas como, por exemplo, a mineralogia, a geologia, a agricultura, a medicina, a arte do engenheiro, etc.

N'este ponto cremos que o nosso contendor desejou apenas fazer um jôgo de palavras improprio da elevação do seu espirito. Se nós dividimos a sciencia em tres categorias, *elementar*, *abstracta* e *concreta*, é claro que quando nos referimos *unicamente* aos conhecimentos que fazem parte da primeira categoria, excluimos os que entram na segunda e os que entram na terceira. Se tendo uma dada quantidade de valores e havendo-os dividido em tres séries, lhes chamassemos *prim iros*, *segundos* e *terceiros*, mostraria uma ligeira má vontade em desear perceber-nos aquelle que quando nós dissessemos *os primeiros* imaginasse que nos referiamos aos primeiros dos segundos e aos primeiros dos terceiros. Assim quando dizemos na sciencia a parte *elementar* não temos em vista uma porção determinada de principios com que cada uma das sciencias conhecidas tenha forçosamente que contribuir por meio de um extracto essencial para as materias da instrucção primaria, mas sim nos referimos ao que é em absoluto *elementar*, isto é, áquellas noções scientificas possuidas com tal gráu de evidencia que

não precisem nem de demonstração subsequente para que se próvem, nem de conhecimentos anteriores para que se comprehendam.

Quem delimitaria as fronteiras precisas ás tres distinctas categorias da instrucção? Quem faria o difficil programma do ensino de cada uma d'ellas? Quem redigiria os respectivos compendios?—Estas perguntas que o sr. Zeferino nos dirige são exactamente aquellas que nós aconselhamos o governo a que ponha a concurso retribuindo as respostas com um grande premio.

Exigir que nós preenchamos esta condição, aqui, de repente, e demais a mais de graça, afim de satisfazermos uma curiosidade, aliás muito legitima mas inteiramente pessoal, do sr. dr. Zeferino, parece-nos algum tanto violento.

Procuraremos todavia indicar a s. ex.<sup>a</sup> algumas das noções que consideramos elementares e proprias para os compendios da instrucção primaria:

As cupulas de vidro que se suspendem do tecto por uma corrente sobre as chaminés dos bicos de gaz estão em constante oscillação emquanto o candieiro se conserva acceso. Esta funcção do calor exercida pelo bico de gaz sobre a cupula que se lhe colloca por cima é a mesma que o sol exerce sobre o globo da terra. Sómente como o globo não

está suspenso de uma corrente, mas sim cingido por uma cinta de fluido invisível que se chama o *ether*, o calor do sol, actuando sobre metade do globo na parte em que é dia, obriga o a rolar sobre si mesmo para a outra metade em que é noite, e assim successivamente, como rolaria uma bola de bilhar em que se batesse com o taco por um lado e estivesse unida pelo outro a uma cinta elastica posta em circulo sobre a mesa. A bola não só giraria sobre si mesma mas percorreria em redor todo o circuito da fita. O movimento que a acção do calor do sol produz na terra sobre si mesma chama-se a sua *rotação*; o movimento consequente que ella descreve em volta do sol chama-se a *ecliptica*. (Theoria de Frémaux confirmada pelas experiencias do radioscopio.)—Eis uma noção elementar de astronomia.

Quando uma pedra cae na superficie da agua no centro de um lago produz uma série de ondas circulares que se extendem successivamente do ponto em que cahiu a pedra até a borda da agua. Assim se espalha a luz, quer ella saia de um astro, quer saia de uma vela de cêbo. Sómente a velocidade com que a luz se dilata do centro para a circumferencia é tres milhões de vezes maior do que aquella com que caminha a onda circular produzida pela pedra.—Eis uma noção elementar de physica.

O assucar posto em fermentação cessa de ser assucar e principia a ser alcool. Deixa-se uma gôtta de vinho no fundo de um copo em contacto com o ar. No ar ha um agente chamado o oxygenio, o qual combinando-se com o alcool que existe no vinho *desfaz* o vinho, e *faz* o vinagre. Assim em todas as transformações por que façamos passar os corpos é absolutamente impossivel desfazer uma cousa sem fazer outra, e tudo quanto se passa na natureza são combinações que se fazem ou combinações que se desfazem. — Eis uma noção elementar de chimica.

Um animal qualquer collocado em uma balança, mostra mudar constantemente de pêso, n'um movimento consecutivo como o do ponteiro de um relógio. Ao ser alimentado o animal, o seu pêso sobe de repente para immediatamente depois descer, mais rapidamente se o animal trabalha, mais rapidamente ainda se elle sua. Este facto prova que a nossa organização vital não é mais que um laboratorio em trabalho permanente de destruição e de renovação. Este duplo movimento, que por outros termos se chama a *assimilação* e a *desassimilação* constitue o phenomeno fundamental da vida. — Eis uma noção elementar de biologia.

É confeccionando um corpo methodico e syste-

matico de breves noções do genero das que indicamos que, em nosso entender, re redige um compendio de instrucção primaria.

O nosso illustre critico receia que seja impossivel habilitar professores de instrucção primaria bastante instruidos para ensinarem a parte puramente elementar das seis sciencias fundamentaes — a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia e a sociologia. Não nos parece que isto seja tão excessivamente difficil como a s. ex.<sup>a</sup> se figura.

Explicar, tanto, quanto seja possivel praticamente, pelo systema de Froebel, as noções elementares da astronomia, da physica, da chimica e da biologia é incomparavelmente mais simples e mais facil do que ensinar a Prosodia, do que ensinar a Syntaxe, do que ensinar a Etymologia. E não obstante nas escholas primarias ensina-se a Grammatica com todas as suas partes; ensina-se, além d'isso, a geographia; ensina-se a doutrina christã com a metaphysica de todos os sacramentos, com os nomes de todas as virtudes, com a enumeração de todos os peccados; ensina-se ainda a historia e a civilidade; finalmente chega-se a ensinar o *Manual Encyclopedico*, do sr. Emilio Monteverde!

Não ha noção alguma nas sciencias physicas e nas sciencias naturaes tão difficil de explicar a uma

creança como esta simples cousa que de balde se lhe procura ensinar ha tantos annos nas nossas escolas—o que é o *substantivo*. De todos os phenomenos do calor, do movimento, da luz, do som, da electricidade, do tempo, de todos os modificadores physicos, chimicos, biologicos e até sociaes, de tudo quanto mais ou menos directamente pode affectar os sentidos ou influir positivamente nos factos, —do principio da gravitação na astronomia, da junção ou disjunção das moleculas na physica, da cohesão ou dispersão dos átomos na chimica, da nutrição, do crescimento e da reproducção na biologia, —é possível dar ás creanças uma idéa lucida. Das partes da oração desafio quem quer que seja a achar uma theoria que illucide perfeitamente a comprehensão rudimentar de um menino.

Aquillo portanto que, segundo o systema que propuzemos, pareceu ao sr. Zeferino uma complicação absurda é apenas uma simplificação logica.

Passando em seguida a examinar as bases sobre as quaes nós desejaríamos que se organisasse a instrucção secundaria ou o ensino médio integral ou encyclopedico, o sr. dr. Zeferino dedica-nos os seguintes periodos, que pedimos vénia para reproduzir integralmente:

«Na instrucção secundaria cabe a parte chamada

*abstracta* de todas as grandes sciencias que constituem a exégese moderna segundo a admiravel genealogia de A. Comte: a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia e a sociologia.

«Na instrucção superior tem logar a parte concreta das referidas sciencias ou a sua applicação a qualquer dos ramos da actividade intellectual.» (*Farpas* fl. 24 e 25).

«Aqui o sr. Ramalho assumiu as proporções de um semi-deus. Fugiu da terra com a sua universalidade scientifica, collocou se á mão direita de Deus Padre Todo Poderoso, e legislou para os bemaventurados espiritos d'aquella celeste mansão!

«Desgraçada educação scientifica é esta, colhida nos livros de A. Comte e seus discipulos, se ella leva o homem a taes resultados!

«No entender do sr. Ramalho a instrucção secundaria ou ensino médio, que se deve prolongar até aos 18 ou 19 annos, deve ser universal. «É por meio de um forte ensino médio, commum a todos os cidadãos, qualquer que seja o estado, a profissão ou a jerarchia de cada um, que uma verdadeira democracia se affirma na civilisação e no progresso» diz s. ex.<sup>a</sup> a pagina 29.

«A. Comte escreveu um curso de philosophia positiva, que é um estudo de todas as sciencias fun-

damentaes por elle classificadas na segunda licção. O curso de philosophia positiva deve ser, portanto, o livro que se deve collocar na mão de todo o cidadão, qualquer que seja o seu estado, profissão ou jerarchia, quando vae estudar a instrucção secundaria. N'um paiz sábiamente governado, como o sr. Ramalho deseja que seja o nosso, deve o livro de A. Comte ser o livro de estudo de todos os portuguezes, desde o filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus, até ao sr. Ramalho que estuda os problemas mais audaciosos da sciencia para nos dizer tudo isto, para nos dirigir e ensinar d'este modo, para ensinar a commissão que o governo encarregou d'estes estudos, para ensinar um paiz onde a ignorancia é universal, crassa e supina.

«O sr. Ramalho teve a idéa majestosa de formar do paiz dos ignorantes, um paiz de sabios, como A. Comte se não cança de chamar aos que seguirem e comprehenderem o seu plano de estudo.

«Grande e louvavel patriotismo é este que só podia ser produzido «por um banhista da Cruz Quebrada, escrevendo *sobre o Joelho*, á sombra de um parreiral, sem livros, sem suggestões litterarias, inspirado por um *moinho de vento*, ou pelas rôlas que emigram, cortando o sereno azul com a palpação do seu vô.» A confissão justifica o confessado.

63

«Estes problemas, sr. Ramalho Ortigão, não se estudam á sombra dos parreirões, com a inspiração dos moínhos de vento e das aves. Estes problemas estudam se sériamente nos gabinetes.

«Colhidos os dados pela observação, pensam-se e discutem se as leis a que esses dados se sujeitam, contraprovam-se em seguida essas leis pelo juizo d'outros analysadores, e só depois de maduro pensar, de rigorosa verificação, se entregam ao mundo da publicidade, se expõem á extranha apreciação.

«O sr. Ramalho incorre na falta de quem reproduz mais do que produz.

«Se pelo seu trabalho proprio, pelo seu bem dirigido pensamento, assimilasse a justa idéa do ensino integral, como hoje elle é recommendado e exposto por todos os apóstolos da *Philosophia positiva*, não viria fazer de tão util medida uma exposição falsa, e tão falsa que seria a sua completa condemnação.

«Veja o sr. Ramalho com cuidado os artigos escriptos por Paulo Robin na esplendida exposição d'este ensino, publicados nos numeros 5, 7 e 9, da *Revista de philosophia positiva*.

«Na exposição que faz Littré no tómo 7.<sup>o</sup> d'esta mesma publicação, de um projecto de reforma apresentado pelo dr. Picot em 1871, tendo por fim a reorganisação da instrucção publica na França, verá

o sr. Ramalho que o ensino superior que Picot quer seja professado em dez universidades, é distribuido em sete faculdades, contendo as cinco primeiras o estudo das seis sciencias fundamentaes, a sexta comprehendendo uma faculdade de medicina e a setima uma faculdade de direito.

«N'esta exposição diz Littré: «Nos paizes mais adeantados, apenas é obrigatorio o conhecimento da leitura e escripta. O sr. Picot quer aproveitar o ensino da reorganisação para collocar a França não só ao nivel, mas acima das regiões que tem levado mais longe a diffusão popular da instrucção.»

«Veja o sr. Ramalho que para tão alto fim o doutor Picot colloca o estudo das seis sciencias fundamentaes na instrucção superior, que é perfeitamente facultativa, ao passo que o sr. Ramalho quer o estudo d'estas sciencias obrigatorio para todos, e o seu estudo unico, completo, na instrucção secundaria!»

Permitta-se-nos que principiemos por levantar do texto d'esta exposição uma phrase que consideramos importantissima comquanto pareça extranha á doutrina e relativa unicamente á nossa individualidade. *O sr. R. incorre na falta de quem reproduz mais do que produz.*

Precisamos de declarar desde já, de prompto e

categoricamente, ao sr. dr. Zeferino, a todos os nossos leitores, ao publico e sobre tudo ao nosso medico, que nunca em nossa vida fizemos scientemente mais do que *reproduzir* ou quando muito *transformar*.

Produzir, isto é: ter idéas pessoaes, de gestação propria, pela fecundação de nosso proprio ôvo operada por nós mesmos, — como Augusto Comte em uma das intercadencias da sua razão, na crise mystica do seu cerebro, imaginou na «virgem mãe», — ter finalmente uma idéa nova, uma só que seja, é estar por esse simples facto fora da humanidade, mais ainda: é estar fora da natureza, e é ataca-la na lei das *uniformidades de successão* que constituem o modo de ser universal.

Em todo o trabalho immenso de codificação e methodisação das sciencias que forma a obra colossal de Augusto Comte, um dos maiores monumentos do espirito humano, tudo é sabido, tudo é velho, com excepção de uma unica parte a *politica positiva*, mas esta parte — *nova* — não é um phenomeno scientifico, é um symptoma pathologico: — o auctor da *politica positiva* tinha enlouquecido.

Emprazamos pois o sr. dr. Zeferino para que nos diga quando foi que as *Farpas* produziram o que quer que fôsse!

Porque, se effectivamente *produzimos*, passamos

n'esse caso a solicitar da beneficencia publica um collete de fôrça.

Ha novas idéas, ha idéas originaes, ha producção espontanea no nosso cerebro? Se ha, digam-o, porque n'esse caso trocamos immediatamente o caminho da *Typographia Unversal* pelo caminho de Rilhafolles.

Se temos idéas nossas—vejam lá bem!—se as temos, deixamos immediatamente de pertencer ao publico; pertencemos ao dr. Craveiro.

Quer vêr agora o leitor paciente em que termos a *falsidade da nossa exposição, a nossa leviandade, a nossa falta de contraprovas pelos juizos de outros analysadores, etc.*, se acha confirmada pela eschola positivista, em nome da qual *unica e exclusivamente* o sr. dr. Zeferino nos verbera como se isto fôsse uma questão de eschola e não uma questão de idéas?

A eschola positivista não tem por unico definidor geral o sr. dr. Zeferino, possui um órgão official, a *Revue de Philosophie Positive* dirigida pelos senhores Littré e Wirouboff e citada pelo mesmo sr. Zeferino como o codigo fundamental da sua doutrina.

N'esse codigo, que é ao mesmo tempo a *carta constitucional* e a *carta adorada* de s. ex.<sup>a</sup>, tômo 10, paginas 233, lê-se:

## ENSINO SECUNDARIO

É aqui o coroamento do ensino encyclopedico. A *somma dos materiaes e das noções concretas amontoadas até aqui* (NA INSTRUÇÃO PRIMARIA) é *sufficiente para permittir ao espirito abrenger o conjunto das sciencias abstractas cuja classificação dei já*. ESTA CLASSIFICAÇÃO ACHA-SE A PAGINAS 226 E 227 EXPOSTA NOS TERMOS SEGUINTEs :

<i>Instrumentos de aquisição</i> . . . . .	}	<i>leitura</i>
		<i>escripta.</i>
	}	<i>mathematica</i>
		<i>astronomia</i>
<i>Sciencias propriamente dictas</i> . . . . .	}	<i>physica</i>
		<i>chimica</i>
		<i>biologia</i>
		<i>sociologia.</i>

*Tal é a unica classificação verdadeira das sciencias, tal é tambem o unico plano racional de uma educação scientifica integral ou encyclopedica.*

Creemos que o leitor tem comprehendido bem os termos em que pomos a questão.

As palavras que acabamos de transcrever em italico são traduzidas á letra de um extenso artigo

em que o sr. Lafargue, collaborador da *Philosophia Positiva*, colloca na instrucção secundaria — *a parte abstracta das seis sciencias fundamentaes de Augusto Comte*.

O que quer dizer: que a opinião emittida por nós e que o sr. dr. Zeferino classificou de absurda unicamente *por não ter sido contraprovada pelos analysadores competentes*, mestres da philosophia positiva, está precisamente não só contraprovada mas prescripta pelos referidos analysadores e mestres no ultimo trabalho consagrado por elles á revisão dos programmas do ensino publico.

Vêem portanto que o que nós trouxemos da praia da Cruz Quebrada, da convivência das rôlas, dos moínhos de vento e da babugem das marés — juntamente com alguns safios que tivemos a fortuna de pescar á linha na rocha do Bico — foi uma theoria authenticamente confirmada, contraprovada e garantida.

O que o sr. dr. Zeferino nos envia do recesso das bibliothecas d'onde vem, do mysterio dos laboratorios em que tem vivido, do conciliabulo dos decanos universitarios com quem communica, é um puro erro de exposição tão erudito quanto flagrante, — procedente talvez de s. ex.<sup>a</sup> não ter querido lêr para a averiguação d'este ponto senão até o *tômo 7 da Philosophia Positiva*. 66

O t<sup>o</sup>mo 10 tinha chegado em setembro passado á Cruz Quebrada, e era precisamente á mão d'esse t<sup>o</sup>mo que nós nos achavamos — bem como, de quando em quando, á do nosso banheiro — e não á de Deus Padre Todo Poderoso, como o nosso amavel doutor teve a bondade de acreditar que nos suppunhamos.

Se ousassemos imitar o estylo sacerdotal e gemitico do sr. Zeferino, nós poderíamos exclamar: *Desgraçada educação universitaria é esta colhida clandestinamente nos livros de Augusto Comte e seus discipulos, se ella leva os doutores a taes resultados!*

Em vez de declamações estereis, nós preferimos todavia dizer a sua ex.<sup>a</sup> verdades simples e sinceras.

Quer sua ex.<sup>a</sup> que lhe digamos francamente, em boa amizade, onde é que nos suppomos!? Suppomo'-nos na anarchia, na confusão, na indisciplina de idéas, de principios, de leis moraes, em que afundi a sociedade de que fazemos parte. Achamo'-nos por um lado sem as crenças em que se baseava o principio da fé no mundo velho, e por outro sem as convicções scientificas que deviam fortalecer e nobilitar a alma nova. Nós mesmos somos um producto do meio viciado em que estamos, somos uma creatura humilde, e obscura, mas legitima da socie-

dade a que pertencemos. Sómente, dentro da limitada esphera das nossas fôrças pessoaes, nós resistimos e protestamos. Resistimos pelo impulso de uma vontade honesta, isolada. Protestamos contra a educação que recebemos; protestamos contra as nossas instituições de ensino que julgamos absolutamente incapazes de crearem homens fortes, instruidos e honestos; protestamos contra a immoralidade progressiva e contra a corrupção crescente que essas instituições alimentam e mantêm; protestamos finalmente contra a geral indiferença dos espiritos por este estado de cousas, indiferença que ameaça rebaixar-nos até o ponto de poder converter-nos em — um paiz de gaiatos.

Quando alguma vez tocamos com mão inexperiente alguns problemas difficeis e graves não é porque tenhamos a audacia de presumir resolvel-os como um ente superior e immaculado. O que temos — não por excepcional elevação de espirito mas por alguma rectidão de character — é o principio da simples honestidade que obriga todo o homem a quem o acaso distribuiu uma penna a ir pondo successivamente a sua palavra adeante de cada uma das interrogações que lhe suggere a sua alma.

Se nos temos arrojado a emittir algumas theorias, como, por exemplo, a da arte, a da religião, a da patria, a da familia, a do casamento, a do divor-

cio, a do trabalho, se temos discutido algumas instituições como a imprensa, o theatro, o exercito, a egreja, a corôa, o parlamento, o ensino, etc , se sobre alguns ou muitos, ou todos esses pontos temos divulgado opiniões diferentes ou oppostas ás opiniões consagradas, — é com uma profunda convicção de solidariedade e de responsabilidade que o temos feito, não com o intento de que a nossa palavra prevaleça no destino das soluções, mas para que ella atteste em publico a presença de um espirito em dissidencia e em revolta, o qual, em nome de outros espiritos em condições analogas, nada mais pede do que ser esclarecido e guiado.

Quando porém vemos que as mais altas e importantes questões suscitadas pelas *Farpas* ninguem mais as discute nem as illucida na esphera competente, na esphera scientifica, na esphera philosophica, que querem que julguemos senão que essa esphera na sociedade portugueza está arrefecida, deshabitada, e não é mais que um póbre planeta exausto, morto, inutil, perdido nas solidões do espaço?

O sr. dr. Zeferino reprehende *a severidade com que apreciamos o ignorancia do paiç a ponto de nem ao menos encontrarmos quem possa estudar os vicios da nossa instrucção*. Não sabemos se ha quem possa estudar os vicios da nossa instrucção; o que sa-

bemos é que não tem havido quem os estude. E isto não é uma hypothese, é um facto. Quarenta annos de dissolução inveterada e de decadencia progressiva só se explicam por quarenta annos de inercia demasiadamente provada e perfeitamente manifesta.

Outro ponto que s. ex.<sup>a</sup> controverte é o do principio do concurso, que nós queremos abolido e que s. ex.<sup>a</sup> deseja que continue em vigor.

N'esta parte ainda é o sr. dr. Zeferino quem se encontra em desaccôrdo com os livros que cita para nossa licção.

Na *Philosophia Positiva*, tómo 8, paginas 24 a 58, vem um artigo do sr. Georges Pouchet intitulado *O ensino superior das sciencias*, no qual a necessidade de abolir o concurso no interesse do ensino, segundo a organização allemã, necessidade exposta pelas *Farpas*, é mantida pelo auctor como a base de uma reforma urgente no professorado francez.

As curiosas affirmações do sr. Zeferino: *Um sabio que dá inferior prova n'um concurso oral prova «ipso facto» a necessidade de ser excluido do ensino; — Os sabios não são os melhores mestres; — O concurso não exclue senão os inhabeis; — O concurso afasta do ensino a perigosa intervenção das incom-*

68

*petencias*; — tem no artigo referido uma refutação plena em argumentos solidos e em factos precisos.

Frederico Savigny, o insigne mestre de direito romano, o creador da jurisprudencia historica e um dos primeiros professores do mundo, dizia do alto da sua cadeira na Universidade de Berlim, segundo se lê na autobiographia do seu discipulo Jacob Grimm, que o concurso oral era a porta aberta ás mediocridades.

O mesmo Jacob Grimm, o illustre philologo, descobridor da grande lei do deslocamento das consoantes nas linguas indo-germanicas, creador do methodo historico das linguas, professor de litteratura allemã na Universidade de Goettingue, tinha uma invencivel difficuldade de exposiçãõ, e era pelo grande e sincero esfôrço que empregava para se exprimir claramente e pela paixão profunda que consagrava ás verdades do seu methodo que elle conseguia attrahir a attenção dos seus discipulos e fixal-a nos elevados assumptos que o preocupavam. Na Universidade de Coimbra vêmos — por o que diz o sr. dr. Zeferino — que Jacob Grimm seria «*ipso facto*» excluido do ensino.

A lista dos erros commettidos pelo sr. dr. Zeferino na sua allegação em favor do provimento das

cadeiras pelo concurso oral termina com estas palavras: *Homens de reconhecido merito, de subida consideração scientifica escrevem de forma que ninguem os comprehende, ao passo que outros menos instruidos, escrevem com clareza e methodo muito superior.*

Este postulado desautora um positivista e prova simplesmente que o sr. Zeferino ou não sabe o que é um homem de *reconhecido merito e consideração scientifica* (qualificações que só cabem á superioridade intellectual que resulta exactamente da posse de um methodo), ou não sabe o que é escrever com clareza e com methodo, confunde o estylo e o palanfrorio, e não differença as qualidades litterarias que distinguem os grandes livros dos livros mediores e banaes.

Pelo que diz respeito ao methodo que indicamos para a adopção dos compendios, não podemos tão pouco conformar-nos com o sr. dr. Zeferino em que esse methodo esteja em desaccôrdo, por qualquer modo que seja, com a instituição dos *privat docenden*. Os compendios não são mais que um desenvolvimento complementar dos programmas, e nada têm commum com o modo como devem ser escolhidos os professores.

Como parte integrante do nosso systema a refe-

rencia aos compendios tem ainda a vantagem de mostrar ao sr. dr. Zeferino que não é pelo *Curso de philosophia positiva*, de Comte, mas sim por livros especiaes expressamente feitos para esse fim que nós desejaríamos que se ensinasse aos alumnos de instrucção secundaria a parte abstracta de cada uma das seis sciencias fundamentaes.

Ha várias outras proposições do sr. dr. Zeferino que provam lamentavelmente quanto o espirito esclarecido de s. ex.<sup>a</sup> está longe da positividade philosophica.

«O Estado — affirma por exemplo sua ex.<sup>a</sup> — tem todo o direito e obrigação de intervir nos concursos.

Parece nos perigoso positivista o que assim demonstra ignorar as leis mais geraes da doutrina que imagina professar, e tendo lido Comte, Littré, Robin, Wirouboff, Lafargue, todos os eminentes systematisadores, desconhece ainda o principio fundamental em sociologia:—que o Estado se acha constituido metaphysicamente e que a sua intervenção directa e constante no ensino, esmaga a auctoridade espiritual da sciencia, corrompe-a nas suas fontes, e perverte-a nos seus fins.

Segundo s. ex.<sup>a</sup>, a *posição social* dos que appren-

dem é uma circumstancia que importa attender na fixação dos programmas, não convindo sobrecarregar de noções scientificas o *filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus*.

Aqui a intenção pathetica do estylo, menos proprio talvez de um mathematico e de um philosopho moderno que de um velho auctor de novellas pastoris, encobre um outro gravissimo erro de doutrina. Com excepção dos cursos de applicação, a instrucção facultada a um povo—no ensino primario e no ensino médio—não distingue a *condição social* dos individuos e tem unicamente em vista preparar homens com a somma de idéas indispensaveis para serem simplesmente—homens, isto é, para não quebrarem por meio do disequilibrio do seu pêso bruto os elos mais altos ou os mais baixos da extensa cadeia da dignidade e da solidariedade social. *O filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus* é alguma cousa um pouco mais definida do que uma paraphrase bucolica: chama-se na industria um *agricultor*, chama-se na politica um *cidadão*, chama-se na familia um *pae*, e não se chama *um filho das serras* senão na critica philosophica do sr. dr. Zeferino.

Como cidadão, como chefe de familia, como agricultor, esse individuo a quem a prudencia do senhor Zeferino não distribue mais alimento espirital que

a cartilha e as quatro especies, precisa no emtanto para cultivar o seu campo e para educar os seus filhos, sem perigo para a civilisação, de uma variedade de conhecimentos muito mais vastos do que aquelles de que necessita um cathedratico da faculdade de mathematica na universidade de Coimbra para explicar aos seus alumnos o calculo das funcções indirectas.

O sr. dr. Zeferino diz ainda: «O estado da civilisação em geral e em particular *do paiç para que se legisla* são outras «causas» (?) que modificam a distribuição da instrucção.»

Se o que sua ex.<sup>a</sup> pretende enunciar n'este periodo confuso é—como deduzimos por concordancia com os periodos anteriores—que no modo de distribuir a instrucção se deve attender ao estado da civilisação variavel segundo os paizes para que se legisla—temos de lembrar-lhe que essa delimitação geographica é inadmissivel na sciencia e por consequente na instrucção.

A Europa, como sua ex.<sup>a</sup> bem sabe pela leitura dos philosophos seus confrades, é uma grande confederação espiritalmente indivisivel, com interesses mentaes communs a todos os povos

A paz e o progresso dependem essencialmente d'essa *unificação intellectual*, que todos os pensado-

res modernos se esforçam por levar a effeito, e que o sr. dr. Zeferino — um philosopho e um positivista — pede, simplesmente, em nome da philosophia e em nome da positividade, que se desgregue e se delimite com relação a cada Estado!

Em nome da sciencia, que o sr. dr. Zeferino cultiva, pedimos-lhe que se resigne a aceitar o principio que as *Farpas* expressaram na unica fórmula verdadeira: *o que um paiç deve apprender não se restringe por considerações de especie alguma além d'esta, — o que esse paiç pode ensinar.*

As aberrações a que nos temos referido levar-nos-hiam a duvidar que o sr. dr. Zeferino fôsse um positivista, a recusar-lhe talvez inteiramente essa qualificação, se a sua palavra nos não merecesse todo o crédito e não fôsse sua ex.<sup>a</sup> mesmo quem affirma ser o *apostolo d'essa religião sublime, prégada pelo auctor da Philosophia positiva.*

Resta-nos pois desejar-lhe que o continue a ser por muitos annos e bons, e que a deusa Sabedoria o preserve dos grandes perigos que se nos figuram appensos aos seus trabalhos de evangelisação na senda resvaladiça das symbolicas ladeiras coimbrãs!

Augusto Comte, como sua ex.<sup>a</sup> mui bem sabe, foi um homem duplamente dotado com um grande

genio e com uma dyspepsia. Do genio resultou a criação da philosophia moderna, que o immortalizou. Da dyspepsia resultou uma affecção do cerebro e da espinhal medulla que lhe invadiu as faculdades e o arrancou da sciencia para a sepultura. Deixou duas heranças distinctas: a obra do seu genio e a obra da sua dyspepsia. Os discipulos tomaram conta de tudo, repartiram, e ficaram divididos em dois grupos diversos. O primeiro grupo, presidido pelo sr. Littré, recebeu a herança do genio. O segundo grupo, presidido pelos srs. Robinet e Laffite, recebeu o legado da dyspepsia.

E assim ficaram existindo, um por traz do outro, dois positivismos differentes.

Ora o que nós vivamente receamos é que o intenso esforço impulsivo que o espirito tem de fazer sobre si mesmo para saltar do methaphysismo universitario para a philosophia positiva leve alguns dos catechumenos conimbricenses a exaggerarem o pulo, passando por alto o positivismo scientifico e cahindo de chofre no positivismo Laffite. Por tal modo, em vez de procurarem reformar as suas idéas, os seus sentimentos e os seus actos segundo o criterio scientifico, darão comsigo na preocupação da *orthodoxia* e no *cultismo* das formas, e não se affirmarão na reconstituição dos principios senão redigindo *bullas* e *breves* contra os hereticos, e acoly-

tando o sr. Zeferino Candido, *apostolo*, e o sr. Emygdio Garcia, *pontifice*, junto ao altar de Madame de Vaux para a celebração das festividades do — *grande Ser*.

Novembro 1876.

## XXI

Os jornaes do mez passado trasbordaram de annuncios e de noticias pouco mais ou menos do teor seguinte:

«Mais um florão acaba de ser accrescentado á corôa da sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma, directora do bem conhecido e acreditado collegio de *Nossa Senhora da Santissima Purificação*, rua de tal, numero tal, quarto andar, lado esquerdo Foi hontem examinada em instrucção primaria e approvada com dez valores, no Lyceu Nacional, a menina Elvira Fernandes, alumna do referido collegio. O nosso amigo Polycarpo Fernandes, extremoso pae da joven examinanda, profundamente grato ao zêlo da sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma e aos carinhos dos examinadores de sua

debil e tímida menina, a todos consagra, por este meio, seus indeleveis agradecimentos.»

A inundaçãõ dos artigos d'este genero prova que o exame publico no Lyceu Nacional começa a tornar-se um fim na educaçãõ ministrada ás meninas nos collegios de Lisboa.

A pedagoga sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma envida toda a honra da sua taboleta, todas as idéas da sua cuia e toda a actividade dos seus chinelos de trazer nas classes para dotar com o maior numero de exames as alumnas confiadas ás *réclames* das suas distribuições de premios.

Este anno a menina Fernandes foi approvada em instrucçãõ primaria. Para o anno proximo será approvada em francez. D'aqui a tres annos obterá egual exito com relaçãõ á lingua ingleza.

O sr. Fernandes, cada vez mais reconhecido, terá publicado a esse tempo dez ou doze agradecimentos ao esclarecido zêlo da sr. D. Jeronyma, e recobrará completamente educada a sua filha. A infatigavel e benemerita professora *dá-a por prompta* para entrar na sociedade mais escolhida. Ella sabe as linguas, toca o piano e tem, segundo o programma da sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma, *as prendas de mãos proprias do seu sexo*. Estas prendas consistem em fabricar palmitos de papel e em bordar entes fabu-

losos, de uma monstruosidade mythologica, feitos a lãs, a matiz, ou a missanga, com olhos de vidro, beiços de vidro, e lagrimas tambem de vidro, sobre um retalho de panno que se encaixilha e que tem por baixo, a ouro, a data da confecção do monstro feita em cruz; e em formosas lettras de bastardinho, egualmente a canotilho de ouro:

*Elvira Fernandes me fecit*

Ao fim de um anno de vida domestica D. Elvira esqueceu as linguas, das quaes apprendeiu precisamente o indispensavel para *escapar*, cahindo-lhe um thema facil e um examinador *carinhoso*, como muito bem dizia Polycarpo nos seus annuncios de agradecimento. Esqueceu as linguas, porque as não pratica na conversação ou no estudo, e não sabe uma palavra das leis da linguistica, que fixam e systematisam os conhecimentos theoricos da formação das palavras.

Resta lhe a faculdade de patinhar no piano a *Prière d'une vierge* ou *Les cloches du village*, e de continuar a bordar em seda ou em casimira os abortos que derramam compungidamente o seu choro de vidrilhos nas almofadas do salão, aos cantos do sofá, e sobre os assentos das poltronas.

Polycarpo reconhecerá então — demasiado tarde, ai de mim! ou antes «ai d'elle!» ou melhor ainda «ai de nós todos!» — que D. Elvira possui, no estado mais exemplarmente encyclopedico, a ignorancia cabal de tudo quanto precisa de saber a mulher para ser na casa uma das rodas em que versa a familia sensata e dignamente constituida, na qual Elvira tem a sua difficil funcção que exercer como filha, como irmã, mais tarde como esposa, e finalmente como mãe.

De tal modo os exames das meninas no Lyceu Nacional, compromettem absolutamente os fins da educação, desviam-a do verdadeiro ponto de vista pedagogico, são uma ostentação ridicula, offendem o bom gosto, desprimoram a delicadeza e a dignidade senhoril, assopram o pedantismo, incham a frivolidade e incapacitam a mulher para a missão a que ella é chamada na familia.

Entendemos portanto que — desde o momento em que Fernandes é bastante obtuso para não prever os perigos da falsa educação ministrada a sua filha e não só não protesta contra o programma absurdo de D. Jeronyma, mas antes lhe enderessa applausos de um enthusiasmo inexcédível, — ao Estado cumpre intervir; não se tornar solidario das illusões de

Fernandes; e proteger Elvira. Como? Retirando a Fernandes e a D. Jeronyma o direito de a levarem a exame.

*Levar a exame!* Só a palavra é um ultrage da dignidade feminil. Submitter pelo despotismo do direito paterno tudo quanto ha mais delicado, mais melindroso, mais susceptivel de corromper-se—o espirito virginal de uma menina,—ao interrogatorio official de um mestre, que durante vinte minutos vae exercer sobre aquella alma a tyrannia espiritual de um confessor! Um tal inquerito, um tal julgamento, pode ser desculpavel na educação de um rapaz, para quem o exame é uma habilitação legal para a sua carreira civil; na educação de uma menina portugueza semelhante prova é inadmissivel e equivale a uma amputação do decoro.

Ora se nenhuma mestra e se nenhum pae tem o direito de cortar as orelhas a uma creança para a tornar mais bonita, assim nenhum pae e nenhuma mestra podem ter a auctoridade de fazer examinar uma menina para a tornar mais educada.

Pelo que, a obrigação do Estado seria prohibir os exames de instrucção primaria e de instrucção secundaria para todas as pessoas do sexo feminino que não juntem ao requerimento de matricula attestado de maioridade e de emancipação legal

Em um exame de instrução primaria n'um dos nossos lyceus deu-se este dialogo:

*O examinador*—Que faz a menina quando se vae deitar?

*A examinanda*—Quando me vou deitar...

*O examinador*—Sim! Quando se vae deitar o que faz? Diga.

*A examinanda*—(córando até a raiz do cabello e baixando os olhos)—Quando me vou deitar dispo-me.

*O examinador*—E depois de se despir?... Responda! Depois de se despir o que faz?... A menina não ouve?... Ou finge que não ouve?!... O que faz depois de se despir?

*A examinanda*—Tenho vergonha...

*O examinador*—Não tenha vergonha. Responda para deante!

*A examinanda*—Depois de me despir o que eu faço é...

E n'este ponto a examinanda, com a face afogueada pelo rubor do pejo, com os olhos cheios das lagrimas do terror, na lingua adoravel dos cinco annos, n'essa lingua que os homens só falam ás suas mães na pureza da innocencia primitiva, n'esse dialecto infantil ainda mais casto do que as linguas mortas, traduziu a locução de Plinio: *urinam ex se emittere*.

O professor a que nos referimos foi intimado a não proseguir pelo presidente da mesa, o sr. Augusto Soromenho, cujo testemunho invocamos.

É assim que nos exames de instrucção primaria se averigua se as alumnas sabem ou não «civilidade.»

Se a sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma carece das noções precisas para dirigir a educação de uma menina, é preciso dar-lhe essas noções, ou prohibil-a de educar, restringindo-lhe o direito de corromper a intelligencia da infancia.

A reforma da instrucção das mulheres é em Portugal ainda mais urgente que a da instrucção dos homens.

As linguas não constituem instrucção, porque não ministram conhecimentos, são apenas meios de os adquirir.

Esses conhecimentos indispensaveis á mulher deveriam constar, na educação elementar, dos seguintes ramos de ensino:

- 1.<sup>o</sup> Curso de aceio e de arranjo.
- 2.<sup>o</sup> Curso de cozinha (chimica culinaria).
- 3.<sup>o</sup> Contabilidade, escripturação e economia domestica.

No curso do primeiro anno dos collegios toda a

menina aprenderia, juntamente com as necessarias habilitações litterarias para adquirir idéas, as seguintes noções práticas:

Os processos scientificos mais perfeitos de lavar e de enxugar a roupa branca, o fato, as rendas finas, os tulles, as sedas, os tapetes, as esponjas, as escôvas; de conservar e concertar todos os objectos do uso domestico; de regular o uso do banho, de lavar o cabello, de fazer os melhores pós de dentes, a melhor pomada, a melhor agua de *toilette*; de arejar e de desinfectar os aposentos; de polir os metaes e as madeiras; de encerar os soalhos; de limpar os vidros e as laminas dos espelhos; de envernizar os quadros; de concertar os livros e as estampas. Aprenderia ainda os methodos mais hygienicos ou mais racionaes: de escolher os aposentos de uma casa, segundo o fim a que cada um d'elles se destina; de dispôr os móveis; de pendurar os quadros; de collocar a bateria das caçarolas; de montar a despensa e a garrafeira; de fazer os inventarios e os roes; de dobrar e guardar a roupa branca e a roupa de mesa em lotes numerados; de pôr a mesa para os grandes e para os pequenos jantares.

Este curso completar-se-hia com algumas noções accessorias: dos differentes generos de mobilia e do seu estylo caracteristico nas épochas mais notaveis

da historia da arte ornamental; das principaes louças, vidros, crystaes, tecidos empregados nos estôfos da mobilia e no vestuario, e historia da fabricação d'esses estôfos.

No curso de chimica culinaria, do segundo anno do collegio, a menina apprenderia, primeiro que tudo, a fazer um caldo.

O caldo é a base de toda a alimentação sábia-mente dirigida, não porque o caldo de per si só constitua um alimento importante, mas porque é o caldo bem feito que estimula o systema intestinal e o habilita para uma boa digestão.

Toda a mulher que não sabe fazer um caldo, deveria ser prohibida de dirigir uma casa. Sobre a ignorancia culinaria da maior parte das senhoras portuguezas pesa a responsabilidade tremenda da dyspepsia nacional.

Não temos estomagos sãos porque não temos mulheres instruidas. Esta affirmação pode parecer uma phantasia de estylo; é uma pura verdade physiologica, e é um facto social. Em Lisboa ignora-se completamente o que é um caldo, porque esse delicado producto chimico só o sabem preparar os cozinheiros de 5:000 francos de ordenado. As familias que não podem aggregar-se funcionarios d'esse preço e que não são dirigidas por senhoras que saibam o

seu officio, tomam, em vez de caldo, um liquido gorduroso e opaco, mais ou menos condimentado e indigesto. A condição essencial do caldo bem feito é que elle contenha a maxima quantidade de materias odoríferas extrahidas da carne, (vid. Liebig), que não tenha o minimo vestigio de gordura, que seja aromatico e perfeitamente transparente.

Se tivéssemos alguma esperança de que a senhora D. Jeronyma o ensinasse ás suas educandas, dir-lhe-hiamos como um caldo se faz. Mas a sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma acha mais util ensinar o que é o *substantivo*. Como se alguém no mundo precisasse, para o que quer que fôsse, de saber o que o *substantivo* é! Como se immensas pessoas (em cujo numero nos contamos), não estivessem mesmo convencidas de que jámais existiu na natureza o *substantivo*, e que elle é uma pura chimera, menos interessante que o papão!

Ha todavia no mundo quem não seja inteiramente da opinião da sr.<sup>a</sup> D. Jeronyma. Um dos sabios mais eminentes do mundo actual, o sr. Wirchow, demonstrava ha pouco tempo em Berlim que a intima correlação que existe no seio de uma sociedade entre a condição das mulheres e o progresso da civilisação depende de uma outra correlação não menos intima que existe entre a mulher e a cozinha. O principal agente do temperamento de um povo,

do seu character, da formação das suas idéas, é a sua alimentação. É principalmente pela sua influencia na cozinha que a mulher civilisada governa o mundo e determina o destino das sociedades.

Em Londres os mais importantes jornaes, como a *Quarterly Review*, têm chamado para este assumpto a attenção dos poderes publicos e da iniciativa particular por meio de muitos artigos successivos ácerca da regeneração da cozinha, da arte de jantar, do estudo comparativo das cozinhas dos diferentes povos, etc.

A Inglaterra comprehendeu finalmente que a circumstancia de não saberem as suas mulheres fazer bom caldo constituia uma inferioridade nacional e compromettia o destino do povo inglez. Para remediar este mal, que obstava ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento physico e moral dos seus habitantes, a Inglaterra fundou, em 1876, um notavel estabelecimento publico de educação feminina, intitulado *Eschola nacional de cozinha*. O numero das alumnas matriculadas em a nova eschola subiu rapidamente a cerca de duas mil. Para satisfazer as necessidades do ensino foi preciso estabelecer não menos de vinte e nove succursaes da eschola de cozinheiras. Entre as alumnas que frequentam essas escholas figuram meninas das mais aristocraticas familias da Inglaterra. Algumas estão inscriptas co-

mo simples ouvintes, e assistem aos trabalhos tomando as competentes notas nos seus cadernos; muitas outras atam o avental e descem aos processos, indo trabalhar alegremente á banca das operações, ou junto do fogão, vigiando a caçarola e o espêto.

Um só facto basta para evidenciar a vantagem d'esta especie de ensino na economia domestica: As classes de cozinha da instituição britannica estão divididas em várias secções dependentes do orçamento a que as familias têm de cingir as suas despesas; ha uma secção destinada a ensinar os meios de alimentar do modo mais hygienico e mais agradavel uma familia que não possa applicar á cozinha mais que uma verba de 17600 réis por semana! Em Portugal tão descurado está este importante assumpto que, não obstante a fertilidade do nosso solo e a benignidade do nosso clima, é inteiramente impossivel estabelecer com 17600 réis por semana um conveniente regimen alimenticio para uma familia de quatro pessoas.

O curso de cozinha nos collegios portuguezes deveria ser organizado praticamente, como na Inglaterra, ensinando-se ás alumnas o valor chimico das principaes substancias empregadas na alimentação, o seu preço ordinario no mercado, a sua acção physiologica sobre o nosso organismo, o modo de va-

riar os jantares segundo as occupações de cada dia, segundo o temperamento de quem tem de os assimilar, e segundo as estações do anno em que elles houverem de ser feitos.

No curso de contabilidade do terceiro anno dos collegios, as alumnas deveriam apprender a escripturar methodicamente a receita e a despesa da familia, suppostos dados rendimentos, desde os mais estreitos até os mais avultados, calculando desde o principio do anno o modo de manter o balanço entre as posses e os gastos, lançando em conta de receita todos os proventos e fixando-se nas verbas de despesa proporcional nos differentes capitulos orçamentaes: a renda da casa, a aquisição e os reparos da mobilia, o vestuario, o serviço, a illuminação, a lavagem, as despesas imprevistas, e o *fundo de reserva*—verba essencial, indispensavel em todo o orçamento, grande ou pequeno, de toda a casa sábiamente dirigida.

Fortalecida com a educação feita n'estas bases, esboçadamente expostas, a mulher terá dado o primeiro passo, mas o passo definitivo para a sua verdadeira emancipação. Porque emanciparmo'-nos não é em ultimo resultado mais do que isto: habilitamo'-nos a prestar na sociedade serviços equivalen-

tes ou superiores áquelles que recebemos. Com a mulher invencivelmente armada com as aptidões que requisitamos para que ella seja a alma do governo domestico, o casamento deixa de ser a ruina com que nos ameaça o proloquio vulgar: *uma casa é uma loba*. Não; a casa, dirigida como a mulher deveria apprender a dirigil-a, é a ordem, é o methodo, é a economia, é a estabilidade, é a fixação do destino, á o baluarte do homem. A funcção da mulher bem educada é essencialmente protectora. Na lucta da vida por meio da alliança conjugal e da ligação domestica, o homem é a espada, a mulher é o escudo. O fim da educação feminina é compenetrar a mulher da responsabilidade da sua missão e fortificar-lhe o braço que tem de ser o nosso amparo querido, o nosso dôce refugio.

Se a mulher imagina que o casamento, seu natural destino, é um facto dependente dos encantos da sua belleza e do seu agrado, a mulher engana-se deploravelmente. Os modernos trabalhos estatisticos provam com factos n'um periodo de cem annos que o numero dos casamentos está sempre em relação constante com o preço dos trigos. Se o pão encarece os casamentos diminuem. Á baixa no preço do pão corresponde pelo contrario uma elevação proporcional no numero dos casamentos. O casamento, portanto, é um facto moral estreitamente li-

gado não a um phenomeno esthetico mas a um phenomeno economico. A base do casamento é a economia. A economia domestica é a primeira das aptidões com que deve dotar-se a mulher.

Em todos os paizes civilisados, por toda a parte do mundo, a educação da mulher está passando por uma revolução profunda suscitada pelos esforços de todos os pensadores. A educação vulgar da mulher moderna reconheceu-se que constituia um elemento dissolvente da dignidade e da aspiração das sociedades contemporaneas. Na antiga Roma a doçura, a graça, a ternura, todos os attractivos sentimentaes que ainda hoje vêmos cultivados na educação das mulheres honestas, eram attributos exclusivos das cortezãs. Notou um critico como nas comedias de Plauto as matronas não conhecem as effusões e os arrebatamentos da paixão; não são tímidas nem scismadoras; têm o ar decidido, falam em tom firme e viril. As meninas ricas eram educadas em casa com seus irmãos por escravos instruidos e letrados; recebiam as mesmas licções e estudavam nos mesmos livros. As pobres iam ás escholas publicas, no Forum, juntamente com os rapazes, como actualmente acontece nos Estados Unidos.

Na Edade Média, quando os homens, dedicando-

se inteiramente ao officio das armas, não tinham tempo de cultivar o espirito pelo estudo, as senhoras da alta sociedade, como vêmos nas condessas de Champagne, na mãe de Godofredo de Bulhões, na amante de Abeilard, recebiam a mais esmerada educação litteraria. Sabiam o latim, conheciam os antigos poetas e os moralistas e estudavam os elementos da physiologia e da meteorologia nas obras dos arabes.

Em todas as civilisações a mulher bem educada se habilita para desempenhar o papel que lhe cabe na harmonia social.

Na nossa época de fria analyse, de implacavel utilitarismo, a primeira das obrigações da mulher consiste em tornar-se util. Ser util é para ella o grande segredo de ser querida, de ser forte, de ser dominadora. Toda a educação feminina tem de partir d'este principio.

A alta cultura do espirito, tão necessaria á mulher para que ella assuma na sociedade a parte do poder a que tem direito, não se ministra nas escholas adquire-se pelo esforço e pela applicação individual dirigida por um criterio, por um methodo, por uma disciplina, que a mulher só pode adquirir na grande eschola prática da vida domestica. Todas as noções que nos possa ministrar o estudo das scien-

cias mais superiores estão subordinadas para a sua assimilação em o nosso espirito a esta noção prévia: a noção da responsabilidade e do dever. Ora essa noção primordial só a adquire a mulher nas práticas domesticas.

O aperfeiçoamento intellectual das mulheres não só não é incompativel, como algumas julgam, com a perfeita direcção do *ménage*, mas antes depende essencialmente do grave estado de espirito que essa direcção impõe.

Em Portugal, onde a sciencia do governo da casa é tão lastimosamente ignorada, vejamos quaes são as producções do espirito feminino, quaes são os fructos da educação litteraria desallitada da educação domestica.

Os almanachs da sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão têm o grande valor historico de serem o repositorio d'esses fructos. É por esses almanachs que a posteridade tem de julgar do valor intellectual das nossas contemporaneas.

Acabamos de folhear do principio ao fim um numero do *Almanach das Senhoras*, que temos presente. Temos tambem presente a *Gazeta das Salas*, igualmente redigida por senhoras. Deus nos defenda de que qualquer estrangeiro procure julgar, sobre estas producções litterarias, do estado do espirito feminino na sociedade portugueza! Em todas

estas collecções dos trabalhos intellectuaes das nossas mulheres — sentimos dizel-o — não ha um só artigo grave, sério, meditado, revelando conhecimentos práticos, aspirações elevadas, pensamentos nobres. De tantos problemas sociaes que affectam a condição da mulher na sociedade contemporanea e que solicitam a attenção d'ella, para serem resolvidos pela parte mais interessada e mais competente da humanidade, nem um só foi julgado digno do estudo de alguma das senhoras que fazem imprimir e publicar os seus escriptos em Portugal! Estas senhoras produzem versos — não como os de madame Hackerman, cujos poemas recentemente publicados constituem uma revolução na poesia moderna e são o grito mais profundo e mais lancinante que ainda expediu no mundo a alma mais sedenta de verdade e de justiça, — mas sim trovas de uma sentimentalidade de segunda mão, sem ideal, sem paixão, de uma pieguice grotesca. Escrevem também contosinhos ou novellas de amores infelizes, cujas personagens se tratam por excellencia e se requebram em artificios de um dandysmo cuja legitimidade está longe de poder ser absolutamente garantida, não dizemos já n'um congresso de *gentlemen*, mas n'um simples tribunal de cabelleireiros. E é para nos dar estes lamentaveis fructos da sua educação exclusivamente litteraria, que tanta menina honesta sacri-

fica o tempo que devia consagrar aos nobres trabalhos do *ménage*, tornando-se, em vez de uma digna mulher util, apta para acompanhar, para comprehender e para ajudar o homem, uma pobre e miseravel creatura neutra, desorientada da vida real, incapaz de qualquer emprego na vida prática, cheia de falsas aspirações, de desenganos e de tédios permanentes!

Compare-se o *Almanach das Senhoras*, com as collecções estrangeiras collaboradas por mulheres. É esse o melhor modo de reconhecer como a educação prática da *ménagère*, eleva o espirito, e como a educação litteraria do collegio portuguez o deprime e avilta.

O *Jornal das donas de casa da Allemanha* tem aperfeiçoado profundamente os costumes e os habitos da vida domestica.

Na Inglaterra o texto da grande *Revista das mulheres inglezas* consta de artigos de critica litteraria ou de costumes, de philosophia, de physiologia, de economia politica e de economia domestica, de narrativas de viagens, relatorios, estatisticas, receitas culinarias, noções práticas. Não ha um romance sentimental, nem uma poesia lyrica, nem um reclamo de modas.

Taine cita no seu livro ácerca da Inglaterra varios artigos de mulheres publicados nas *Trans-*

*actions of international association for the promotion of social sciences.* Os artigos intitulam-se:

*Escolas districtaes para os pobres na Inglaterra,* por Barbara Collett;

*Aplicação dos principios de educação ás escholas das classes inferiores,* por Mary Carpenter;

*Estado actual da colonia de Mettray,* por Florence Hill;

*A condição das mulheres operarias em Inglaterra e em França,* por Bessie Parkes;

*A escravatura na America e sua influencia na Grã-Bretanha,* por Sarah Remand;

*Melhoramento das «nurses» nos districtos agricolas,* por Mistress Wiggin;

*Relatorio da sociedade fundada para fornecer trabalho ás mulheres,* por Jane Crowe, etc.

Todas estas auctoras, de quem Taine obteve informações pelos muitos amigos que tinha na sociedade ingleza, eram mulheres de casa, passando uma vida extremamente simples e retirada.

Assim temos que na Inglaterra e na Allemanha a eschola das *ménagères* produz as mais graves e mais importantes escriptoras. Em Portugal a educação litteraria, segundo os programmas dos lyceus, nem dá *ménagères* nem dá litteratas.

Se o ensino das mulheres se reformasse de modo que dêsse alguma cousa?...

Setembro 1877.

## XXII

A narração feita pelo capitão Cameron da sua viagem no continente africano veio levantar em Portugal, entre alguns outros incidentes, a seguinte questão :

O que devemos fazer para manter por meio de medidas civilisadoras o dominio das nossas colonias?

Para isto ha uma unica resposta :

Para dominar, o que se deve fazer é crear faculdades dominantes.

Quem tem fôrça para dirigir manda; quem a não tem serve.

A eschola dos grandes exploradores e dos colonisadores é a eschola da fôrça nos individuos. Quando Stanley deu pela primeira vez conta, em uma conferencia em Londres, da viagem que fizera em procura de Livingstone, o argumento que mais con-

venceu o publico de que o conferente não era um simples phantasia foi a expressão energica da sua figura agigantada, a sua saude de Hercules, e os fortes pulsos com que na gesticulação elle parecia estar outra vez abatendo e supplantando de novo aos olhos do auditorio os obstaculos com que dizia ter luctado.

Deante de um retrato do capitão Cameron sentimos a mesma impressão, que explica o successo de uma empresa difficil e perigosa pela decisão e pela firmeza do que a emprehende. A physionomia um pouco espessa e dura de Cameron, o seu grosso pescoço, solidamente plantado entre uns hombros athleticos, são para a consideração de todos os inglezes os mais bellos attributos de raça, o mais apreciavel caracteristico de uma distincção privilegiada. Porque na educação ingleza a saude, o vigor muscular, a fôrça physica são o objecto de um desvelado culto.

Nos collegios Eton, Rugby, Harrow, os jogos athleticos, a pella, o exercicio do rêmo, a carreira, o *foot ball*, o *cricket*, occupam todos os dias algumas horas de applicação. Duas vezes por semana, quando menos, as aulas terminam ao meio dia para darem tempo aos exercicios physicos. As contendendas entre os alumnos decidem-se ao pugilato, deante de testemunhas, com padrinhos que estabelecem as

condições do combate, que amparam o vencido, que lhe refrescam com agua as contusões, porque estes encontros não terminam sem um ou outro ou ambos os contendores ficarem com um ôlho pisado, um dedo partido, ou um beijo esmurrado por um dos sôcos do adversario. Toda a creança que se exhime a liquidar n'um combate leal as suas pendencias de honra é desprezada pelos seus camaradas e considerada como incapaz de vir a ser jámais um verdadeiro *gentleman*.

Do collegio passam os alumnos creados n'este regimen durante a adolescencia para as universidades, onde a mocidade se desenvolve sob um regimen igual: conhecem-se as celebres regatas no Tamisa entre as equipagens das duas universidades de Oxford e de Cambridge. Os estudantes ricos exercitam-se e fortificam se ainda montando a cavallo, caçando a rapoza, governando a quatro. Para se tornarem vigorosos e destros, creanças, moços, adultos, homens de quarenta e cincoenta annos, outros muito mais velhos, como por exemplo lord Palmerston, cumprem as mais severas prescripções hygienicas, submettem-se a uma alimentação especial, abstêm-se de todo o excesso que prejudique o desenvolvimento systematico da musculatura. Os principaes divertimentos nacionaes são os exercicios de agilidade e de fôrça. Ha *crickters* que têm

ido jogar partidas solennes de Londres á Australia.

Em Lisboa vivem dois inglezes que vão frequentemente a Cintra a pé, levam as suas espingardas, passam o dia a caçar nos Capuchos, e regressam á noite, sempre a pé. Tripulam uma pequena embarcação com a qual têm batido em muitas apostas todos os catraeiros do Caes do Sodré. Ha poucos dias foram ao Porto expressamente para regatar com o club d'aquella cidade. Foram vencidos pelos do Porto. Depois da regata havia uma partida de *cricket*. Um dos inglezes a que nos referimos sustentou-se no campo cinco horas consecutivas sem nunca sahir do jôgo. Dois officiaes a bordo de um dos navios da ultima esquadra que esteve no Tejo partem a pé de Lisboa, pela manhã, vão a Mafra, passeiam na matta, percorrem todo o enorme edificio do convento, almoçam um bife, e voltam a pé a Lisboa, chegando a tempo de estarem em um jantar de convite, á hora fixada, lavados, perfumados, frescos, com os seus uniformes de *soirée* e uma rosa de Mafra na casa da farda.

D'estes factos e de muitos outros equivalentes, que seria prolixo enumerar, deduz-se que o assumpto de uma conferencia, que não vemos por emquanto citada entre as que nos annuncia a Academia ácerca da civilisação africana, poderia intitular-

se: *Da influencia do «sport» no character dos povos exploradores.*

A Academia pode muito bem civilisar a Africa pelo modo mais superiormente sabio na rua do Arco, a Jesus, mas não seria talvez inteiramente ocioso o perguntar quem é que ha de ir levar aos interiores inhospitos da Africa as bases elementares d'essa civilisação. Não ha duvida que é possivel, mas não é completamente inacessivel a algumas objecções, a hypothese de que os negros se queiram desde já civilisar a si mesmos e venham expressamente para esse fim á Academia, escutar. Ao passo que, por outro lado, as prelecções dos illustres academicos não se distinguem das conferencias feitas em Paris e em Londres pelos viajantes estrangeiros unicamente no facto de encararem os assumptos por um ponto de vista contrario, distinguem-se ainda pela particularidade de que os srs. Cameron e Young fizeram as suas exposições depois de chegarem, e os srs. academicos, com excepção do sr. José Horta, fazem as suas um pouquinho antes de partirem. Isto em nada prejudica o valor real da doutrina academica, que de modo algum menosprezamos. O que pretendemos simplesmente notificar é que talvez não seja facil encontrar-se de prompto quem vá traduzir em bunda ao gentio de Africa a

prosa eloquente e vernacula dos civilisadores inamovíveis da metropole. Não é fácil encontrar esses homens, porque a raça dos nossos antigos expedicionários abastardou-se e extinguiu-se na molleza dissoluta dos costumes modernos.

Folheem-se os velhos chronistas, examinem-se os retratos dos homens dos nossos descobrimentos e das nossas conquistas :

Affonso de Albuquerque, aos sessenta e tres annos de idade, cercado dos desgostos mais profundos, arrosta durante cinco mezes com os estragos devastadores da terrível dysenteria asiatica, porque — diz João de Barros — *como era fragueiro e pouco mimoso de sua pessoa só se lançava em cama quando mais não podia*. Albuquerque, que em saude reunia á fôrça physica a grande fôrça moral da alegria — *era homem de muitas graças e motes, e em algumas melancholias leves, no tempo de mandar, soltava muitas, que davam prazer a quem estava de fora*, — assim tocado de morte por uma enfermidade que não perdôa nunca, reúne conselho de capitães, nomeia o seu successor, põe boa ordem em todos os negocios da administração da India, escreve a el-rei a famosa carta, modêlo de hombridade e de independencia, cujo autographo se conserva na Torre do Tombo, despede-se do rei de Ormuz, e faz-se ao mar em um dos seus navios, onde expira, tendo

fulminado a incompatibilidade das monarchias com o direito por via da conhecida phrase: *mal com o rei por amor dos homens, mal com os homens por amor do rei.*

O infante D. Henrique — segundo o mesmo João de Barros — *tinha largos e fortes membros acompanhados de carne: a côr da qual era branca e côrada, em que bem mostrava a boa compleição dos humores. Tinha os cabellos algum tanto alevantados, e o acatamento (por a gravidade de sua pessoa) um pouco temeroso a quem d'elle não tinha o conhecimento.*

Do conde D. Duarte de Menezes, a quem D. Afonso V deu a capitania de Alcacer-Ceguer, e que foi um dos heroes d'Africa, diz Gomes Eanes de Azurara: «Foi este conde de baixa estatura de corpo, enformado em carnes, e de cabellos corredios, e graciosa presença, embargado na fala, e homem de grande e bom entendimento, pouco risonho nem festejador, tal que quasi do berço começou de ter auctoridade e representação de senhorio. Foi muito amador de verdade e de justiça, *mui temperado em comer, e beber, e dormir, e soffredor de grandes trabalhos, tanto que parecia que elle mesmo se deleitava em os haver, porque quando lhos a necessidade nom apresentava elle por si mesmo os buscava.* E

segundo entender dos homens nem se desenfadava tanto em outra cousa, como nos feitos da cavallaria, como aquelle que quasi do berço usara o officio das armas.»

Diriamos estar vendo colorida no estylo das nossas velhas chronicas a photographia moderna de um *sportman* da Grã-Bretanha.

Do mesmo Duarte de Menezes diz Schœffer: «O poder que tinha sobre si mesmo, a sua gravidade natural, que raras vezes interrompia por um sorriso, e sobretudo o seu juizo são e a sua alta intelligencia, tornavam-o *proprio para o commando.*»

O infante D. Pedro, o que, segundo o proloquio popular *viajou as sete partidas do mundo*, era alto e magro; diz Schœffer que a suavidade do seu olhar abrandava a impressão de receio produzida pela sua estatura e pelo seu rosto fortemente carregado; «irado tinha um aspecto que infundia terror.»

Os corações eram de uma têmpera inquebrantavel, hostile á sentimentalidade e á ternura. Em um combate no assedio de Alcacer, Martim de Tavora arranca do poder dos mouros a golpes de espada o seu figadal inimigo Gonçalo Vaz Coutinho, verte para o conseguir o seu proprio sangue, arrisca immittentemente a sua vida, e quando Gonçalo Vaz lhe

pergunta como viverão d'ahi em diante, Tavora responde-lhe duramente: «Como d'antes.» E a inimizade dos dois continuou inabalavel.

Os que eram dados ao galanteio das damas commoviam-as mais pela aspereza varonil do aspecto do que pela suavidade effeminada das formas.

Na lenda dos doze que foram bater-se na côrte de Londres pelas damas do Palacio, o Magriço diz á loura *miss* que depois do combate ia deitar-lhe agua ás mãos: «Sabei, senhora, que as minhas mãos, segundo as tenho assim tão grosseiras e cabelludas, poderão ser-vos molestas, e temo que vos causem desgosto.» Ao que a mimosa ingleza replica fazendo sentir ao callejado e cabelludo cavalleiro que a bella mão de um homem é a que denota pelo seu aspecto, não dedicar-se ás caricias molles, mas sim aos fortes trabalhos que têm como fim a honra e como premio o amor.

Vasco da Gama era de um porte tão esforçado e valoroso, que el-rei D. Manuel, hesitante na escolha do homem a quem devia entregar o commando da expedição projectada, vendo-o atravessar por acaso a sala em que ia sentar-se á mesa para jantar, determina que seja aquelle o que vá descobrir-lhe a India.

O modo como o Gama esmaga a seu bordo a conspiração dos pilotos basta para provar que el-rei D. Manuel tinha o ôlho perscrutante que adivinha os homens pela cara. Sacudido pela tempestade temerosa, no meio de empresa de tanto risco e de tamanha aventura, quando a guarnição desalentada e espavorida pede em todos os navios da frota que se arribe, que se regresse á patria, o Gama prende a um por um todos os pilotos cabeças do motim, carga-os de ferros, encarcera-os no porão, intima-os a que lhe entreguem «quantas cousas tinham da arte de navegar» sob pena de os enforcar a todos, e havendo na mão as cartas que os deviam orientar na volta, lança tudo ao mar, exclamando: «Olhae que não tendes mais mestres, nem pilotos, nem quem vos ensine o caminho de hoje em deante. A Deus vos encommenda e pedi misericordia, e a mim de hoje ávante ninguem me diga que arribe; porque de mim sabei certo que, se não achar recado do que venho buscar, não voltarei nunca mais.»

Ao que a guarnição se submetteu com a docilidade de quem não tinha senão dois caminhos que escolher n'aquella viagem:—o da India ou o da morte.

O proprio Camões, o immortalisador das façanhas d'essa velha raça, era elle mesmo um forte,

um destemido, um lord Byron da Renascença. Os seus costumes de audaz espadachim e de famigerado tranca ruas crearam-lhe na India conflictos arriscados, de cujas ameaças elle sorria dizendo: «que só era vulneravel pelas solas dos pés e que estas ninguem lh'as vira nem havia de vêr.»

Em todas as altas figuras do nosso grande seculo se patenteia o typo expressivamente caracterizado de uma forte raça privilegiada, hoje extincta.

A Europa sahia apenas do regimen feudal. Conservavam-se vivas no coração de todos os fidalgos as tradições da cavallaria. Os besteiros de conto eram apenas uma debil tentativa do que deviam vir a ser mais tarde os nossos exercitos permanentes.

Os grandes vassallos defendiam os seus foros com lanças numerosas, e nos prazos em que não serviam o rei e a patria batendo-se com inimigos estrangeiros, adestravam a mão em sortidas e escaramuças intestinas. Quando não combatiam monteavam.

Tinham a educação da guerra, a experiencia das aventuras arrojadas e das duras privações.

Os divertimentos publicos eram ainda os jogos guerreiros: o *tavlado*, um exercicio de fôrça, e as *cannas*, um exercicio de destreza.

A moderna educação portugueza esterilizou a sociedade para o fim de gerar homens proprios para as luctas do trabalho nas regiões inclementes em que é preciso arrostar com a fadiga, com o sol tropical, com as febres dos rios pôdres.

Os cidadãos que em Portugal recebem alguma cultura de espirito sacrificam-lhe de tal modo o seu desenvolvimento physico que não só não podem levar a sua influencia e a sua dominação intellectual ao interior da Africa, mas nem sequer a levam de Lisboa a Cascaes se lhes suppressirem as facilidades do rebocador ou do carrão.

Sabemos que ha excepções, mas essas constituem uma vantagem pessoal de poucos individuos, e não uma feição do paiz.

Na Inglaterra pelo contrario o *sport* está na mesma alma da nação, completa o character do paiz.

O principe de Galles readquiriu depois da sua ultima viagem a popularidade que antes d'ella tendia a fugir-lhe. O simples facto de ter penetrado na India e de ter caçado as feras a tiro com risco de vida é um dos seus mais poderosos titulos á estima publica. O *sport* é na Inglaterra uma especie de religião. O inglez bem educado atravessa a Africa por fanatismo. Simplesmente para a ter atravessado, e para ter a gloria incomparavel de o poder referir ás sociedades sábias de geographia, de zoolo-

gia, de botanica, de meteorologia, de anthropologia, aos differentes clubs dos caminheiros da Inglaterra, da França e da Suissa, deixando a enorme distancia atraz de si os seus compatriotas de curto fôlego que apenas subiram ao Monte Branco ou percorreram a pé os Pyreneus.

Ora sem esse fanatismo e sem esse écho enorme na opinião e na popularidade não ha paiz que se possa medir com a empresa gigantesca de explorar e de civilisar as regiões selvagens. São insufficientes para esse fim todos os esforços do governo, das sociedades geographicas, das academias e de todas as aggregações artificiaes de alguns individuos; é preciso que o grande impulso parta do genio colectivo do povo.

O povo portuguez não está creado para esses movimentos energicos. Era uma raça audaz, entusiasta e forte. Perverteram-a com duzentos annos de uma educação dogmatica e de uma disciplina fradesca.

Estamos como o filho de um homem que herda um estaleiro em que o pae fazia navios e em que elle para sustentar a fabrica tem de brandir um machado e de talhar madeira durante dez horas por dia. Ora esse filho é um anemico, que não pode com a sua *badine*. O que ha de fazer? Restaurar a

28

sua constituição, ou vender o machado e ir tossir para o Martinho.

Contra os agentes da dissolução em que cahimos uma ou duas vezes em todo o paiz protestam—o que até o dia de hoje, 15 de junho, ás 11 horas e meia da noite, tem sido completamente inutil. Deitam-se abaixo livrarias, ennegrecem-se com prosa official resmas de papel da Abelheira, abrem-se conferencias publicas, organisam-se expedições,—tudo para dar a entender ao mundo que somos um povo forte. E no emtanto o povo continua nas condições de abatimento em que estava, as quaes não podem tornal-o proprio para o dominio, mas sim para a servidão.

Vimos já, ligeiramente esboçado, o quadro da educação ingleza. Vejamos o espectaculo correspondente em a nossa organização social.

Olhem ao domingo e á quinta feira para um dos nossos collegios de educação em passeio na Baixa. Uma fieira de pequenos macilentos e enfezados, encarreirados a dois de fundo, vestidos de preto ou com falsos uniformes de guardas-marinhas, vigiados por dois padres. Que differença dos collegiaes inglezes, com os seus chapéos de palha, a blusa de flanela, o calção curto, a meia de lã, correndo livremente nos campos, com os grossos sapatos cheios

de lama, em plena liberdade, entregues a si mesmos, responsaveis pelos seus actos, conscientes do seu direito e do seu dever como pequenos republicos! Em Portugal um cão fraldiqueiro pode andar sem perigo pelas ruas, sabe-se governar, sabe-se dirigir, sabe morder, sabe voltar para casa; um joven racional de dez ou doze annos, dos quaes cinco de eschola sob a pressão dos compendios do sr. João Felix, não apprende nada d'isso, e precisa de um padre ou de um aguadeiro que o leve pela mão para atravessar a rua!

Essa miseravel creatura tem uma mãe que o não deixa saltar para que não quebre as pernas, que o não deixa trepar para que não quebre a cabeça, que o não diexa metter-se na agua fria para que não se constipe.

Era melhor que elle tivesse rachado a cabeça quatro vezes, que se tivesse constipado dezeseis, e houvesse apprendido assim a ser um principio de homem, do que não ter passado por nenhum d'esses desaires, e ser unicamente um lamentavel boneco, medroso e cobarde, que um gaiato, creado na lama da rua e tendo metade da idade que elle tem, pode impunemente encher de bofetadas nas duas faces e estofar de ponta-pés em todo o resto do corpo, servindo-se para isso dos membros que não quebrou, nem a trepar, nem a correr, nem a

deitar-se de mergulho ao ribeiro, apesar dos perigos previstos pela mãe do molestado.

O primeiro acto da vida civil d'esse sujeitinho consiste em metter empenhos para ser approvedo em instrucção primaria.

A primeira gloria da sua existencia consiste em se considerar tão importante personagem que sahiu approvedo com dez valores, apesar de ter passado a metter os dedos pelo nariz e a explorar exclusivamente esse orgão todo o tempo destinado a profundar concomitantemente as doutrinas do sr. Felix.

No anno seguinte começa a estudar as linguas e a fumar cigarros ás escondidas.

Penetra finalmente na rhetorica e na leitura dos romances, em que passam visões de mulheres que o tornam cada vez mais amarello.

Chega da côr de uma cidra ao fim do curso dos lyceus, tendo, além de todos os preparatorios, mau halito, as pernas cambadas, a espinha torcida, algum tédio da vida e muita caspa.

Matricula-se então na faculdade de direito na universidade de Coimbra, e o primeiro effeito dos estudos superiores sobre a sua cabeça é augmentar-lhe a caspa.

Depois a vida academica absorve-o, e elle percorre toda a escala das nobres loucuras de uma mocidade espiituosa e vivaz: empenha as piugas, toca

o fado, dá cannelões nos caloiros, apupa os burguezes, faz algumas canções «grivoises», entorna o môlho das ceias pelo peito da batina, e regressa a Lisboa bacharel formado.

Tem vinte annos, e fez vinte exames. Para cada exame pediu protecção a tres individuos;—pediu protecção e pediu feriados; pediu humildemente, inclinado, arrastando a capa, retirando-se ás arrecúas como uma pêga assustada, sorrindo com um agrado pusillanime:—Sr. doutor, imploro submissamente a valiosa protecção de v. ex.<sup>a</sup>!... Ex.<sup>mo</sup> sr. doutor...

O espinhaço do bacharel traz feita de Coimbra a curva servil do pretendente do Terreiro do Paço.

O que na Universidade pedia, em Lisboa requer. É apenas a mudança de nome: «—Sr. ministro, imploro submissamente a protecção de v. ex.<sup>a</sup>... Creado de v. ex.<sup>a</sup>, sr. ministro... Ex.<sup>mo</sup> sr. ministro, humilde servo de v. ex.<sup>a</sup>...» E sae ás arrecúas dos gabinetes dos ministerios, dando-se o ar lastimoso de um cão peludo ao emergir da agua, com o seu velho sorriso deploravel, anediando a copa do chapéo com o canhão da sobrecasaca.

Depois de ter cambado os tacões de cinco ou seis pares de botas nos passeios por baixo da arcada das secretarias, o bacharel alcança o que deseja. Um ministro despacha-o—para se vêr livre d'elle.

Consegue ser empregado publico ou candidato governamental por um circulo do continente ou do ultramar.

Desde então as engrenagens do machinismo official apoderam-se d'elle para nunca mais o largarem. É um escravo. Perdeu a personalidade. Pertence á grande legião. Vae para onde ella fôr, diz o que ella disser, pensa o que ella pensar, dentro de limites intransitaveis, na distancia prefixa do cepo a que o amarraram.

É assim que uma quantidade innumeravel de individuos formando a classe dirigente vivem d'este cuidado unico: O cuidado de se não comprometterem. Nunca mais dizem o que sentem. Nas suas idéas, nas suas opiniões, na sua linguagem, tudo é riscado pela pauta official. Se alguma vez, do fundo do nôjo que suscita esta dyspepsia moral, lhes vem á bôcca uma verdade, engolem-a para baixo como o caroço de uma fructa prohibida.

Como pelo desdem do trabalho vivem n'uma estreiteza pecuniaria vizinha da miseria, muitos se lançam á caça do casamento rico, e, vexando-se de ser tecelões ou ferreiros, não se vexam de casar por interesse, e acceitam para toda a vida a intimidade indissolvel de uma mulher feia, estúpida, malcreada, sem espirito de ordem, sem methodo, sem a dignidade do confôrto e do asseio domestico,

— a viva negação de todos as condições que tornam a casa feliz e a família amavel.

É d'esses consorcios sem idealidade e sem amor, contrahidos fora da mútua dedicação que completa o homem pelo seu par e cria o verdadeiro individuo social, duplicadamente corajoso, digno e forte, que saem os filhos dissolutos, os jovens cynicos, desdenhosos das affeições honestas, hostis a todos os sentimentos de familia, cujos nobres encantos nunca apprenderam a conhecer e a estimar.

D'esses consorcios procedem tambem as meninas futeis e pretenciosas, frageis entes inuteis, a que falta a condição essencial da nobreza a da dignidade da mulher — a comprehensão do *ménage*, o culto do santuario domestico. Ellas refugiam-se da convivência antipathica da sua familia, constituida sem bases organicas, na religião, ou, para que o digamos no termo mais preciso, na *egrejice*. A *egrejice* e o romance são os dois pólos da sua vida moral.

Como qualquer d'essas meninas desconhece completamente a arte de cultivar e desenvolver os seus encantos de espirito e de character, um instincto de aperfeiçoamento, desencaminhado pela educação, leva-a ao cultivo do trapo como um fim de superioridade, e arroja-a no lastimavel fetichismo dissipador da moda.

Ignora completamente todas as artes que consti-

tuem os elementos da felicidade conjugal e que só por uma grande prática e por uma longa tradição se apprendem : a arte de se fazer bella pelo simples modo de atar uma fita, de pôr em si uma flôr, pela maneira de caminhar, de se sentar n'um *fautuil*, de pegar no talher, de estar á mesa; a arte de dirigir a cozinha, de organizar a alimentação, de extrahir da sua chimica a alegria e a saude dos seus commensaes; a arte de arranjar a casa, de lhe dar physionomia, de a obrigar a mostrar talento, a exprimir idéas, a ter quasi conversação, fazendo respirar como cousas vivas nos armarios as pilhas perfumadas da roupa branca, sorrir nas prateleiras da casa de jantar o esmalte das loiças e o estanho reluzente das tampas das canecas, extenderem-nos os braços as cadeiras do salão, e solicitarerem-nos a permanecer a côr dos cortinados, o tom dos estofos, o assumpto dos quadros, a collocação dos moveis, a gradação da luz, a frescura do ar, a nitidez geral do asseio e a sábia disposição dos livros e dos jornaes sobre o panno da mesa.

A menina em semelhantes condições de inutilidade raramente se casa, ou se desquita do marido se algum dia o vem a ter. As suas inclinações romancescas e doentias chamam-a para beata. De resto é essa talvez a sua melhor maneira de ter um fim, porque, emquanto a ser mãe, prohibe-lh'o physica

e moralmente a accumulada estreiteza do coração e dos ossos.

Taes são, no character dos individuos de um e outro sexo, os fructos da educação portugueza na classe mais preponderante da sociedade, aquella que forma a opinião e determina as tendencias do espirito publico. Com semelhante estado é irreconciliavel o genio explorador, a tendencia para as viagens entre povos barbaros, e finalmente o poder de dirigir e de dominar.

Como colonisadores temos apenas uma vantagem sobre os outros povos europeus: a sobriedade, que permite aos nossos operarios alimentarem-se com a simplicidade d'esses chins cuja concorrência, pelo simples facto de se satisfazerem não comendo senão arroz e não tendo outra baixella senão dois paus, faz tremer todos os trabalhadores do mundo.

Mas esta grande virtude de raças inferiores, característica principalmente dos nossos operarios do Minho e de Traz-os-Montes, é insufficiente para nos conservar o dominio de extensos territorios, que se não arroteiam para a civilisação senão pelo esforço combinado de altas faculdades administrativas que não temos, de uma grande robustez physica que tambem não temos, e de um enthusiasmo impulsivo.

e desinteressado, tirado de uma grande corrente nacional das mesmas idéas e das mesmas convicções, o que egualmente nos falta.

Nenhum phenomeno mais expressivo da nossa anarchia administrativa e da nossa abdicação governamental do que o estado da nossa marinha.

Em todo o paiz colonial e maritimo a industria da pesca é a eschola em que se iniciam os marinheiros. A pesca é a infancia da marinha. A Hollanda comprehendeu admiravelmente essa verdade, e a industria piscatoria é desde muitos annos objecto dos cuidados e das attenções mais desveladas por parte do governo hollandez, cuja marinha é hoje florentissima. Essa marinha constituiu-a a Hollanda attrahindo, com grande augmento de salarios, os pescadores biscaynhos que iam á pesca da baleia ao cabo de Finisterra.

As pescarias no mar largo, como a da baleia e principalmente a do bacalhau, são particularmente favorecidas por todas as nações maritimas com grandes premios conferidos pelo Estado. É na classe numerosissima dos tripulantes de milhares de navios empregados nas chamadas *grandes pescas* que se recrutam os marinheiros das armadas européas.

O governo francez protege, com grandes subsidios na armação dos navios e com avultados pre-

mios sobre o pescado importado, as suas pescas do bacalhau, cujo producto augmenta extraordinariamente os recursos alimenticios do paiz, elevados em dinheiro á somma de 17 milhões por anno. A pesca do bacalhau emprega em França 400 navios e 12 mil marinheiros.

Um facto bem notavel e digno de ser ponderado pelos legisladores portuguezes é que a prosperidade e o progresso da França têm sido marcados, como a temperatura em um thermometro, pelo desenvolvimento ou pela estagnação das suas grandes pescas! No tempo da emancipação communal a pesca do bacalhau desenvolve-se enormemente; cae com a corrupção monarchica do regimen despotico; revive deante das medidas legislativas da Revolução.

Talvez o governo ignore as condições em que actualmente se tributa o sal que os pescadores francezes nos compram com destino ao seu bacalhau. Os navios francezes que vêm ao nosso porto fornecer-se d'esse genero fazem fiscalisar o seu carregamento pelo respectivo consulado; o consul francez remette ao seu governo a nota dos moios de sal carregados em Lisboa e cujos direitos de importação em França são pagos no porto d'onde o navio partiu pelo proprietario responsavel por este imposto. D'este modo evita-se todo o contrabando

na importação do sal: os direitos estão pagos na razão de 50 centimos por cem kilogrammas. Quando porém o navio que carregou em Lisboa volta a França com o sal empregado nos bacalhaus que pescou, o governo restitue-lhe os direitos anteriormente percebidos, não já na razão de 50 centimos por cada cem kilogrammas de sal, mas sim na de 13 francos por cada cem kilos de bacalhau. É assim que na questão de um simples imposto se revela o plano de um paiz para o qual a administração tem um fim de progresso.

Portugal possui no mar dos Açores, segundo a asseveração de varios navegantes, um banco de bacalhau que muitos julgam superior ao da Terra Nova, o qual se diz descoberto por um portuguez Gaspar Côrte Real. E deixa morrer ao desamparo essa grande industria riquissima, a pesca de um peixe precioso em que tudo se transforma em riqueza: as linguas constituem um artigo especial prezadissimo dos *gourmets*; dos intestinos faz-se o melhor adubo da terra; do figado extrae-se o oleo importantissimo para a industria e para a medicina; os ovos empregam-se com grande vantagem na pesca da sardinha.

Apesar de Portugal ser um paiz privilegiado para a pesca do bacalhau, pelo valor e pela pericia dos seus pescadores, pela posse do melhor sal que se

conhece para tratar o peixe, e do melhor sol que ha para o seccar, o nosso governo despreza este importantissimo ramo da actividade commercial, perdendo por esse mesmo facto a melhor eschola prática dos nossos marinheiros e dos nossos navegantes. A grande pesca tambem é para nós um symptoma da vitalidade nacional. Quando eramos fortes mandavamos cincoenta ou sessenta navios de pesca para a Terra Nova. Hoje pescamos na costa o carapau para o gato, servindo-nos de redes que deveriam ser prohibidas, despovoando as aguas de pequenos peixes insignificantes, que pelo contrario pesariam dois kilos e seriam um importante artigo alimenticio, se tivéssemos estudado os nossos aparelhos de pesca e soubessemos legislar sobre a dimensão permittida ás malhas das redes. O governo portuguez nunca deu a este assumpto, base de toda a exploração colonial, um só instante de attenção.

O parlamento nomeia em cada anno uma commissão de pescas, que ainda não serviu para mais nada senão para tributar o pescador. As especies de peixes que frequentam as nossas costas estão por estudar. A piscicultura não tem sido objecto de maiores desvelos que a ictyologia: nem uma só medida tomada pelo Estado para repovoar as aguas das nossas costas e dos nossos rios principaes; nenhum estudo feito sobre os botes e sobre os aparelhos

empregados na pesca. Assim o pescador considera o Estado, que elle nunca viu representado senão pelo fisco, como um puro explorador.

Na Povia de Varzim ha um antigo quebra-mar destinado a formar um porto de abrigo, que nunca se concluiu. Todas as reclamações, todas as instancias feitas para este fim, têm sido inuteis.

Ha cêrca de seis annos el-rei em pessoa visitou a Povia acompanhado por um dos seus ministros, o sr. Avclino, o qual em nome do soberano prometteu aos pescadores que ia ser concluido o paredão. Até hoje ainda se não accrescentou uma pedra áquelle monumento unico do desleixo nacional!

E todavia o espirito aventureiro dos nossos antigos navegantes, que o sr. marquez de Sousa Holstein acaba de procurar resuscitar com a sua eloquente e erudita conferencia ácêrca da eschola de Sagres, está alli vivo ao pé d'esse paredão em ruinas. Ha ahi tres mil homens que em cada dia jogam as suas vidas com a mesma coragem com que nós aqui em Lisboa jogamos as cartas. Os poveiros são os homens mais alentados e mais robustos que tem Portugal. É raro o que se enterra no cemiterio da freguezia. Morrem no mar, sob um céu de chumbo, estrangulados pela inclemencia das vagas, á vista da terra, ao alcance das vozes de suas mulheres e de seus filhos, por lhes faltar o abrigo a

que se destina o quebra-mar de conclusão em projecto! Não ha um que saiba lêr. Habitam em terra um bairro infecto e miseravel Os cações escalados, destinados á alimentação no inverno, seccam pregados ás portas interiores das casas. Cheios de *vermine*, homens, mulheres e creanças, dormem no mesmo quarto, n'uma promiscuidade horrorosa. A terra da patria dá lhes apenas um pharol, que elles illuminam á sua custa, e um barco de salva-vidas, que elles mesmos tripulam. E é para isso que elles, desgraçados, quasi mendigos, pedindo esmola em bandos durante o inverno, pagam um imposto annual de cêrca de seis contos de réis, integralmente devorados pelo fisco!

Imagine se como elles lhe hão de querer, e como a hão de amar, á querida terra da patria!

A unica vingança que esses generosos lobos do mar tiram do Estado, que tão vilmente os explora e os rouba, consiste em não darem nem um só homem para o recrutamento maritimo. Não ha meio algum de os obrigar a fornecer um recruta á armada. Preferem morrer mil vezes a servir taes amos.

E eis ahí está o ultimo capitulo, na provincia do Minho, da historia, feita pelo sr. marquez de Sousa, da eschola dos navegadores portuguezes fundada em Sagres pelo infante D. Henrique!

Como a administração das nossas colonias depen-

de directamente da organização da nossa marinha, como a importancia da nossa marinha depende da organização das nossas pescas, a Academia prestou á civilização da Africa um serviço verdadeiro, não organisando conferencias, mas tomando uma deliberação mais obscura e todavia mil vezes mais importante: a de nomear o sr. Brito Capello, naturalista adjunto do museu zoologico, para ir estudar ao longo do nosso littoral a industria da pesca e de expôr os meios de a reorganisar<sup>1</sup>.

Comtudo a opinião, que tem de julgar os factos, tão esclarecida é, que applaudiu como um notavel beneficio patriotico a iniciativa das conferencias — um spectaculo de erudição, e não teve uma palavra de applauso para a missão do sr. Capello, — o primeiro passo para atacar o mal na sua verdadeira origem!

Do estado verdadeiramente deploravel em que se acha a nossa fôrça maritima pode-se ter uma idéa pela recente medida tomada pelo governo de convidar a servir na armada, mediante uma gratificação apregoada na folha official, todas as praças de infantaria ou de caçadores que para esse fim se apresentem! O governo tem de um marinheiro esta

<sup>1</sup> Brito Capello falleceu pouco depois de nomeado para a commissão de que se trata.

comprehensão:—que elle se fabrica por meio do abôno de quatrocentos réis por dia dados a um soldado de caçadores!

Mas, a não ser que o façam ao acaso ou que se determinem por uma escolha baseada na côr dos olhos ou na forma do nariz, que razões podiam ter levado o governo a alistar na arma de caçadores um dos seus recrutas! Suppunhamos que estas razões deviam ser tiradas das condições em que foi educado o recruta; que o fizeram caçador porque habitava as montanhas, porque era um caminheiro, porque tinha a agilidade que dá a lucta com os terrenos escabrosos nas vizinhanças das serras. Ora, sendo assim, como querem sujeitar á vida sedentaria do mar e á familiaridade das ondas esse montanhez, que nunca pegou n'um remo, que chegou das Alturas de Barroso, do Marão ou da Serra da Estrella, e que sente as pernas enferrujadas e o pulmão opprimido desde que não anda mais de uma legua por dia trepando saudosamente ás collinas que cercam o logar do seu quartel?

Outro facto, não menos expressivo é o que ha pouco tempo se deu com alguns guardas-marinhas do nosso conhecimento em estação em Loanda.

Sabe-se que não ha plantas dos nossos portos da Africa, cuja navegação se faz por meio de cartas inglezas.

Os jovens marinheiros a que nos referimos, impellidos por esta vergonha da nossa marinha, quizeram levantar a planta do porto de Loanda. Empregaram todos os esforços para obter os necessarios instrumentos, não puderam conseguir senão unicamente a offerta de um bote, unico elemento de trabalho que o governador se achava habilitado a pôr á disposição d'esses extravagantes. Elles comprehenderam então que não tinham senão uma cousa que consagrar aos destinos da patria; não era o talento, não era a dedicação, não era o trabalho; era unicamente a saude. E foram immolar o figado á administração nacional para bordo do seu navio, como patos de engorda pregados pelos pés á respectiva capoeira.

Quando os nossos officiaes têm conseguido arruinar completamente as suas visceras na inanição official das nossas estações de Africa, voltam doentes á metropole e concluem a missão civilisadora que o paiz lhes incumbiu tomando as aguas alcalinas de Vidago.

As aguas de Vidago são o fim supremo do seu destino militar.

Emquanto estas cousas se passam os inglezes, com um poder creador que faz muitas vezes o elogio das suas faculdades inventivas, acham em cada

dia pretextos novos para intervirem com o *seu protectorado humanitario* nos negocios do interior africano, e dilatam a pouco e pouco a sua occupação e o seu dominio manso sobre o nosso territorio.

Um dos incidentes que acompanham a questão suscitada pela viagem do capitão Cameron é a revelação feita por este viajante de que as auctoridades portuguezas no interior da Africa não obstem ao tráfico dos escravos, que ainda alli vigora.

Como é que nós respondemos á denuncia d'este facto? Respondemos negando a asseveração do senhor Cameron e fazendo protestos.

Para decidirmos se um tal modo de retorquir nos podia ser ou não permittido, vejamos quem é o homem que nos accusa.

Cameron é o segundo europeu depois de Livingstone que modernamente atravessou a Africa desde a costa oriental até á costa occidental, levado por um intuito exclusivamente scientifico. D'esta viagem, que durou quatro annos, trouxe o sr. Cameron o projecto de ligar a costa do oriente com a do ocidente por meio da navegação fluvial, aproveitando as relações hydrographicas do rio Congo e do Zambeze, o primeiro dos quaes desembocca de um lado no Zaire e o outro do lado opposto, ao sul de Moçambique.

Durante esses quatro annos passados entre selvas, o capitão Cameron parte de Bogamoio em frente de Zanzibar, passa em Rehenneco, atravessa o paiz de Ounianiembe, o paiz de Ugara, o Ujiji, o lago Tanganika, o mercado de Niaugue, o estado de Urua, a Ponta da Lenha, desce as margens do Congo, toca em Benguela, chega finalmente a Loanda. Os companheiros de viagem que haviam sahido de Inglaterra para o acompanharem—o doutor Dillon, Moffat sobrinho de Livingstone, o artlheiro Murphy, não podem seguil-o a mais do comêço d'essa longa e perigosa expedição. Adoecem successivamente todos. Moffat morre em Bogamoyo. Em Ounyanyembe apparecem-lhe os homens de Livingstone trazendo o cadaver do explorador que o precedera. Então Murphy e Dillon, ambos gravemente enfermos, desistem de continuar essa immensa viagem, e regressam com o corpo de Livingstone a Zanzibar. Dillon morre no caminho.

Cameron, só, sem nenhum outro companheiro europeu, armado de uma clavina, seguido por uma escolta de negros, prosegue, caminhando através de regiões inexploradas e desconhecidas, sob um clima mortifero, deixando atraz de si, marcado com a morte dos seus camaradas cada um dos primeiros estadios da sua protentosa peregrinação.

Não sabemos quem era Cameron ao partir. Ad-

mittimos que sahisse de Inglaterra com a educação commum de um simples tenente da armada britanica. Mas dizemos que uma viagem como a que elle fez, e nas condições em que a fez, basta para retemperar uma alma e para formar um character. Um tal homem não mente. N'elle a mentira seria a refutação de todos os principios do nosso aperfeiçoamento, seria a violação de todas as leis da natureza humana.

Nada mais lastimosamente ridiculo do que a indignação patriotica de qualquer dos nossos politicos, chupando auctoritariamente um cigarro nas salas do Gremio ou á porta da Casa Havaneza, bombardeando a atmospherá com balas de fumo, e desmentindo o homem mais competente que hoje existe no mundo para nos informar do que se passa em Africa!

O que Cameron disse acêrca da escravatura africana na conferencia feita em Londres foi o seguinte :

«Cêrca da linha de separação das bacias do Zambeze e do Congo fomos retardados no primeiro acampamento por causa da caça aos escravos fugidos. Quando pela manhã me preparava para partir, chega um mensageiro dizendo-nos: *Não partaes; Kouaroumba vae chegar com os seus escravos.*

Depois do meio dia chegou effectivamente Kouaroumba com uma fila de cincoenta ou sessenta infelizes mulheres, carregadas com a prêsa, trazendo algumas os seus filhos nos braços. Estas mulheres representavam pelo menos a ruina e a destruição de quarenta ou cincoenta aldeias e a matança d'aquelles dos seus habitantes masculinos que não conseguiram refugiar-se nos juncaes para alli viverem como podessem ou morrerem de fome. É para mim fora de duvida que estas cincoenta ou sessenta escravas representam mais de 500 individuos mortos na defesa do seu lar ou acabando mais tarde de inanição. As mulheres a que me refiro vinham prêsas umas ás outras pela cinta por meio de cordas cuidadosamente atadas. Quando ellas afrouxavam na marcha, batiam-lhes desapiudadamente. Os traficantes portuguezes, negros ou mestiços são muito brutaes; os arabes pelo contrario tratam geralmente bem os escravos. Os negros caçados como estas mulheres no interior da Africa não são em geral levados para a costa. Vão para Sakaletou, onde por vários motivos a população é rara e são mui procurados os escravos. São vendidos por marfim, que os traficantes trazem para a costa.»

Estas palavras são perfeitamente explicitas e terminantes.

Persiste com todos os seus horrores no interior das nossas possessões da Africa o tráfico dos escravos. Emquanto se não provar manifestamente o contrario esta é que é a verdade, verdade referida pelo sr. Cameron, já anteriormente enunciada pelo viajante francez o sr. Jocolliot, confirmada pelo sr. Young, explorador inglez, e ultimamente, mesmo em Lisboa em uma carta publicada no *Progreso* pelo sr. Pinheiro Bayão, que esteve por algum tempo em Africa empregado do Estado.

Para factos d'esta ordem os protestos de toda a imprensa<sup>1</sup> e de todo o parlamento, por mais unanimes que elles sejam, não têm a natureza de uma refutação nem o character de uma resposta, são uma pura evasiva compacta.

A primeira noticia dada em Portugal da viagem de Cameron foi objecto de um sábia exposição feita á primeira classe da Academia das Sciencias pelo fallecido naturalista o dr. Bernardino Antonio Gomes. O resultado d'essa exposição dos serviços prestados pelo viajante inglez á civilisação universal foi dirigir-se a Academia ao ainda então tenente Cameron, agradecendo-lhe em nome da Sciencia e em

<sup>1</sup> Um unico periodico, de que tenhamos noticia, o *Seculo*, de Coimbra, tomou a defesa do capitão Cameron em um artigo poderosamente escripto pelo sr. Correia Barata.

nome de Portugal a contribuição valiosissima com que elle tinha cooperado para o progresso da sociedade humana.

O governo, deliberando tomar officialmente conhecimento dos factos referidos pelo capitão Cameron, não tinha senão uma resposta a dar-lhe:— nomear uma commissão de inquerito que syndicasse rigorosamente da cumplicidade dos funcionarios portuguezes no menosprezo ou na contravenção das leis que aboliram a servidão.

Em quanto á camara dos senhores deputados, parece-nos que ella teria procedido, pelo lado scientifico com mais logica, e pelo lado patriótico com mais tacto, se em vez das protestações que iniciou houvesse seguido o exemplo que lhe fôra dado pela Academia e agradecesse simplesmente ao sr. Cameron as informações que este lhe prestára.

D'esse modo teria a camara dos senhores deputados evitado receber do *Times* a mais dura e humilhante licção que por via da penna de um jornalista se pode infligir a uma sociedade.

O preconceito do patriotismo é o mais funesto de todos os preconceitos sociaes sempre que elle nos leva a trahir a verdade. Manter na opinião publica a mentira é violar o progresso da humanidade pelo modo mais sacrilego e mais nefando. A decomposição em que se acha a governação e a politica em

Portugal deve-se principalmente á fraqueza dissolvente dos caracteres publicos em testemunhar a verdade. Todo aquelle que por meio da sua palavra ou por meio da sua penna não tem o preciso valor para enunciar a sua inteira opinião é um traidor da civilisação e um perigoso inimigo do genero humano. Não queremos para a nossa consciencia de escriptor o remorso d'essa voluntaria culpa, e é por isso que dizemos aos senhores deputados:

A verdade, meus senhores, é o que vos disse o *Times*. «A questão, como affirma o referido periodico, não é se Portugal prestou serviços á causa do progresso africano, nem se os estadistas foram estudiosamente polidos na sua linguagem tratando com uma nação alliada e amiga; a questão é se os factos são ou não são como recentes viajantes affirmaram. Que o commercio da escravatura na Africa central seja feito mui largamente por negociantes portuguezes e sob a protecção da bandeira portugueza é accusação que pode ser refutada, não pela linguagem de uma indignação ficticia ou real, não por patrioticas reminiscencias, nem por uma referencia a cumprimentos diplomaticos, mas sim deixando-se de permittir que haja materia para que a accusação continue. Sabemos quanto Portugal tem feito no papel para acabar a escravatura, e

conhecemos tambem o pouco resultado que as suas energicas declarações produziram.»

Os quatro milhões de vozes de que o paiz inteiro pode dispôr, a protestarem todas perante o universo, não poderão convencer um só homem de que a verdade seja differente do que é. A declamação n'este ponto é completamente inutil com outro qualquer fim que não seja um puro exercicio de eloquencia nacional.

Por tal modo, meus senhores, não julgueis contribuir para a civilisação. Vós contribuis apenas para o *Peculio de Oradores*, do sr. João Felix.

Maio 1877.

### XXIII

Por occasião da visita de el-rei á Eschola polytechnica funcionou o telephono entre uma das salas da Eschola e o observatorio da Tapada.

Approximando-se do novo apparelho transmissor dos sons, dizem os jornaes que sua majestade ouviu — um solo de cornetim!

Houve primeiro duvida sobre se o fio ligava a

Eschola Polytechnica com o Observatorio Astronomico ou se a ligava com a phylarmonica *União e Capricho*. O solo era effectivamente executado pelo Observatorio. Emquanto a astronomia tocava cornetim é natural que, em compensação, a arte musical se occupasse em determinar alguma parallaxe.

A unica cousa que extranhamos é que o Observatorio não observasse entre as suas peças de musica alguma cousa mais interessante para transmitir a el-rei do que o proprio hymno do mesmo augusto senhor.

Que o Observatorio cultive a especialidade do cornetim, perfeitamente de accôrdo! mas que elle cultive igualmente a especialidade do hymno parece-nos um abuso que o principe não levará a bem.

Reflectiu por acaso o Observatorio no que é o hymno para um cerebro coroadado? Cremos que o Observatorio não desceu ainda com as suas conjecturas ao fundo d'esse abysmo. É horroroso.

Para os cerebros coroados o hymno equivale a uma enfermidade monstruosa. O Observatorio faz certamente idéa do que é ter zumbidos, não é verdade? Pois ter hymno é peor. É ter constantemente durante toda a vida, em casa, na rua, em viagem, nas cidades, nas villas, nas aldeias, sobre as proprias aguas do mar, sempre, por toda a parte, como doença chronica, como affecção incuravel do nervo

acustico, a audição do mesmo trecho de musica!  
— O que deve levar paulatinamente á loucura.

Que o Observatorio se compadeça do infeliz principe condemnado a tão incomportavel flagello! O Observatorio ha de ter conhecimento das contrariedades que amarguram a existencia humana: o Observatorio ha de ter faltas de dinheiro, ha de ter constipações, ha de ter dôres de dentes, ha de ter callos. O principe tem tudo isto, e demais a mais tambem tem hymno. Poupemol-o ao desgôsto de o fazer acompanhar pelo seu triste mal ás regiões da sciencia! Infilijamos-lhe o solo, visto que não ha outro remedio, mas perdoemos-lhe por esta vez o hymno! Sejamnos terriveis, mas sejamos justos! A providencia collocou-nos na mão o cornetim. O monarcha presta-nos submissamente o seu real ouvido. Não abusemos d'esse instrumento poderoso e d'essa orelha innocente! Compenetremo'-nos da tremenda responsabilidade que pesa sobre nossas cabeças! Somos cornetinistas, mas somos tambem astrônomos... Toquemos o *Pirolito!*

E a posteridade nos abençoará!

Janeiro 1878.

## XXIV

Os regulamentos disciplinares da universidade de Coimbra têm dado ultimamente em resultado riscar um avultado numero de estudantes pelos seguintes delictos, cada um dos quaes foi objecto de um processo especial:

- 1.º Rir atraz da procissão dos Passos.
- 2.º Ser testemunha de um duello abortado, proposto a um professor por um viajante.
- 3.º Não ter dado pateada a um lente.
- 4.º Parecer constrangido a dar licção.
- 5.º Jogar o pugilato com um ou mais futricas nas ruas de Coimbra.

Os alumnos condemnados pela perpetração dos delictos 1, 2, 3 e 4 appellaram para o Poder Moderador, o qual lhes commutou a pena de expulsão temporaria em alguns dias de cadeia.

Procedendo d'essa forma o Poder Moderador não tomou em consideração a necessidade de fazer pro-

ceder á revisão da legislação academica. O Poder teve apenas em vista o *desgosto* infligido pela sancção dos regulamentos universitarios ás familias dos alumnos condemnados: — No que o Poder mostrou ter um coração de excellente rapaz alliado a um cerebro de legislador mediocre.

Está pendente da confirmação régia, segundo nos consta, a pena imposta aos réos do crime n.º 5, julgados já segundo o direito *commum* e absolvidos pelos tribunaes civis.

N'esta conjectura perguntamos:

É admissivel que sobre o mesmo facto recaia por esse modo o julgamento de dois tribunaes parallelos? Pode a sociedade tolerar que cidadãos de uma certa classe estejam sujeitos por uma legislação especial a serem julgados em dois foros distinctos, recebendo duas punições em vez de uma, se as duas sentenças forem conformes; ou sendo simultaneamente tidos por innocentes e tidos por culpados, se as duas sentenças forem contrarias?

Responder-nos-hão que o tribunal academico julga de circumstancias especiaes que não são submettidas á apreciação dos tribunaes ordinarios?

Mas n'esse caso o tribunal academico com relação ao crime de que se trata toma o character de um tribunal escholar, e á Universidade cabe apenas de-

cidir se o facto de sovar um futrica obsta a que se apprenda uma licção.

Como tribunal de honra a Universidade precisa de não perder de vista que quando se trata de algumas bofetadas ou de alguns pontapés, o deshonorado não é propriamente quem os dá, é por via de regra quem os recebe.

Se a Universidade insiste em julgar n'outro ponto de vista as questões d'esta ordem, a Universidade converte-se em uma eschola de poltrões e de cobardes, destinada a dissolver completamente os restos de virilidade que ainda possa haver na mocidade portugueza.

Todo o homem que se não acha devidamente temperado ãa sua natureza physica e na sua natureza moral para o fim de resistir energicamente, com risco da sua propria vida, a uma offensa pessoal, é um homem corrompido, é um degenerado, não tem o sentimento do respeito devido á dignidade da sua especie, e, atreito ás paixões mesquinhas, contrahirá manchas de reptil.

Se a Universidade tem o intento de educar os seus bachareis para sevandijas ou para freiras, a Universidade faz bem proseguindo no velho systema tendo por fim levar o estudante que queira concluir honrosamente os seus estudos a proceder

deante das ameaças da fôrça alheia por um d'estes dois modos: fugindo ou apanhando.

Se porém a Universidade quer fazer verdadeiros homens e verdadeiros cidadãos, a Universidade andaria melhor abstendo-se de uma vez para sempre da instauração de processos ridiculamente pueris, requerendo das côrtes a reforma dos seus regulamentos disciplinares, prescindindo de atrophiar no coração da mocidade com um regimen fradesco os sentimentos naturaes de valor e de brio, e pondo còbro ao passatempo indigno da velha troça academica por meio da instituição de exercicios viris, proprios de uma mocidade honesta e forte:—a gymnastica obrigatoria, a eschola de tiro, a esgrima, a lucta, o insubstituivel *cricket*.

Abril 1878.

## XXV

Entre os mimosos e ricos brindes offercidos a Leopoldo de Carvalho na noite da sua festa artistica no theatro do Gymnasio, lêmos no *Diario de Noticias* que sobresahiam em primeira linha dois

formosíssimos quadros, devidos á pericia de uma joven menina da nossa melhor sociedade, e feitos de escamas de corvina.

Folgamos muito com isto.

Em todas as exposições de quadros celebradas nos principaes centros artisticos do mundo durante este derradeiro quartearão do seculo, se notava com lástima geral que o simples oleo, a tinta de aguarella, o lapis e o esfuminho, eram elementos insufficientissimos para com elles se constituir o quadro a toda a altura das enormes exigencias da esthetica contemporanea. A joven admiradora de Leopoldo, lançando mão genial das escamas da corvina e arrojando-as valorosamente á tela, vem preencher uma lacuna immensa nos recursos até hoje tão estreitos das artes do desenho.

Gloria eterna a tão benefica e prestante menina, honra da patria e do peixe fresco, alegria de seus carinhosos paes, e satisfação completa de suas boas mestras!

Nada mais lisonjeiro para um luso, em face dos tremendos esforços de processo empregados pelos artistas em lucta com a invencivel perfeição, do que vêr essa joven compatriota, inspirada do alto, apartar-se repentinamente da grande legião dos atormentados, empunhar a faca de amanhar o peixe, cahir sobre a corvina, empolgal-a pelo rabo, e esca-

mar em seguida duas obras primas sobre os laureis do festejado actor Leopoldo!

Novembro 1882.

## XXVI

Um distincto professor, o sr. Albino Giralde, publicou recentemente em Coimbra, n'uma brochura de poucas paginas, a mais lucida exposiçãõ da theoria zoologica de Darwin.

Referindo-se aos agentes da selecção artificial tendo por effeito na sociedade o enfraquecimento e a degeneraçãõ da nossa especie, o sr. Albino Giralde, á semelhança dos escriptores que o precederam no estudo d'este assumpto (Haeckel) cita d'entre os agentes alludidos as contínuas guerras e o estado a que a diplomacia chama a paz armada.

«Os homens alistados nos exercitos permanentes, diz o sr. Giralde, sãõ precisamente os mais vãlidos e robustos da populaçãõ, ao passo que os mais dèbeis e achacados sãõ todos por necessidade e por lei isentos do recrutamento. Assim o mancebo sadio e vigoroso é destinado ao açougue das batalahs,

é carne para os canhões, e morre por isso sem descendencia; ao mesmo tempo que o refugio da população, os individuos doentes, os surdos-mudos, os epilepticos, os enfezados são exactamente os que constituem familia, e, reproduzindo-se, transmitem aos descendentes os seus achaques e debilidades. Taes são, além de outros, os resultados do militarismo.»

A influencia do militarismo como agente selectivo tendo por effeito o enfraquecimento e a degeneração da especie é seguramente de uma grande importancia, mas parece-nos insufficiente para explicar em Portugal a deploravel decadencia da raça.

Na Allemanha, na Inglaterra, em França, o militarismo existe como na sociedade portugueza, tendo sido n'aquelles paizes modernamente mais frequente, mais desastrosa e mais profunda a devastação das guerras. E todavia a debilidade, o enfraquecimento dos cerebros, a decadencia intellectual, é muito sensivel entre nós outros, e não o é em França, na Allemanha ou na Inglaterra.

Se a theoria da evolução biologica, segundo Darwin, não é uma chimera com applicação ao principio scientifico do desenvolvimento das nações, e o sr. Bagehot, entre outros, demonstrou com evidencia que não é, nós temos de achar dentro dos prin-

cipios da selecção e da hereditariedade, além do militarismo, algum outro agente perturbador do nosso progresso.

A influencia do meio geographico não pode ser considerada como factor no problema da nossa inferioridade mental com relação a outros povos europeus, porque desde o seculo xvi até hoje não houve alterações mesologicas nas condições da nossa existencia, e todavia Portugal, que ha mais de duzentos annos é completamente infecundo no meio do movimento scientifico do mundo moderno, era ainda no seculo xv e no seculo xvi um dos primeiros e dos mais poderosos contribuintes da civilisação.

Nos primeiros seculos da monarchia a nossa agricultura era florescentissima. Eramos no tempo de D. Fernando um dos primeiros paizes exportadores de azeite, de fructas sêccas, de peixe salgado. Tinhamos as grandes pescas do bacalhau, uma grande fonte de riqueza e uma grande eschola incomparavel de marinheiros. A arborisação do paiz progredia rapidamente. A historia do grande pinhal de Leiria é dos mais notaveis exemplos da sábia attenção prestada á silvicultura em tempos ainda anteriores ao reinado de D. Diniz. A população crescia apesar das guerras, e o numero dos habitantes, que no tempo de Filippe II era de pouco

mais de um milhão, tinha chegado a cêrca de tres milhões no tempo de D. João II. Durante a Edade Média a instituição popular dos municipios e das communas contrabalançava os privilegios da nobreza e do clero, e oppunha uma barreira inexpugnável ao tripudío dos reis sobre os foros do povo e á imposição do jugo feudal. A indole popular resplandecia pela tolerancia religiosa, pelo amor da liberdade, pela grandeza de animo, pela delicadeza poetica. Na litteratura e nas sciencias davamos a lei aos espiritos. A universidade de Coimbra, justamente celebre então, era frequentada por estrangeiros, que vinham dos paizes mais cultos educar-se em Portugal. Creavamos a geographia moderna n'essa portentosa eschola de Sagres, a grande academia do infante D. Henrique, a qual produziu Colombo, Magalhães, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama. Tinhamos lettrados como André de Rezende, Diogo de Teive, Diogo de Gouveia, mestre de Montaigne, Sanches, precursor do positivismo, e Damião de Goes, o amigo de Luthero e de Erasmo. Tinhamos poetas que creavam uma litteratura nova, como Luiz de Camões, Gil Vicente, Ferreira e Sá de Miranda. Tinhamos uma arte que evocou do marmore o convento de Christo, o mosteiro dos Jeronymos e a torre de Belem, tres expressões monumentaes e supremas da belleza immortal.

As causas da formação das raças são o *meio*, a *hereditariedade* e a *selecção*.

Se o meio physico—o clima, a configuração do solo, as producções da terra, o aspecto da paizagem—foi bastante benefico para determinar e proteger a criação e o desenvolvimento de uma raça tão forte, tão intelligente e tão viva como a raça portugueza no seculo xv, não tendo sido esse meio perturbado desde então até hoje por nenhuma revolução cosmica, é á *hereditariedade* e á *selecção* que devemos perguntar pelas causas do abastardamento que nos precipitou de decadencia em decadencia durante os tres ultimos seculos, e nos reduziu á immobildade em que nos encontramos hoje.

Uma das causas da variação nos organismos, o que é o mesmo que dizer um dos agentes da *selecção*, é o habito e o exercicio. A *hereditariedade* fixa as modificações adquiridas de individuo para individuo, de ascendente para descendente. A acção continua do exercicio e do habito modifica porém os effeitos da hereditariedade tornando os órgãos cada vez mais divergentes entre si, desenvolvendo uns e atrophando outros, pela razão physiologica de que a seiva reparadora da fôrça se fixa de preferencia na sede da maior actividade.

Darwin observou que na ilha da Madeira ha uns

coleopteros quasi desprovidos de azas, ao passo que outros têm azas extremamente vigorosas. Estes dois phenomenos procedem da mesma causa — o vento do mar. Deante d'essa fôrça da natureza os insectos divergem de resolução. Uns acobardam-se, desistem de combater e escondem-se ao abrigo das plantas até que o vento cesse. Outros arriscam-se a serem arrebatados pelo vento, debatem-se, resistem, luctam. Estes ultimos produziram uma raça de voadores athleticos e victoriosos; os outros produziram gerações de coleopteros sedentarios, molles, desazados.

O que se dá com os insectos da ilha da Madeira perante o vento do mar dá-se com os povos na lucta pela vida no meio do conflicto das contrariedades sociaes. Os que cedem desazam-se. Foi o que nos succedeu.

A historia da nossa decadencia offerece a mais perfeita confirmação das leis de Darwin. As nobres faculdades que fizeram de nós um povo exemplar até o seculo xv atrophiam-se até darem a degeneração pelo *exercicio* e pelo *habito*, pela *hereditariedade* e pela *selecção artificial*. O militarismo seria insufficiente para explicar uma transformação tão profunda como aquella por que passamos. Citaremos algumas outras causas.

107

A inquisição, fazendo da delação uma virtude christã e da hypocrisia uma necessidade social, obriga os individuos pelo instincto da conservação a dissimular, a atraçoar, a mentir. Os caracteres desenvolvem-se a pouco e pouco no sentido dos defeitos em que se exercem. O terror transmittido de geração em geração cria a deformidade moral a que podemos chamar uma pusillaniedade organica.

A expulsão dos judeus e dos mouros e a perseguição dos christãos novos não só paralyza o commercio e a industria, mas elimina da communitade social os individuos mais operosos e mais uteis.

A confissão tornada obrigatoria pelo concilio de Trento e decretada como indispensavel á salvação das almas, cria o director espirital, introduz o padre na familia, ferindo-a por esse modo no pacto do amor, que é a base da sociedade conjugal. O inquisidor systematisa a traição na ordem social; o confessor promove-a na ordem domestica.

Esmagada a arte nacional, emmudecido o genio dopovo, monopolizados o ensino, a sciencia e a philosophia pelas ordens religiosas, o celibato ecclesiastico esterilisa o principio da hereditariedade intellectual, destroe a orientação dos cerebros. E emquanto o deshumano e monstruoso egoismo monastico accumula nas livrarias dos conventos uma litteratura

artificial, sem tradições nacionaes, sem raízes historicas, de um maneirismo beato e grotesco, cheio de sophisticações de sacristia, sem virilidade, sem sexo, n'um estylo delambido até a imbecilidade,— fora dos conventos propagam-se os nescios.

O jesuitismo, impellindo para a derrota de Africa D. Sebastião, destroe em Alcacer Quivir, na flôr dos annos, sem descendencia, os representantes mais vigorosos da hombridade nacional.

A monarchia aristocratica, apoiando-se na nobreza com os seus morgados, vinculando a terra, monopolizando a propriedade, impede a formação da familia burgueza, e faz do povo uma plebe servil, uma creadagem villã.

Estas causas, que determinaram biologicamente, fatalmente, a extrema decadencia da nossa raça desappareceram, mas os seus effeitos permanecerão em quanto novas influencias não vierem excitar a nossa actividade produzindo o progresso pela sobrepujança dos individuos mais fortes, mais energicos e mais dignos sobre os mais fracos, os mais débeis, os mais inuteis. A sociedade portugueza, tal como ella está presentemente organizada, não actua porém sobre os seus membros no sentido da selecção tendo por effeito o progresso da raça. O nosso meio actua sobre nós em sentido contrario,—no sentido da regressão ao estado selvagem.

O sr. Horacio Ferrari, redactor de uma interessante revista publicada no Porto e intitulada *O Positivismo*, demonstrou scientificamente essa verdade.

«A especie humana associada, diz o sr. Ferrari, está sujeita a tres ordens de causas destruidoras, umas que affectam directamente o individuo, outras o estado social. É certo em sociologia como é em biologia, que uma raça *civilisada* decae e retrograda para o estado selvagem sempre que as condições sociaes tendam a destruir os seus membros *mais disciplinados*, mais accommodados por seus habitos regularas de conducta á vida civilisada.» E depois de ter provado até á saciedade que esses principios assentam em bases perfeitamente scientificas o sr. Ferrari conclue por esta lei. *Uma nação decae rapidamente e tende a extinguir-se sempre que para os differentes cargos, publicos ou particulares, sejam preferidos os individuos menos capazes de os exercer.*

A sociedade portugueza está desde a revolução liberal na decadencia progressiva determinada pela lei que o sr. Ferrari enunciou.

Os cargos publicos em Portugal foram distribuidos em 1836, como prêsa de guerra, entre os companheiros mais valorosos de D. Pedro IV.

Nos primeiros logares das repartições do Estado tomaram assento os primeiros soldados do cêrco do

Porto. Nas alfandegas, nos tribunaes, nas escholae, na Universidade, os cidadãos investidos nos empregos mais rendosos exhibiam como titulos do seu direito e da sua capacidade as cicatrizes dos ferimentos recebidos no fogo, os galões do uniforme de guerra, a patrona rebentada pelo pêso do cartuchame da ordem, e a baioneta suspensa ainda no boldrié de campanha.

E os serviços publicos ficaram dirigidos pelos batalhões dos Voluntarios da Rainha. Era o regimen dos bravos.

Depois, á medida que esses funcionarios se extinguiam, os cargos devolutos foram successivamente confiados aos vencedores em outras campanhas, — as campanhas eleitoraes. É o regimen dos beaguins de eleições.

O valor intellectual está de parte.

Ora como é da natureza biologica de todos os organismos, quer n'um individuo, quer n'uma sociedade, que a seiva da fôrça se fixa na sede da maior actividade, o resultado das práticas a que nos referimos é que o valor intellectual diminue e define, ao passo que o poder da intriga augmenta e prospera.

Com o abastardamento da intelligencia deperecem todas as nobres faculdades do homem: a tenacidade no trabalho, a firmeza no dever, o respeito

da verdade, a inteireza do character, a honra, o desinteresse, a coragem.

Com o habito da intriga desenvolvem-se todas as fraquezas que são com ella solidarias; o espirito da aventura traz o espirito da vadiagem; vem a preguiça; vem o amor da vida repousada e farta, a avidez do lucro, o egoismo, a pusillanimidade, a adulação, a mentira, a dóblez, a cobardia, e, com a ausencia completa do senso moral, o desequilibrio de cerebro, a inepecia e a imbecilidade.

Tal é o modo como o principio da selecção artificial actua na sociedade portugueza sobre o desenvolvimento da especie.

Em Portugal a lucha pela vida destroe a altivez moral e dá a sobrevivencia á ignorancia bajuladora e servil.

Ha porém um facto extremamente consolador. Entre os agentes physiologicos que determinam em um povo a direcção do seu destino figura o *instincto da imitação*, peculiar das especies superiores na série zoologica, e principalmente da especie humana. Esse instincto é um elemento precioso do progresso, porque é a imitação que torna fecundo o exemplo.

O poder do exemplo é de tal modo energico e decisivo que só o exemplo basta, actuando na vir-

tude prolifica da imitação, para modificar e transformar em poucos annos o caracter de um paiz. O penetrante escriptor inglez, a quem já nos referimos n'estas paginas, Bagehot, recentemente fallecido, dizia que a influencia pessoal de lord Palmerston fizera por alguns annos da Inglaterra uma sociedade patusca.

Ha em todos os paizes um certo numero de individuos que pela sua natureza vehemente, expansiva, apparatusa, constituem os caracteres typicos, predominantes no seu meio. São os imitados. A massa geral do publico é essencialmente imitadora.

Em Portugal os individuos chamados aos altos cargos do paiz dissemos já que são os menos proprios para produzirem pelo exemplo uma influencia salutar. São typos defeituosos, de uma acção funesta no desenvolvimento do caracter publico.

Os effeitos d'essa influencia manifestam-se em longas séries de phenomenos morbidos de caracter contagioso. Temos, por exemplo, nos ultimos annos: a crise bancaria de 1867 em Lisboa e no Porto; o alcance na Padaria Militar; o roubo no Correio Geral; o roubo do Banco Hypothecario; o roubo na Caixa de Crédito; o roubo na Caixa filial do banco União; o roubo no Banco Ultramarino; a syndicancia á Penitenciaria; a syndicancia á Alfandega do Porto; os roubos e as irregularidades de servi-

ço, ultimamente reveladas pelo proprio director, na Alfandega de Lisboa; os suicidios dos empregados alcançados (*passim*); as evasões e homizios de empregados com dinheiros publicos; *as ordens surdas* sobre os cofres dos ministerios, facto referido em todas as discussões dos orçamentos do Estado; as burlas successivas nos fornecimentos do exercito, nas compras de armamento, nas compras de navios, etc.

No emtanto, fora das regiões officiaes, manifestam-se em cada dia personalidades poderosas, caracteres exemplares, destinados a tornarem-se outros tantos centros de imitação.

Entre esses caracteres typicos, de um relêvo preponderante, notam-se affinidades de idéas, analogias de convicções, linhas de uma semelhança commum que approximarão de um só typo unico os grupos influenciados pelo nucleo parcial de cada exemplo. E assim que está destinada a operar-se a revolução portugueza. O typo official cahirá deante do typo dissidente, e as nomeações do Estado cederão progressivamente o passo na direcção do paiz ás preferencias da estima publica. Este resultado annuncia-se já de um modo indubitavel. No romance, na poesia, na critica, na historia, na systematisação philosophica, na vulgarisação scientifica, nos clubs, na imprensa, no professorado, o movimento

dirigente dos espiritos é manifestamente adverso e hostile ao espirito das instituições vigentes. Os homens que pela sua actividade mental estão determinando esse movimento revolucionario na arte e na sciencia, não são unicamente os homens mais instruidos, são tambem os cidadãos mais probos, os mais dignos. São esses homens que, fora dos parlamentos, dispendo apenas d'esses dois meios d'acção—a imprensa e o ensino—estão lentamente, surdamente, imperceptivelmente, realisando esta obra immensa: a reconstituição infallivel do character de um povo pela influencia dominante dos seus caracteres superiores.

A lucta está já travada, e a victoria está prometida áquelles que dentro da esphera da sua actividade, qualquer que ella seja, souberem cumprir estes dois deveres do todo o homem trabalhador e de todo o homem honesto:—espalhar licção e fundar exemplo.

## XXVII

Com este titulo—*Ao sr. Ramalho Ortigão*—publicou o *Diario da Manhã* o folhetim seguinte :

*Os exames no Lyceu Nacional.—Os fins da educação—Um programma de ensino para o sexo feminino—Como se prepara a emancipação das mulheres—Duas catastrophes: o estado da litteratura feminina, e o estado da cozinha nacional—Grito afflictivo do paiz: menos odes e mais caldo!*

Termina assim o summario do ultimo numero das *Farpas*. Qual de nós deixaria de lêr com a maxima attenção um artigo escripto pelo sr. Ramalho, sobre assumptos de tanto interesse para o nosso sexo! nenhuma decerto. E para que se não diga com verdade que o grito afflictivo do paiz, do qual o sr. Ramalho se fez órgão, pedindo-nos caldo, não foi ouvido por uma só mulher portugueza, que, condoída, o soccorresse, venho por mim e em nome das senhoras portuenses, dar-lhe não só *caldo*, mas tambem *luz*, que o alumie nas suas investições ácêrca de um assumpto, que é realmente grave—a dyspepsia nacional, que s. ex.<sup>a</sup> attribue á nossa ignorancia culinaria, fazendo assim pesar sobre nós, tão tremenda responsabilidade.

Se o assumpto de que se trata, não fôsse realmente grave, contentar-nos-hiamos com o prazer que nos dá sempre a leitura dos escriptos do sr. Ramalho, pela elegancia do seu estylo, e finura do seu espirito, e apenas diriamos, na nossa linguagem de cozinheiras: É pena que os escriptos do sr. Ramalho não sejam mais succulentos! são como os caldos feitos pelos cozinheiros francezes, de apparencia magnifica, depurados até á transparencia, muito aromatisados... mas sem substancia.

Quer-nos porém parecer, apesar da ironia com que o sr. Ramalho fala sempre de nós, que não tem razão para nos querer mal; e que como filho, esposo e irmão de senhoras portuguezas, e por isso quasi nosso irmão, deseja com certeza a nossa felicidade e se promptificaria da melhor vontade a fazer-nos um favor se lh'o pedissemos. Ouça-me pois.

Não ensine á sr.<sup>a</sup> Jeronyma, nem a mulher nenhuma portugueza, como se faz esse alambicado caldo francez, tão purificado, que por fim, como o próprio sr. Ramalho confessa, deixa de ser um alimento. Se tem amor á sua patria, anime-nos, e aconselhe-nos a que continuemos a fazer os classicos caldos portuguezes, succulentos e compactos como os faziam as nossas avós, e como nós todas ainda hoje os sabemos fazer. Se o principal agente do temperamento de um povo, do seu character e da formação das suas idéas, é, como s. ex.<sup>a</sup> diz, a sua alimentação, não esqueçamos que foi comendo esses caldos e quasi só com elles, que os energicos e valentes portuguezes contiveram sempre em respeito o poder de Castella, e que na Africa, e na Asia praticaram acções de tão prodigioso valor. E, descendo á historia dos nossos dias, lembre-se que os vultos grandiosos dos lidadores da epopéa da liberdade, apesar de alimentados pelo caldo nacional e então infelizmente bem magro, mostraram em cem combates a sua heroica

energia, e sua valorosa audacia, sem que o estomago se incommodasse com a dyspepsia nacional. É só com caldo, e com brôa que todos os dias se alimentam aqui centenaes de homens do povo, que supportam, sem canção, nem fadiga, durante dez ou doze horas por dia, os mais rudes trabalhos; e comtudo não soffrem de dyspepsia. Será por terem *mulheres muito instruidas*, ou porque o *caldo que comem é preparado por cozinheiros de 5:000 francos?* deve ser por uma d'estas razões, visto que é o sr. Ramalho quem nol-o affirma.

A dyspepsia não é em Portugal uma doença nacional, é quasi privativa dos homens das classes elevadas—e quer que lhe digamos porque? Porque elles têm com raras excepções, uma mocidade dissipada; porque na eja-de-dos quinze annos, quando os rapazes inglezes e allemães fazem consistir o seu maior prazer em se exercitarem nos jogos athleticos, e todo o seu orgulho em serem vencedores n'uma corrida ou n'uma regata, os portuguezes vão descansar nas lides do estudo nos bancos dos botequins e das tabernas, onde é considerado heroe aquelle que come e bebe mais brutalmente, e como deus o que engole successivamente vinte e um calices de licor ou cognac, o que na pittoresca phraseologia d'esses senhores se chama dar uma salva real! Desculpa-os porém o axioma do nosso codigo de educação: que é preciso dar muita cabeçada para vir a ser homem sério.

Conhece o sr. Ramalho, bem melhor do que nós, todos os perigos por que passam os rapazes desde que se emancipam da tutela materna, até que chegam a ser homens. Estude o meio de os livrar d'esses perigos, e de lhes regenerar os costumes, e verá que, quando chegarem a ser chefes de familia, seu natural destino, não precisarão de encontrar na esposa o braço fortê que lhes seja amparo, e terão o estomago são como em creanças, podendo digerir perfeitamente um caldo,

mesmo quando elle não seja *perfeitamente transparente*, e até quando tenha seus vestigios de gordura. Faça isto que lhe pedimos, e todos nós bemdiremos o seu nome, pois d'este modo terá prestado um importantissimo serviço ao seu paiz.

O seu programa para a educação das mulheres parece-nos excellente para França, Inglaterra e outros paizes onde as meninas são educadas nos collegios, longe da familia; mas aqui onde em geral as creanças que os frequentam comem e dormem em casa, essa educação que nos habilita a ser boas *ménagères*, já que o sr. Ramalho gosta de francezismos, recebemol-a nós todas com o exemplo e licção de nossas mães.

Em Portugal, onde todo o serviço domestico é geralmente feito em casa, todas nós sabemos como se lava, como se engomma, como se cozinha, como se faz dôce, como se talha um vestidó, etc. Mesmo as senhoras que não fazem esses serviços sabem como elles são feitos, pois desde creanças os viram fazer. O que não sabemos, lá isso não, é *differençar os differentes generos de mobilia e o seu estylo caracteristico nas epochas mais notaveis da arte ornamental*, etc., etc.; mas em quanto considerarmos, como até agora, a vontade, e o gôsto do dono da casa, a suprema lei que nos rege na escolha de todos esses artigos em que nos fala, deixaremos esses conhecimentos aos cuidados de nossos maridos.

Em quanto á nossa educação moral, estamos convencidas que em paiz nenhum as mulheres são mais honestas, mais laboriosas, mais dedicadas, mais sóbrias e economicas, mais submissas á vontade do marido que nós, e toda a eloquencia do sr. Ramalho não é capaz de abalar sequer a nossa convicção.

Em França e em Inglaterra ha muitas mulheres — por profissão — enfermeiras, aqui não as ha senão nos hospitaes, e nem se lhes sente a falta, porque em toda a casa onde ha uma mulher, quer ella seja mãe, esposa, filha, irmã, ou mesmo

creada, ha uma enfermeira solícita, carinhosa e dedicada, cuja coragem nem sequer vacilla ante os horrores do contagio, que tantas vezes anniquila o animo de homens energicos e audaciosos.

Para sabermos fazer prodigios de economia não precisamos de nos alistar n'uma eschola ingleza, e, se o não soubessemos a primeira mulher do povo que interrogassem nol-o ensinaria. Tambem em Portugal se pode sustentar uma familia com 17600 réis por semana, mas n'essa familia—o chefe, que trabalha do nascer ao pôr do sol, sustenta-se comendo tres tigelas de caldo que lhe custam 10 réis cada uma, 20 réis de sardinhas, e 40 réis de brôa por dia : total 90 réis.

Convença os homens, com a sua deslumbrante eloquencia, de que este alimento é muito sufficiente para conservar robustas as fôrças vitaes, e verá como nós todas fazemos economias prodigiosas, e como uma casa deixará de ser uma *lô-ba* para se transformar n'uma *burra*.

Maz se considera como o ideal da perfeição na mulher, ser ella o *braço forte e escudo da familia*, tambem lhe podemos aqui apontar numerosos exemplos d'essas. As mulheres de Avintes passam os dias remando e guiando barcos no nosso Douro para ganhar o pão dos filhos, em quanto os maridos ficam em casa cozinhando : já vê que para qualquer de nós realisar o seu ideal basta casar em Avintes.

A educação intellectual das mulheres, quando ellas se não dediquem a ser mestras, pode, e até deve, assim como a moral, receber, como complemento necessario, as licções dos homens de quem forem esposas. Assim reconhecendo no marido superioridade em tudo, até mesmo nos conhecimentos litterarios, ser-lhes-ha mais facil ter por elle esse respeito que a religião e a sociedade nos impõem como o primeiro dever da esposa.

Em quanto á emancipação das mulheres, esse sonho dourado das senhoras inglezas — nós, menos profundas pensadoras, não o queremos.

Entendemos que a natureza, que nos obriga a soffrer cruciantes dôres physicas para attingirmos o apogeo da nossa gloria — o ser mãe, nos ensina a todas, que a nossa missão na terra, é saber soffrer e amar, por isso beijamos com os olhos rasos de lagrimas de alegria o filho que acaba de nos fazer soffrer as dôres da maternidade, e abençoamos reconhecidas a mão que prende as nossas algemas de escravas, quando essa mão é a de um homem, em quem passados os enthusiasmos da paixão, encontramos as solidas virtudes que apreciamos e respeitamos.

Regenerados os costumes dos homens, a familia portugueza, constituida como até agora, poderia ser apresentada como modelo ás nações mais civilisadas da Europa.

Filhos ambos da mesma terra, e quasi da mesma idade, considero-me sua irmã, e como tal deixe-me dar-lhe um conselho. Se eu tivesse a sua intelligencia, inquestionavelmente uma das mais brilhantes do paiz, essa sua robustez physica, e a sua grande cabeça na qual o chapéo de Thiers ou de Bismarck assentaria perfeitamente, dedicar-me-hia a escrever livros, que fôsem mais uteis do que agradaveis, e deixaria aos palhaços dos circos o trabalho de fazer rir o publico.

Em paga de todos os favores, que lhe peço, prometto fazer-lhe só um, mas esse importantissimo.

Não dizer a nenhuma senhora portugueza com que caldo cresceu e medrou o sr. Ramalho, senão julgal-o-hiam tão criminoso como quem maldiz dos seus.

Sua

*Irmã de Caridade.*

Reproduzimos esse importante folhetim, porque nos asseguram que effectivamente é escripto por uma senhora. N'este ponto de vista elle é para nós de um valor inestimavel. Esse folhetim é a mulher. Não somos já agora nós que tenhamos de dar-nos ao trabalho delicado e subtil de a retratar. É ella mesma que vem reproduzir-se n'estas paginas como n'um espelho. Esta imagem directa do vivo constitue a mais preciosa aquisição da nossa galeria. Não somos nós que a descrevemos, que a phantasiamos, deturpando-a talvez na pureza da sua linha por meio de um lapis suspeito de inhabilidade ou de má fé. Vêem que é ella mesma que apparece, que faz o favor de mostrar-se viva, a corpo inteiro, na sua prosa como através de um vidro. Queiram approximar-se, meus senhores! queiram approximar-se! espreitem por este buraco e vejam-a!

Ahi a têm! É assim que ella é. Não ha artificio, não ha preparo, não ha processo nenhum de estylo para a fazer melhor ou peor do que a realidade mesma. Reparem bem, meus senhores, que não é Proudhon que a descreve, não é Courbet que a pinta, não é Offenbach que a põe em musica. É ella mesma, ella em pessoa, que corre uma cortina e apparece.

O que estaes contemplando é a obra da direcção

mental que nós mesmos imprimimos ao nosso tempo, é o fructo legitimo e authentico da philosophia, da litteratura, da arte, da corrente geral de idéas que temos produzido e impulsionado: é a nossa mulher tal como nol-a fizeram os contactos da nossa convivencia — a escola, o jornal, o livro. Revêde-vos na vossa obra!

Esse curioso ente representa a somma de vinte annos de poesia lyrica e de pó de arroz, de rhetorica e de *chic*, de dôce d'ovos e de cuia, de recitação ao piano e de tacões Luiz XV, de collegio nacional e de *cold-cream*, de figurino e de agua mor-na. Glorioso conjunto.

Vêde que lucidez de razão! que firmeza de criterio! que contensão de raciocinio? Como se adivinha bem no poder d'essas faculdades intellectuaes a circulação facil e viva através da rêde dos nervos encephalicos de um sangue opulento e forte! A mente sã que tão vigorosamente se affirma no curioso trecho litterario que acabaes de lêr presume o organismo mais perfeito, o corpo mais denso, o musculo mais racionalmente exercitado por uma sábia hygiene. Pela sua forte maneira de pensar podeis ajuizar com segurança da sua forte maneira de viver. Vêde e applaudi! Applaudi-a a ella pelo que aprendeu; applaudi-vos a vós mesmo pelo que lhe ensinastes.

Esta senhora, em nome de todas as outras senhoras, das quaes ella se diz interprete, dirige-se ás *Farpas* na pessoa do seu auctor.

O que são as *Farpas* com relação ás mulheres?

As *Farpas* são a publicação periodica — unica em Portugal — que em artigos consecutivos desde a sua apparição até hoje se tem constantemente consagrado por meio dos seus processos de critica á reconstituição dos costumes e á reorganisação da familia segundo o criterio por que se derigem as sociedades modernas; ellas têm combatido violentamente o divorcio; têm despojado o adulterio da clamysde dramatica em que tantas vezes o envolve a poesia doentia, para o flagellarem pelo ridiculo na sua torpeza nua; têm honrado o casamento indissoluvel como sendo a mais sagrada das instituições perante a dignidade humana; têm fulminado o celibato como um aleijão physiologico e social; têm dado como base á emancipação da mulher a instrucção pratica, tão deficiente, e a alta cultura do espirito, tão negligentemente descurada na antiga educação; têm-lhe ensinado que é apprendendo desveladamente a ser util que ella descobrirá o segredo de ser verdadeiramente e eternamente amada; têm solicitado a sua collaboração no estudo dos modernos problemas sociaes como factor indispensavel á fixação do nosso destino; têm pedido

instantemente para ella a fundação de novas escolas de ensino especial e de ensino superior; têm-lhe dirigido constantemente durante cinco ou seis annos palavras graves, affectuosas, sinceras; têm-lhe falado, como velhas amigas dedicadas, dos seus interesses mais caros: das bonecas das suas filhas, dos jantares de seu marido, dos arranjos da sua casa, da cozinha, do jardim, da adega, do armario das roupas brancas, do valor dos alimentos, da ordem, da economia domestica, etc.; têm-lhe feito presente de uma infinidade de theorias, de nocões, de projectos, de systemas, de programmas completos, imperfeitamente concebidos—é claro—mas demonstrando uma dedicação excepcional, por isso que nenhuma das publicações periodicas que precederam esta se dirigiu jámais ás mulheres, a não ser para lhes consagrar romances de uma moralidade suspeita, ou versos de uma honestidade duvidosa.

Depois de publicados cêrca de quarenta volumes da colleccção das *Farpas* uma senhora tem finalmente alguma cousa que dizer ao auctor, e mandalhe o seguinte conselho como resumo da opinião collectiva de todas as damas portuguezas:

«Que elle trate de outro officio e deixe *aos pajhaços dos circos* o trabalho a que até aqui se tem dado de fazer rir os outros!»

Este simples conselho é como um relampago nas

trevas do nosso espirito. Elle de per si só basta para nos convencer de que a educação das senhoras portuguezas não só é igual—como a auctora modestamente formúla—á das primeiras mulheres estrangeiras, mas que pode mesmo considerar-se-lhe superior. Effectivamente madame Sand, madame de Girardin, Lady Morgan não tiveram nunca para dirigir a um escriptor qualquer—amigo ou adversario—uma palavra tão lucida, tão conceituosa, tão profunda, e ao mesmo tempo tão finamente aristocratica, tão nobremente distincta, como aquella com que somos honrados pelo criterio da nossa illustre compatriota. Sua excellencia entende que não somos mais que *um palhaço de circo*, opinião profundamente philosophica. É talvez isso mesmo o que todas as mulheres estrangeiras pensariam se nos lêssem. É natural porém que ellas tivessem achado entre as suas perolas, entre as suas rendas, por baixo das suas luvas, no fundo de algum velho cofre perfumado, de alguma dôce gaveta esquecida, entre as mimosas recordações perdidas da sua carteira ou do seu coração, um pequeno meio qualquer de não chamarem completamente *palhaço* com todas as suas cinco letras e a sua respectiva cediilha, *p-a-l-h-a-ç-o* a um homem a quem os seus maridos lhes houvessem permittido dirigir uma carta pela imprensa.

Sua excellencia a illustre escriptora portuense tem da dignidade alheia e da sua propria dignidade uma comprehensão diversa, que não podemos deixar de attribuir com orgulho patriotico á influencia local da rua de Cedofeita sobre os requintes da delicadeza feminina.

Não é menos original nem menos profundo o modo como a nossa distincta compatriota contesta a conveniencia de ensinar physiologia humana e chimica culinaria ás meninas portuguezas. Se sua excellencia tivesse effectivamente a instrucção que nós pretendemos que se lhe deve dar; se sua excellencia houvesse comprehendido que a mais nobre missão da mulher é, como diz Michelet, a de alimentar o homem; se para nos provar que estava apta para cumprir no seio da sua familia essa missão, sua excellencia nos convencesse de que conhecia a synthese chimica da nutrição, a evolução celular, a relação existente entre os phenomenos da nutrição e do desenvolvimento, do movimento e da combustão; se nos mostrasse que estava habilitada a distinguir os principios alimentares pelas suas classificações mais genericas, os que fornecem o calor e a força e os que ministram os elementos reparadores; se nos revelasse que sabia dirigir technicamente um jantar, ou fazer pelo menos um

simples caldo, por lhe terem passado pelhos olhos, uma vez pelo menos, alguns dos eminentes trabalhos consagrados a este assumpto essencialmente vital pelo sr. Gautier, que fez um tratado de chimica applicada á hygiene, pelos srs. Moleschott e Geoffroy Saint-Hilaire nas suas cartas sobre as substancias alimenticias, pelo sr. Champouillon na sua *Hygiene alimentar*, pelo sr. Claude Bernard nas suas licções e conferencias, pelo sr. Bouchardat na sua memoria sobre a alimentação insufficiente, pelos srs. Liebig, Payen, Fonssagrives, Gustave le Bon, Letheby, Marvaud, Michel Levy, Coulier, Lacassagne, Fleury, Motard, Wurtz, etc.; se sua excellencia possuisse finalmente — ainda que no estado da mais ligeira tintura — alguma das noções em que se baseia a theoria da cozinha, que é um dos mais importantes factos da hygiene ou da physiologia applicada, o seu voto n'esse caso poderia ter discussão.

A brilhante ausencia de idéas que sua excellencia manifesta sobre este assumpto dá ao seu voto um character irrevogavel, que não pode infundir nos adversarios senão admiração e respeito.

É inutil que Smith por um lado e o doutor Byasson por outro se tenham dado ao trabalho de reconhecer por meio de experiencias feitas sobre o seu proprio organismo qual o dispendio de carbone e

de azote em cada hora, já dormindo, já caminhando, já executando um trabalho mental ou muscular, para regular sobre este dispendio a ração alimentar de cada individuo. É inutil que o doutor Franckland e Paven tenham feito as analyses mais escrupulosas para nos darem um quadro do valor nutritivo dos diversos alimentos e da quantidade de fôrça e de calor desenvolvida pela oxydação d'elles. É inutil que o doutor Chenu e o doutor Chimpton nos tenham mostrado pela comparação das estatisticas da salubridade nas campanhas da Criméa e da Italia o extraordinario poder da qualidade da alimentação sobre a saude e sobre a energia dos soldados. É inutil que pelo estudo de eguaes estatisticas com relação á alimentação de operarios empregados nas grandes industrias se tenha provado que da qualidade da alimentação resulta o augmento ou a diminuição de 20 a 30 por cento no trabalho de cada homem. É inutil que Geoffroy Saint-Hilaire nos tenha dicto: «Quantos factos na vida das nações attribuidos pelos historiadores a diversas causas complexas e cujo segredo reside simplesmente na cozinha das familias!» É inutil que toda a sciencia tenha provado que a maioria dos crimes e dos vicios se deve attribuir em cada sociedade ao seu regimen alimenticio; que o uso dos alimentos nervinos é uma necessidade inviolavel

na rude concorrência vital do nosso tempo; que é indispensável perante a moral e perante a justiça melhorar a alimentação dos trabalhadores facilitando-lhes a aquisição dos alimentos plásticos e reparadores geralmente insufficientes na sua economia. É inútil que em todos os países civilizados os sábios, os philosophos, os estadistas procurem por todos os meios de vulgarização e de associação chamar a atenção das mulheres para o estudo e para a resolução d'esse grave problema, cuja sede é a cozinha. É inútil tudo quanto se tenha allegado e quanto possa allegar-se para convencer esta illustre senhora portuense da vantagem que resultaria para os seus semelhantes do facto de ella aprender a fazer caldo um pouco menos empiricamente do que por tel-o visto fazer á cozinheira da sua avó.

Sua excellencia tem para manter a inalteravel tradição sobre os methodos de deitar a carne á panella nas cozinhas da sua rua este argumento supremo: Foi com essa panella á frente que os portuguezes contiveram em respeito o poder de Castella e praticaram prodigios de valor na Asia, na Africa e na Epopea da Liberdade. Segundo sua excellencia, foi abraçados á travessa do cozido que nossos avós descobriram a India, e que os paes de uns de nós resistiram aos paes dos outros durante

o cárco do Porto. Os vencidos jantavam no *Bignon* ou no *Café Anglais*.

Em presença d'essa logica de ferro submettemo-nos humilhados e reverentes. Uma vez que as cousas se passaram como sua excellencia afirma, nada se nos offerece retorquir. Mantenha se o *statu quo* na perfeita educação da mulher portugueza. Continue sua excellencia a imaginar que sabe cozinhar, que sabe lavar a roupa, que sabe talhar um vestido e que sabe tambem — ó legitimo orgulho! — *fazer dôce*. — De mais a mais — notem — sua excellencia faz dôce!

Não! positivamente nada se nos offerece retorquir-lhe. Faz dôce? Bem. Não precisa de saber mais nada. Ahi tem sua excellencia uma opinião que lhe garantirá «as solidas virtudes que seu marido desenvolver no lar domestico passados os enthusiasmos da paixão: — sua excellencia gosta de assucar!

Quem sabe se não será por um effeito do atavismo sobre a gula que os meninos de quinze annos de quem sua excellencia nos fala vão beber licores para os botequins?

As mães dos que amam os jogos athleticos e as proezas musculares têm ellas mesmas não a opinião do assucar mas sim a do *roast-beef* e da agua fria; não fazem dôce, fazem gymnastica, e não ensinam os filhos unicamente a comer marmela-

da, a ir á novena e a não metter os pés nas poças; ensinam-lhes o *cricket* a natação e o *box*, dão-lhes desde a idade mais tenra os habitos mais viris; e, como sabem impedir que elles vão para os botequins, não costumam encarregar os criticos de lh'os ir lá buscar.

Sua excellencia não se recusa unicamente a aprender a fazer bom caldo segundo os preceitos de Liebig, que nós lhe aconselhamos suppondo que Liebig, um dos primeiros chimicos do mundo, sempre saberia um pouco mais d'isso do que o Antonio das Moças, celebre inculcador de cozinheiras, encarregado de ministrar ás donas de casa portuenses as suas mestras da arte culinaria. Sua excellencia não só não quer fazer caldo em termos para seu marido, mas nem mesmo quer escolher a mobilia, comprar os pratos e os copos, determinar a differença de côr nos estofos do salão e da sala de jantar, tornar a casa alegre, ridente, aprazivel e digna, pagando assim em elegancia, em delicadeza e em bom gôsto á sociedade conjugal um serviço igual áquelle que recebe d'ella em protecção, em trabalho e em fôrça. Sua excellencia prefere *deixar todos esses conhecimentos aos cuidados do dono da casa (!) cuja vontade considera a lei suprema na escolha de todos os artigos!*

Ficariamos na mais inquietadora duvida ácerca das funcções que sua excellencia deseja exercer no lar domestico, se ella mesma não tivesse a bondade de nos explicar que a occupação para que se reserva é a de *abençoar agradecida a mão que prende as suas algemas de escrava (!)*.

O que nos parece é que esse mistér exclusivo de sua excellencia não promette uma existencia bem divertida em familia ao chaveiro das suas algemas!

Se fôssemos seu marido declaramos que nos desquitaríamos se sua excellencia recusasse aprender pelo menos, além de abençoar os ferros, a jogar a bisca. O nosso temperamento não nos permittiria estar a dar-lhe constantemente o grilhão a abençoar; quereríamos ter a faculdade de poder dar-lhe tambem, de quando em quando, para variar, uma boa pilota ás cartas.

O folhetim de sua excellencia termina com uma allusão pessoal á nossa robustez physica e ao caldo que nol-a creou. Sobre este ponto pedimos licença para ministrar alguns breves esclarecimentos biographicos:

Eu — pois que é bom precisar a clareza dos numeros — eu, auctor d'estas linhas, não me creei no regimen dietetico do Chiado ou da calçada dos Clerigos. Não, minha senhora: eu creei-me no caldo d'unto e na brôa dos homens do campo. Estou pre-

vendo que sua excellencia tirará d'este facto a conclusão maliciosa de que não tomei chá em pequeno. Que sua excellencia não hesite um momento em tirar tal conclusão! É até favor que me faz— para simplificar os dados do problema— o partir do principio de que não tomei esse chá.

Agora o que tomei, foi o bom ar puro, saudavel e honesto da querida courella onde nasci e em que me creei. Entre os preciosos alimentos mineraes de que me nutria havia um principio de primeira importancia para o perfeito desenvolvimento do meu arcabouço:—o phosphato de cal, que eu ingeria em grandes dozes.

A nossa casa, cercada de arvores, no meio de campos, não tinha saguão, não tinha vizinhas de cuia de retroz e de sapatos achichelados, não tinha pia.

A vida que cercou a minha infancia era simples, rude, poderosa, como o grande ar vivificante que me envolvia. Dos homens da minha familia o primeiro plunitivo sou eu. As mulheres eram ingenuas creaturas que, sem terem lido nunca Proudhon ou Taine, sem conhecerem nenhuma das theorias dos modernos moralistas, tinham todavia comprehendido e assimilado por um instincto cheio de lucidez, os dois principaes deveres de uma mulher: Primeiro, ser saudavel; segundo, não ser conhecida.

No interior da sua casa eram admiraveis exemplos de dignidade, de trabalho, de ordem, de economia, de bom humor. Madrugavam como as cotovias, e nunca o velho piano de cauda, que eu conheci ao canto da sala grande, deixou de se fechar de memoria de homens ás 10 horas da noite, o mais tardar. Não se desprezavam de cultivar, ellas mesmas, os seus canteiros de tulipas e de cravos, e eu seria o primeiro dos artistas portuguezes se conseguisse um dia condensar n'um livro toda a somma de methodo, de ordem, de execução esthetica, de picante espirito pittoresco, de risonha graça, de que era môdêlo a incomparavel cozinha de minha avó,— aberta ao nivel do pateo defronte do pôço, cheia das alegrias scintillantes do sol e do balsamico perfume dos limoeiros; enfumada, com os dois escabellos de carvalho de cada lado da borrarheira sobre o vasto lar de granito; a enorme capoeira onde se espanjavam os capões; os trophéos ornamentaes dos instrumentos agricolas; as prateleiras da louça reluzente; o cortiço da barrela e a masseira do pão a um canto; os bambolins de paios e de presuntos do fumeiro suspensos do tecto; a comprida mesa dos môços da lavoura, tendo em cima a grande celha com a braçada verde dos frescos legumes picada com as pintas douradas das cenouras entre as avelludadas e gordas efflorescencias dos

broculos; e no meio d'isso a intervenção periodica do mendigo de estrada, de alforge ao pescoço, que vinha encher a sua escudela de batatas ou de caldo, em quanto os pardaes mais atrevidos iam sem pedir esmola debicar a brôa do balaio na testada do forno.

Esse conjunto exhalava uma penetrante sensação de tepido aconchego, de suave alegria, de inalteravel paz; inspirava sentimentos praticos e honestos; era o complemento e o commentario vivo das velhas historias contadas á lareira; infundia o respeito da tradição; dava o amor da familia; explicava o amor á terra da patria pela dedicação ás quatro braças de solo cobertas por esse velho tecto.

A cozinha de minha avó era finalmente uma profunda obra de arte, da qual os mais bellos quadros da eschola flamenga, tão penetrados como são da poesia domestica, não poderam dar-me jámais senão uma idéa desbotada e fria. Escuso de accrescentar que toda a obra de quantas litteratas tem havido em Portugal não pode senão fazer-me sorrir comparada á obra modesta de minha avó, que ella tirou n'um precioso exemplar unico para a educação de suas filhas, para a fixação do respeito, da veneração e da saudade eterna de seus netos.

A minha robustez physica é o mais contraproducente dos argumentos que a minha contradictora po-

dia adduzir em favor da sua doutrina. Diz Hahnmann que a fraqueza do homem principia sempre na fraqueza da mãe. A minha robustez devo-a eu a descender de uma vigorosa raça de mulheres, que os nobres cuidados da sua casa e da sua familia tiveram sempre ao abrigo das sentimentalidades enervantes e das publicidades burlescas. Poucas vezes empallideceram nos bailes, e não tiveram nunca de que corar nos folhetins dos periodicos.

Terminando, agradeço de novo os conselhos de sua excellencia a illustre escriptora minha patricia, mas peço licença para os não seguir. Continuarei a fazer rir os outros, o que me não impedirá de fazer tambem chorar alguns, uma ou outra vez, quando fôr preciso.

Janeiro 1878.

## XXVIII

Um tenente chamado Freitas, do regimento de infantaria n.º 2, espancou um fachina detalhado ao seu serviço. O soldado com as faces escorrendo

sangue foi queixar-se ao capitão da companhia. Este admoestou o tenente, que replicou desabridamente. O capitão communicou o facto ao coronel, e o tenente foi reprehendido em presença dos officiaes do corpo. Na noite d'esse dia, na occasião em que o capitão lia na bibliotheca da Caserna, o tenente Freitas vestido á paizana, armado de um revólver e empunhando um chapéo de chuva, entrou na sala da bibliotheca e matou o capitão, disparando-lhe dois tiros pelas costas.

Este homicidio, commettido ha cinco ou seis dias e revestido de todos as circumstancias aggravantes do crime, é largamente commentado em toda a imprensa.

O tenente Freitas, encarcerado n um calaboiço, tem sido o alvo das mais crueis objurgatorias que o estylo verrinoso tem podido inspirar aos moralistas do noticiario. E nada mais profundamente lastimavel, ao lado da cova ainda fresca do pobre capitão assassinado, do que esse aspecto da cabeça sinistra do assassino, segura entre dois varões de ferro, e cuspida por todos os escarros que a gastrorrhéa do jornalismo lhe manda á cara, entre a menção dos triumphos da Donadio na ultima representação do *Hamlet* em S. Carlos, e o *menu* da ceia no ultimo baile dado ao rei no Palacio de Crystal do Porto!

O caso do tenente Freitas é evidentemente o de um epileptico ou o de um doido. As circumstancias do crime, absurdamente cobardes, extra-humanas: o chapéo de chuva de que o criminoso se acompaña e que encosta á entrada da porta para tirar da algibeira o revólver; o espancamento do fachina, entrando na série de outros espancamentos que parece constituirem nas relações do tenente com os soldados um antigo habito correlativo de outros mais secretos e mais vergonhosos; o precedente de dois casos de loucura na familia do assassino; tudo isto basta para fundamentar a suspeita de uma grave desorganisação no cerebro do tenente, o qual em tal caso deixa de pertencer á alçada da moral discursadora para se converter n'um simples assumpto de pathologia cerebral.

Pela minha parte farei apenas notar a este proposito uma simples circumstancia :

Ha poucos mezes que por uma disposiçáo do ministerio da guerra foram distribuidos aos officiaes do exercito os revólvers Abbadie, que hoje fazem parte do seu equipamento de guerra, e é esta já a segunda vez que esses revólvers servem,— agora para matar um capitáo na caserna, o outro dia para metter tres balas no corpo de um paizano em plena rua.

Não obriga isto a reflectir um pouco nos perigos

que a simples existencia de uma fôrça armada representa para a inviolabilidade da vida?...

O que é todo o exercito permanente senão uma provocação organisaada para o homicidio?

O exercito constitue-se unicamente para este fim :  
— matar.

Para ter um exercito vão-se arrancar os cidadãos a todos os grandes estimulos moralisadores da especie: ao trabalho regular e methodico, á lavoura, á industria, ás profissões liberaes, aos officios mechanicos; ao amor; á familia; á forte e fecunda instigação da responsabilidade domestica; ao espirito de previdencia e de economia; a todas as fôrças finalmente sobre que se estabelece o equilibrio de uma existencia normal.

Uma vez no regimento cessam de funcionar todas as molas da resistencia moral. A personalidade desaparece. O homem desaggregado do casal, separado do par, é apenas um individuo mutilado do seu todo perfeito, physiologicamente e socialmente falando.

Abdica do nome, e passa a não ser na sociedade mais do que um algarismo. Era o carpinteiro João da Izabel—um cidadão; principia a ser o 39 da 1.<sup>a</sup>—um soldado.

Era obrigado a ganhar uma renda de casa, dois ou tres jantares, para si, para sua mãe, para a sua

irmã; começa a não precisar de ganhar cousa nenhuma.

O Estado encarrega-se de ganhar por elle, de distribuir o ganho, de gerir, de poupar, de economisar, de reflectir e de pensar.

O soldado pode dar um nó cego na sua intelligencia e pregal-a com um parafuso no casco da barretina, porque não torna a precisar d'ella senão no dia em que o puzeram outra vez á porta da caserna com quinze dias de *pret* no fundo da algibeira e com um tubo de lata ao tiracollo com a baixa dentro.

Até esse dia o Estado faz lhe a cozinha e dá-lhe em cada dia um pão e duas marmitas com caldo, uma de manhã e outra á tarde. O Estado veste-o e calça-o. Encarrega-se-lhe tambem da honra, da dignidade, do brio: o brio, a dignidade, a honra para elle ficam sendo um pedaço de seda azul e branca com as armas reaes bordadas no centro, entre uma corôa de carvalho. Esse é o symbolo pelo qual elle jura sacrificar-se e morrer.

O Estado dá-lhe igualmente os modos, os gestos, as maneiras, — maneiras uniformes com as de todos os demais numeroz do regimento, pautadas á régua, medidas á fieira, certas, firmes, automaticas, impostas á chibata pelo sargento instructor na escola de recrutas.

Uma simples corneta substitue para todos os effeitos a applicação da sua vontade a todas as suas acções. Essa corneta toca a levantar, toca a deitar, toca a comer, toca a lavar a cara, toca a andar depressa, toca a andar de vagar, toca a correr, toca a ficar parado, toca a pôr-se de joelhos, toca a sentar-se, toca á fachina, e toca ao silencio.

O soldado, completamente imbecilizado pela disciplina, deixa de ser um homem, é ainda menos do que um animal; não passa de uma pura machina de obediencia, a que se dá corda todos os dias pela manhã soprando n'um clarim.

Ora é a este ser, em cuja consciencia a noção da responsabilidade foi systematicamente destruida, que a sociedade entrega uma arma, alguns cartuchos de polvora e umas poucas de balas, explicando-lhe que o seu destino, a sua profissão, o seu fim é matar. Quem? O inimigo. Mas essa entidade nominal, o inimigo, torna-se para o soldado uma abstracção excessivamente metaphysica para que elle chegue jámais a comprehender bem o que isso quer dizer. Elle não o viu, nem o presentiu nunca, nem de perto nem de longe, por mais remotamente que fôsse, esse «inimigo», contra o qual elle tem por officio defender, com uma arma ao hombro, durante toda a sua vida, a porta do quartel, as estatuas e os monumentos publicos, junto dos quaes o collo-

cam de sentinella, recolhido n'uma guarita e armado até os dentes.

E ha ainda quem se admire de que o soldado se aborreça, que de bilioso melancholico e de hypochondriaco, elle se converta em frenetico, que depois de ter por muito tempo tédio, elle tenha furias uma vez, e que finalmente mate de quando em quando para se tonificar, para accordar, para fazer alguma cousa emfim, para se certificar de que vive!

Emquanto a mim, a unica cousa que admiro é que elle não mate mais vezes, que mais frequentemente do que de anno a anno elle não dispare sobre o proprio coronel, á fôrça de não poder disparar sobre o inimigo; e que, por lhe não ser permittido fazer uma só proeza de campanha, elle não faça muito mais mortandades de tarimba.

Se me dissessem que alli assim á esquina da minha rua estava postado ha dois dias, á espera, um homem profundamente ignorante, ocioso, aborrecido, sem familia, sem profissão, sem trabalho, e que esse homem, de semblante carrancudo, passeava silencioso de um lado para o outro com uma espingarda carregada debaixo do braço, eu declaro que, apesar de não ser das pessoas que se acham prêsas por maior numero de parafusos ao amor da vida, ainda assim não passaria com uma serenidade completamente garantida por deante d'esse sujeito...

Pois bem: não é um homem só, são dez ou quinze mil homens que andam a passear como aquelle a quem me refiro e que não esperam unicamente ha dois dias — o que já inspiraria cuidado — esperam ha cincoenta annos!

E a esse conjunto de individuos que o Estado chama o seu exercito permanente, e que para o manter elle dispende cinco mil contos por anno, em dinheiro, e alguns capitaes, em genero.

Na fôrça armada portugueza os unicos soldados que verdadeiramente me agradam são suas altezas os principes. Era elles que eu desejaria vêr tomar como typos da nossa reorganisação militar. Porque elles assentaram praça, juraram bandeiras, venceram postos, creio que estão já capitães ou coroneis, e todavia não sahiram nunca de sua casa. Em vez de fazerem sentinellas, ficaram a estudar as suas licções. — Bons soldados!

## XXIX

A grande commissão composta de 600 cidadãos, para o fim de crear em Lisboa um jardim zoologico e de acclimação, acaba de reunir-se em assembléa geral, sob a presidencia do sr. D. Fernando, nomeando uma sub-commissão executiva, encarregada de levar a effeito o estabelecimento projectado.

Em todas as capitaes da Europa existem jardins do genero d'aquelle que se trata agora de fundar em Lisboa. É celebre o *Zoological Garden*, de Regent's Park, em Londres, e o *Jardin d'Acclimation*, no Bois de Boulogne, em Pariz. Na Allemanha, na Austria e na Hollanda, pequenas cidades de provincia possuem estabelecimentos analogos. No jardim de Amsterdam está-se construindo presentemente, como complemento d'essa fundação, o grande *aquarium*, cujo custo se acha orçado em mais de um milhão.

Mas em nenhuma outra parte tem a fundação de

um jardim zoologico a influencia que um tal instituto me parece destinado a exercer em Lisboa, porque em nenhuma outra parte a educação do povo, sobre a qual tão directamente vae actuar a criação do estabelecimento em projecto, tem sido tão deploravelmente descuidada como em Portugal.

A subida importancia de um jardim zoologico para os altos estudos da biologia e da zoologia comparada, os quaes, depois de Darwin, se tornaram a base experimental de toda a philosophia da natureza, torna-se de um valor secundario perante os estimulos de curiosidade intellectual, e de moralizador e nobilitante prazer mental, que essa instituição é chamada a exercer no espirito do povo.

Decretar instrucção, assim como decretar moralidade, é um dos mais inuteis e estereis exercicios burocraticos, em que a actividade de um governo se pode exercer para seu exclusivo recreio, por meio da gymnastica plumitiva.

A instrucção fecunda para um povo não é a que os governos lhe abonam, mas sim a que elle de per si mesmo solicita.

Uma das provas d'esta verdade está no bom numero de escholas de instrucção primaria, fundadas em Portugal sem que ninguem as frequente. Muitos dos edificios construidos para escholas por legado do conde de Ferreira estão ainda hoje desha-

bitados ou utilizados para outros usos. Os testamenteiros d'esse philantropico titular concluíram finalmente agora a construcção do hospital de doudos, que elle determinou fundar na cidade do Porto. Logo que esse estabelecimento se abra, ver-se-ha que o numero dos mentecaptos será consideravelmente superior ao dos estudiosos contemplados no testamento d'esse varão benemerito.

Por occasião da celebração do centenario de Fröebel a camara municipal de Lisboa inaugurou no Passeio da Estrella o primeiro dos jardins de infancia fundado em Portugal. Ha muito tempo que o gracioso *cottage* destinado a essa importantissima eschola está feito... e fechado. De tempos a tempos, quando algum curioso deseja constatar que o jardim de infancia effectivamente existe, uma pessoa da confiança do municipio vae com a chave, abre a porta, abre as janellas, mostra a casa ao amador dos progressos práticos da pedagogia nacional, dá uma espannadela com o lenço ás cartei-ras reluzentes e virginaes, torna a fechar tudo, e restitue a chave ao vereador encarregado do pelouro das mobílias platonicas.

Isto demonstra que o povo não sente a necessidade de aprender.

A curiosidade intellectual não desperta senão pelo exercicio das faculdades postas em movimento

por uma solicitação de prazer, e ninguém entre nós tem pensado em crear os prazeres do espirito popular.

Temos uma companhia lyrica onerosamente subsidiada para entreter o luxo e distrahir os tédios da burguezia rica, e temos algumas bibliothecas publicas, que se fecham á noite e se fecham ao domingo, precisamente nos unicos dias e nas unicas horas em que os operarios poderiam lêr; e não temos um unico estabelecimento publico de recreio gratuito, ou de modico preço, para as classes trabalhadoras e pobres.

Não ha museus, não ha collecções de arte, não ha uma sala de concertos musicaes, ou de conferencias populares, não ha theatro nacional popular, não ha parques, e são insufficientes, pequenos e destituídos de todo o attractivo os jardins publicos, nos quaes apenas é lícito passear ou estacionar, sentado n'um banco, com prohibição expressa de tocar nas flôres, ou de calcar a relva publica, como se a relva, que é o tapete do povo, pudesse servir para alguma cousa, desde que ao povo é prohibido andar n'ella ou deitar-se-lhe em cima!

De sorte que, como recreio popular, temos apenas as feiras.

Os operarios e os pequenos burguezes, acompanhados de suas familias, quando o bom tempo che-

ga, passam os seus domingos de feira em feira. Na primavera e no verão vão para a feira das Amoreiras e para a feira de Belem, no outomno vão para a feira do Campo Grande.

Nas grandes feiras, ainda hoje em voga n'uma parte da Allemanha, as bandas regimentaes, superiormente instruidas e exercitadas, tocam largos trechos de musica classica, Beethoven, Haydn, Bach, Mozart, e d'este modo o recinto da feira converte-se n'um concerto de grande musica ao ar livre.

Mas em Lisboa as musicas dos regimentos não tocam senão durante duas horas ao domingo nos passeios burguezes do Rocio e da Estrella, d'onde os operarios, em jaqueta ou em blusa, são naturalmente excluidos, pela razão de se não fazer n'esses logares senão ostentar em pompa a *toilette* dominqueira da missa, dando ao jardim o aspecto profundamente inanimado de uma exposição de bazar de modas, com alguma gente mettida dentro das confecções, a tituló de cabides. A unica cousa que destroe esta illusão n'essas curiosas, mas insipidas assembléas, é não terem as senhoras que as frequentam adoptado ainda o uso instructivo de pôr, pregado com um alfinete ao vestido, um cartão com a indicação do preço que elle custa.

Nas feiras comem-se frituras e saladas, ao es-

trondo cacophonico dos trombones e dos cornetins na varanda das barracas: toca-se banza, canta-se o fado, dão-se ou recebem-se bofetadas, bebe-se vinho, apanha-se poeira, e, sempre que se não vae prêso para a esquadra ou se não vae furado no ventre para o hospital, vem-se para casa com a cabeça espessa e estonteada, a saliva grossa como algodão em rama, os nervos irritados, os musculos moídos e a carne pisada.

Os theatros de feira, ainda ha vinte annos tão interessantes como ultimo asylo da antiga litteratura da scena nacional, perderam modernamente esse fio de tradição. Dois estrangeiros nefastos á popularidade da nossa opulenta litteratura chamada de cordel, introduziram nos theatros de feira os espectaculos *à femmes*; e todos os demais empresarios passaram a imitar os irmãos Dalots, pondo nos seus tablados mascavadas traducções gallegas de comedias pelintras do *boulevard*, ou de operas buffas esfalfadas, achicheladas no theatro da Trindade, e subsequentemente parodiadas em resumos do ultimo réles, accomodadas aos ouvidos sordidamente entupidos e ás larynges alcoolisadas de um côro de saltimbancos.

Os *autos*, tão genuinamente portuguezes, da *Dolorosa Paixão*, de *D. Ignez de Castro*, de *Nossa Senhora de Nazareth* ou de *D. Fuas Roupinho*, e

os entremezes de nobre pilheria classica, como *Manuel Mendes*, o *Villão em casa de seu sogro*, o *Velho presumido*, o *Gallego lórpa*, o *Creado sagaç*, e tantos outros, deixaram de ter intérpretes nos palcos populares; presentemente reduzidos, pela mais inepta, pela mais pretenciosa, pela mais estrangeirada e pela mais pulha das innovações, a simples exposições nauseabundas de mulheres hediondas, umas magras como velhos perús depennados; outras de uma gordura molle, sebaceas, com vermelhão nas faces, rosas de papel nas cuias, e borbulhas de máu character no nariz, offerecendo ao publico, em lamentaveis sorrisos pôdres, a fina flôr do peccado pariziense, representado a pataco por espectador de Belem, na opulencia dos *maillots* engelhados nas pernas e na nudez dos collos estrellados pelas mordeduras dos persevejos. E é n'esta unica eschola de arte, que a educação esthetica do povo se faz!

É claro que, se o jardim zoologico de Lisboa se estabelecer em bases exclusivamente scientificas, ou em forma de parque aristocratico, o povo não concorrerá mais a esse sitio, do que concorria ao Passeio do Rocío.

Por isso, eu desejaria que o estabelecimento em projecto, além da sua collecção de animaes e dos seus viveiros de plantas exoticas, offerecesse ao po-

vo e ás creanças todos os prazeres destinados a attrahir o povo e a attrahir as mães de familia.

Seria preciso que n'elle se organisassem e restabelecessem os antigos jogos nacionaes da barra, da pela e da bola. Que os estudantes dos collegios particulares, do lyceu e das escholas superiores, tivessem ahi os seus parques de gymnastica, um campo de corridas a pé, um *cricket*, e um tiro ao alvo. Que para as raparigas houvesse um *croquet* e um *lawn-tennis*, cavallinhos de pau e theatrinhos de *marionettes*, ao ar livre, para as creanças mais pequenas. Carrinhos tirados por cabras ou por carneiros, e ponneys competentemente arreados para pequenos cavalleiros e para pequenas amazonas, nos quaes se possa dar, pela modica quantia de um ou dois vintens, uma volta de parque em carruagem ou a cavallo. Conviria ainda que uma vez por mez, perante indemnisação paga pela camara municipal, todos estes divertimentos fôsem facultados de graça aos pequenos pobres. Importaria além d'isso que nos curraes se vendesse a modico preço bom leite puro e pão nutritivo com gluten, chamado de rala, e manteiga fresca para as mulheres e para as creanças. Que nas contiguidades do jardim se estabelecessem pequenos restaurantes rusticos ao ar livre para que o povo ahi pudesse jantar ou merendar barato, como merendaria na feira.

Assim organizado o jardim zoologico, com um preço diminuto de entrada, é indubitavel que o publico de Lisboa o frequentaria em massa, e que dentro de pouco tempo começariam a interessal-os os animaes colligidos, primeiramente pelas formas ou pelas côres, depois pelos nomes, pela especie, pelo genero, pela proveniencia. E essa seria a mais importante e a mais proficua licção de geographia colonial, que se poderia dar a um povo, que tão vastos territorios tem ainda na Africa, na Asia e na Oceania, chegando a sua ignorancia n'esta materia até o ponto de nem sequer saber os nomes das terras que possue.

Falou-se em que o jardim zoologico seria estabelecido na real tapada da Ajuda, a qual el-rei cederia para esse fim á cidade. O jardim de que se trata não tem outro local em Lisboa. A área da tapada da Ajuda é a unica sufficientemente vasta para dar cabida a esse estabelecimento. Além d'isso ella é o unico grande espaço arborisado dos suburbios.

Um jardim que se vá arborisar agora, só poderá ser jardim d'aqui a vinte annos. Receio que os iniciadores de um tão importante beneficio venham em taes circumstancias a não o poder realisar inteiramente, senão tomando a tal respeito algumas disposições testamentarias.

Além do que, um mundo tão velho como o nosso

não tem tempo para se pôr agora a esperar que cresçam as arvores a cuja sombra elle tem de se educar.

N'um jardim pequeno, onde as pessoas a todo o instante se encontram cara a cara nos mesmos carreiros e em tórno dos mesmos arbustos, ninguem se acha bem. As meninas da burguezia, que são os mais sensitivos e os mais pechosos de todos os seres, logo que se têm chocado duas vezes com o rosto do seu sapateiro, retiram-se velozes, cuspinhando de engulho pela má companhia. Os officiaes de officio, desde que sentem no nariz as fumaçadas de tres ou quatro charutos melhores que os d'elles, e fumados por simples vadios, experimentam o desejo irresistivel de rogar pragas e de dirigir gestos galhofeiros, porém indecorosos, aos chapéos altos.

E assim, á segunda ou terceira tentativa de reunião publica e recreativa, os burguezes deixarão de comparecer, em resultado do tripudio da canalha; o povo cessará de ir por causa da fedorentice do burguez; e a aristocracia retrahir-se-ha, para o fim de não ennobrecer com a sua augusta presença o conflicto sordido das massas plebéas.

Logo que n'um passeio publico não cabe á vontade o publico todo, não cabe ninguem. Só os enormes passeios, como o Bois de Bologne, como o Prado, ou como Hyde-Park, é que algumas vezes se

enchem de gente. Os pequenos jardins estão sempre vazios.

O que em Pariz constitue o encanto supremo do *Bois* para toda a grande massa da população pariziense, é que todas as classes sociaes ahi podem reunir-se, sem se affrontarem; e que emquanto o mundo rico, o mundo ocioso, o mundo devasso, ou o mundo alegre, desce das corridas de Longchamps em apparatusas equipagens de grande luxo, as familias dos pequenos lojistas e dos operarios, os estudantes e os artistas pobres jantam em grupos independentes, sentados na relva em tórno de um cabaz; comem, entre duas fatias de pão grosso, que levaram embrulhadas no *Petit-Journal*, o salpicção da independencia; ou fumam os seus cachimbos bem queimados, ouvindo rumorejar os castanheiros em flôr, deitados no chão, de barriga para o céo, os braços em travesseiro debaixo da nuca, e as solas reluzentes dos sapatos taxeados voltadas em *abat-jour* para o disco rubido do sol poente.

Veremos agora o que a commissão installadora do Jardim Zoologico determina escolher: ou uma grande instituição profundamente renovadora dos costumes e da educação nacional, com lucros infalliveis em honra e em proveito para aquelles que a fundarem; ou uma pequena e insignificante horta, com alguns bichos e com um gallinheiro, a qual

dentro de um anno arruinará a empresa que o houver instituido, porque o povo não deixará com certeza de preferir ás feras vivas e aos gallinaceos crús, o coelho guisado e a pescadinha frita com o respectivo rabo na bôcca — tudo para maior vexame do Jardim Zoologico e correlativa prosperidade da horta da Rabicha ou da Perna-de-Pau.

## XXX

Davam ha dias os jornaes a noticia desenvolvida e circumstanciada do *leilão da Josepha* (sic).

A *Josepha*, sem mais tratamento, parece-me descerimonioso de mais com referencia a uma creatura christã, cuja condição de actriz no theatro da Trindade não auctorisa talvez completamente os jornalistas a usarem com o nome d'ella da mesma concisão que só é uso empregar para chamar por cães.

A *Josepha*, sem mais nada, é uma fórmula de appellidação que pode, quando muito, permittir-se juridicamente, como uma especie de estigma, nas

policias correccionaes e em estylo de escrivão, mas não, segundo creio, em linguagem de um escriptor com referencia á pessoa de uma artista.

Verdade seja tambem que, a não lhe chamarem a *Josepha*, não sei muito como é que se lhe havia de chamar. A *Senhora Josepha* seria talvez ainda menos do que simplesmente a *Josepha*, e *Senhora D. Josepha* poderia porventura parecer de mais ás esposas legitimas dos capitães que têm D. de direito, e ás consortes dos funcionarios publicos e dos burguezes em geral que têm egualmente D. por uso e consenso unanime das massas.

E d'aqui se vê já quanto em Portugal a propria lingua está mal feita para se tratar de mulheres!

Os frades, que durante duzentos annos tiveram na sociedade portugueza o monopolio da litteratura nacional, e que crearam para os seus usos o verbo que nós herdámos de nossos antepassados, fizeram-nos á lingua materna uma operação semelhante á que se fazia aos chantres para cantarem de tiple no côro das cathedraes. As formas da nossa prosa revelam a todo o momento essas mutilações a que a submeteram os cultores das letras ecclesiasticas para o fim de a adaptarem á insexualidade do claustro e ao neutrismo da sacristia.

Nós outros, escriptores modernos, secularisados á pressa pela Encyclopedia e pela Revolução Fran-

ceza, profanatisados á ultima hora pelo romantismo e pela Carta, achamo'-nos em estylo, no meio da litteratura européa contemporanea, como uns pobres e miseros clerigos *in minoribus* em deserção do episcopado, como seminaristas fugidos, cheirando ainda ao incenso da liturgia, e mostrando nas cabelleiras as tesouradas da primatonsura. Na graça das nossas maneiras de salão ha o que quer que seja do cerimonial de missa cantada: os nossos cumprimentos de galanteria lembram as genuflexões em que fomos instruidos pelos padres-mestres de cerimoniaes; e em todos os nossos donaires gentilicos e mundanaes se percebe a unhada do acinte com que procurámos á fôrça abjurar os votos de pureza e postergar os cánones.

Achamo'-nos por acaso na presença de uma pobre rapariga, de uma filha do seculo e do palco, de uma mundana, de uma irregular, com a qual temos obrigação de ser decentes e de ser humanos: e aqui estamos sem saber como a havemos de tratar para não escandalisar a assembléa nem offender o proximo! A menos que a gente se não extrangeire de proposito para isto, e que lhe não chame *mademoiselle*, *señorita* ou *miss*.

Eu peço licença para propôr que n'este, e nos demais futuros casos analogos, se adopte o tratamento de *soror*.

Parece-me que é de christão; que é tambem um pouco de latinista; que revela boa creação e alguma leitura, e que não offende. Estou que agrade. Os senhores que desapprovam terão a bondade de levantar a sua mão esquerda.

O leilão de soror Josepha abre-nos uma porta para dentro do mundo lisbonense—*ou l'on s'amuse*.

A *rigolade* em Lisboa faz uma certa differença da *rigolade* em Pariz, como vamos vêr.

Emquanto nos leilões francezês que ficaram celebres nos annaes do Hotel Drouot, as mobílias e os *bibelots* de Anna Deslions, de Cora Pearl, de Duvenger e de Hortense Schneider produziram milhões, o leilão de toda a casa de soror Josepha, a primeira das nossas estrellas da opera comica, arrematada em uma só manhã, rendeu apenas alguns pobres centos de libras!

A celebre diva do theatro da Trindade jazia em um modesto andar de um predio do largo do Pica-deiro, defronte de S. Carlos, onde a sua existencia domestica se achava sepultada na pequena pompa burgueza do mogno polido com alguma obra de talha e estôfos de gorgorão azul ferrete. No salão duas frias e desconsoladas consoles cobertas de marmore branco e um piano vertical de pau preto. Na alcôva, não forrada de velludo preto de Lyon,

estrellado de lentejoulas de ouro, como a de Sarah Bernhardt, mas simplesmente empapelada em papel pintado de dois tostões a peça, pende do muro uma cópia barata de Murillo, unica expressão das bellas artes dentro d'esse ninho artistico. A casa de jantar é de nogueira com frisos pretos, mesa redonda e elastica, doze cadeiras de espaldar e o competente aparador rematado no alto pelo classico grupo de duas maçãs e uma pêra com a respectiva folhagem, — absolutamente como todas as casas de jantar em que a imaginação escandecida dos estofadores da Baixa superintende no culto nacional da sôpa, vacca e arroz, com picado para prato de meio e sobre-mesa com duas doçuras, uma de calda e outra de sequeiro.

De resto, nem na sala de jantar, nem na copa, nem na cozinha, nem na despensa, vestigio algum d'esses desmandos de bôcca revelados pelos cestos de Champagne de Moet & Chandeau, pelas latas arombadas das trufas do Perigord, pelos barris das anchovas da Noruega, ou pelas terrinas de *foie gras* de Strasbourg.

Em todas as salas e em todos os apartamentos interiores da casa, o mesmo aspecto rigido e inesthetico de chato burguezismo, o mesmo ar sobrio quasi caturra de temperança ou, para melhor dizer, de dieta.

O leilão de soror Josepha e a sua repentina deserção do theatro trouxeram consigo á imprensa várias revelações da chronica sobre a vida intima da actriz. São vulgares no estrangeiro estes casos de mulheres que se retiram da scena para o santuario do matrimonio por meio de casamentos contrahidos com personagens ricos. Ainda ha pouco foi esse o destino de Schneider, hoje baroneza, não me lembro agora de que. As folhas de Pariz fazem um certo ruido em tórno d'estas ligações no momento em que ellas se realisam; depois do que, um profundo silencio envolve a inviolabilidade d'essas familias de bastidor, e nunca mais ninguem torna a falar nas actrizes casadas senão no dia em que ellas ou seus maridos vêm aos tribunaes requerer separação judicial de pessoas e bens.

Soror Josepha, porém, não se casou. Pelo contrario. Quando digo *pelo contrario* não vão pensar que ella mudou d'estado começando logo pelo posto de viuva, o que violaria por meio de um privilegio odioso os tramites geraes de todas as promoções equitativas de um estado subalterno e provisório a um estado eminente e definitivo. Não. Soror Josepha achou-se apenas mais solteira do que nunca. E assim pelo menos que os noticiarios e os folhetins explicam o eclipse d'este astro. Eis em breve resumo o que consta da indiscreção das folhas diarias

ácêrca de tal assumpto: Um Armando qualquer, cujos suspiros se achavam aforados desde algum tempo a esta interessante Margarida (do *Barba Azul*), é constringido, pelos rigores paternos e pelo estado precario do seu estomago, do seu pulmão e da sua fortuna, a abandonar a capital e a recolher-se n'um buraco de provincia ao seio da natureza barata, onde a existencia decorre serena e monotona como a seiva da couve, e é equilibradamente repartida em dôce ramerrão pela réstea do sol na eira, pela cavaqueira da botica á hora de chegar o correio, e pela bisca á noite na sala do parochó, com o pharmaceutico e com o brasileiro do sitio, emquanto a carvalheira zôa, e a chuva estrepita nas vidraças n'uma enxurrada de tristeza lugubre, á mesma hora em que na longinqua Lisboa os *coupés* estacam uns depois dos outros sob a arcaria de S. Carlos, e mulheres embrulhadas em rendas brancas, perfumadas a *spina-rose*, saltam ao tapete da entrada, segurando as caudas dos vestidos e dando o braço a homens de gravatas brancas, abotoados em longos sobretudos, fumando o resto dos partacas accendidos ao acabar de jantar.

Pois bem: Margarida (sempre do *Barba Azul*) despede-se corajosamente de Lisboa, das noites da Opera, com as suas elegancias de casacas de baile nos fauteuils e de luvas até os cotovellos nos para-

peitos dos camarotes; do Chiado ás quatro horas da tarde, quando os amanuenses vêm para cima e as cocottes vão para baixo; das ceias no restaurante; dos *coupés* para os touros; da rua e da scena; do movimento alegre da vida e das commoções profundas da arte; deixa tudo; larga tudo; faz leilão do resto; e, sósinha, embrulhada n'um *water proof*, com um chapéo de chuva debaixo do braço, um bahu atraz aos hombros de um carregão, com um bilhete de caminho de ferro para Chão de Maçãs, para Pero Pinheiro ou para Cascos de Rôlha, aos empurrões de um guarda solícito e amavel com senhoras viajando sós, o qual lhe diz:—*Ande menina, despache-se, se não quer ficar na gare!*—trepá de escantilhão para um compartimento, empacota-se n'uma manta ao canto da bancada, deita o véo para baixo, e vae resoluta ter com Armando, que ella ama.

E eis ahi está como ellas são em Portugal, as sacerdotizas terriveis da patuscada!

Quando muita gente cuida ainda que ellas representam o abysmo insondavel e voraz dos milhões dos filhos-familias, ellas, pelo contrario, têm por ideal a que sacrificam tudo—o idyllio de uma cabana, de dois pinheirinhos e de um coração traspassado de dívidas.

Esta phenomenal ingenuidade, que, como piegui-

ce em acção, me faz sorrir, como symptoma psychologico obriga-me a meditar.

Pobres mulheres! Ellas são-nos bem inferiores, segundo dizem, a nós os homens, pela anatomia dos ossos e dos musculos e pela constituição do cerebro. Ellas têm a cabeça mais pequena, como as raças inferiores, têm os movimentos centripetos, abotoam os vestidos para a direita, não sabem compôr operas, e nunca chegam a entender a mathematica.

Mas pelo que respeita a essa pequena cousa imponderavel ás sciencias de experimentação e de analyse de laboratorio, e chamada apenas o desinteresse, a dedicação e a bondade, nós é que não sabemos deduzir a melodia, nós é que não sabemos pôr a equação, nós é que nos abotoamos para a esquerda.

Ahi temos uma patusca. Ponha-se-lhe agora um patusco ao lado, e compare-se.

Ella é sempre a mulher. Elle não passa de ser um biltre. Ella consagra-se e sacrifica-se. Elle deshonra-se, e é isso tudo quanto sabe fazer. Não é capaz de mais nada.

Oh! o patusco! Com elle não é indiscreta a imprensa, porque elle não faz leilão nem sae da scena côm o panno em cima, á luz do gaz e em presença da galeria!

Para que elle se vá embora é preciso que o levem... para o hospital ou para a cadeia.

O patusto entra ordinariamente na patuscada da vida por volta dos vinte annos de idade, armado para a lucta com os cem contos de réis da herança paterna, representados n'um capital em titulos ou n'um fundo de estabelecimento commercial.

Desde que os prazeres da vida airada o absorvem, elle bestifica-se progressiva e constantemente, porque a patuscada lisbonense, sem nenhuns elementos de espiritualisação artistica, é essencialmente imbecilisante. A vida distribuida pelos touros, pela cavallariça, pelas hispanholas, pela guitarra, pelo botequim e pela roleta, fecha o respiro a todas as curiosidades da intelligencia, a todos os interesses do espirito.

O patusco não lê, não viaja. Os seus cem contos desaparecem, por via de regra, ao cabo da primeira década de exercicio, por um modo completamente mysterioso e sem vestigios. Arruinam-se fortunas inteiras em calças mal feitas, em tipoias sujas, em pilecas esparvonadas, em ceias de lulas com vinho do Cartaxo, e em remedios secretos.

O patusco é romanescos, um pouco por temperamento algumas vezes, mas sempre por basofia de botequim e de bastidores, porque elle tem em amor essa illusão, aliás vulgar, de que as mulheres que

se dão a imbecis os escolhem — o que sómente parece exacto pela circumstannia de serem sempre os mais tôlos os que têm mais sorte.

Na segunda phase da sua existencia o patusco arruinado vive de expedientes. Não paga aos fornecedores, assigna lettras aos agiotas, associa-se nas batotas, compra cautelas da loteria, e vae ás ceias dos gabinetes reservados, convidado para *chaperon* das meninas.

Aos quarenta annos, envelhecido, calvo, dado á bebida, cheirando a roupa suja, elle fala da sua passada opulencia com os ares de um fidalgo sacrificado por administradores infieis, e dá a entender que existiam antigos pergaminhos na casa de uma remota aldeia, onde o avô d'elle, ao vir para Lisboa ganhar a vida, deixara apenas como vestigio heraldico um par de tamancos. De resto os creados dos cafés e os porteiros dos palcos acabam por o tratar por tu. Faz-se o mentor de todos os jovens debutantes no vicio, como experimentado que é, porque effectivamente elle conhece tudo na vida, excepto o trabalho, a dignidade e o dever.

Além de fazer dívidas, o patusco não sabe fazer mais nada senão embrulhar cigarros, beliscar harpejos na guitarra, e cantar o fado, n'uma prosodia de moço de estrebaria, lacrimoso, com os olhos em branco, a voz cavernosa e soluçante, o pescoço esti-

cado em extasi, a mão na ilharga e um pé á frente.

Não, decididamente, soror Josepha teria razão de se offender se, depois de apertar a mão aos patuscos que por ahi conhecemos, nós nos puzessemos a escrever moral a respeito d'ella — sem nos clarificarmos primeiro.

### XXXI

Por occasião de receberem a communhão os alumnos de um dos collegios de Lisboa, um estudante cuspiu no chão a sagrada particula que o sacerdote lhe ministrara.

O pedagogo e a mãe do alumno que desacatou o templo vieram cada um por seu lado ás redacções dos jornaes explicar o caso aos noticiaristas.

Segundo o mestre, o joven réprobo é um pequeno hereje malcreado, devidamente punido desde já com a expulsão do rebanho orthodoxo a que pertencia na qualidade de rez pensionista e semi-interna.

Segundo a mãe, o precitozinho é apenas um in-

nocente bronchitico e um irresponsavel dyspeptico, com ataques repentinos de tosse e de cuspinheira.

Temos portanto que distinguir entre essas duas cousas diversas :

O menino é doente, ou não é doente.

Se o menino é doente, diremos que é o director do collegio quem tem a culpa do desacato.

Se o menino não é doente, diremos então que quem tem a culpa do desacato é o director do collegio.

Como doente, o director do collegio deveria mandar tratar o seu alumno pela therapeutica e não pela eucharistia. Todo o pedagogo tem obrigação de saber que nas dyspepsias a communhão, em virtude da composição chimica da hostia, é absolutamente contra-indicada pela sciencia.

Como são, o director do collegio deveria não ter levado á desobriga um alumno que, segundo vemos, se não achava convenientemente habilitado em civilidade para comparecer com decencia em tal acto.

Hão de nos desculpar se insistimos um pouco sobre esta materia, mas realmente trata-se de um caso que pode vir a estabelecer precedente, e que precisa de ser raciocinado.

Então que nova cantiga vem a ser esta agora de nos expulsarem dos collegios os nossos filhos quando os senhores directores entendem que elles são mais impios ou mais mal creados do que é preciso para os creditos da sôpa a tanto por cabeça em que esses senhores negoceiam?

Os collegios, segundo rezam os respectivos programmas, são estabelecimentos de educação *litteraria, civil e religiosa*. Não dizem lá os directores que dão religião? Com que direito pois se corrige assim com a pena publica de uma expulsão infamante um alumno cuja culpa consiste unicamente em não ter aquillo que os senhores directores se obrigaram a dar-lhe?

Perante a responsabilidade da direcção pedagogica cuspir a hostia na egreja é um facto perfeitamente analogo ao de dizer asneiras n'um exame do Lyceu. N'um e n'outro caso temos falta de preparo.

Se, depois das provas feitas, se vem a reconhecer que o collegial se não achava apto para ir ao exame ou para ir á desobriga, o director do collegio o que tem de restituir á familia, em boa justiça, não é o alumno que não educou; é o dinheiro que recebeu da familia para o educar.

Sobre o periodico a *Nação* é que o facto a que

alludimos parece haver produzido uma impressão mais dolorosa.

Este apreciavel jornal appareceu-nos em um dos seus ultimos numeros vestido de lucto. Perante os filetes pretos da *Nação* julgamos que tivesse morrido o Papa, que houvesse voado da republica dos vivos para regiões mais aristocraticas o ultimo dos descendentes do sr. D. Miguel de Bragança, ou que se não achasse bom de saude o sr. Pinto Coelho. E informamos-nos sollicitos e pesarosos. Acabamos de saber, por um distribuidor que a *Nação* está simplesmente de lucto em signal de dôr pelo desacato feito á religião pela imprudencia do menino que foi com gosma para o tribunal da penitencia e para a mesa eucharistica.

Para que a *Nação* se não sujeite a novos desgostos d'este genero e não gaste mais lagrimas em estylo e mais tinta em filetes, lembramos a conveniencia de fazer honrar a religião, dando-lhe na sociedade o logar que legitimamente lhe compete, retirando-a ao Estado, retirando-a á Carta, retirando-a á eschola, retirando-a á caserna, e restituindo-a á familia.

Emquanto os estudantes dos collegios e os soldados dos regimentos forem em cada quaresma acompanhados pelos seus mestres ou pelos seus sargen-

tos, commungar de sucia á egreja da freguezia, creia a *Nação* que não estará livre de derramar mais pranto e mais tinta sobre profanações do genero d'aquella pela qual n'esta occasião lhe enviamos o nosso sincero pêsame.

As mães são as unicas pessoas que n'este mundo sabem ensinar um homem a ir com ellas á egreja e a ajoelhar-se com decencia ao seu lado nos degraus de um altar.

Porque o respeito á egreja não é um facto da disciplina, é um facto do sentimento, da crença e da tradição domestica.

Collocado ao lado de sua mãe, que simples e ingenuamente crê e reza de joelhos n'uma egreja, nunca homem nenhum teve jámais vontade de cuspir, por troça ou por doença, por má criação ou por gosma.

A religião não se apprende, como se apprende a grammatica, na eschola, ou como se apprende o exercicio militar no quartel.

A religião inspira-se ás consciencias pelo amor que só as mulheres sabem ter; não se encasqueta á fôrça nas cabeças aos golpes de férula ou aos golpes de junco, que nos dão os mestres de meninos e os instructores de recrutas.

No presente estado das idéas, com a orientação geral dos espiritos na sociedade contemporanea, o

desacato do culto religioso é unicamente o resultado da intervenção despotica dos poderes officiaes no regimen exclusivo das consciencias. Os partidos em religião acabaram ha muito tempo. Dentro da esphera da crença não ha hoje senão ou fieis ou indifferentes.

São apenas as escholas e as leis que, mettendo-se n'aquillo que não é da sua conta, de quando em quando fabricam ainda um heretico ou um sacrilego, artificial, para recreio da critica e para lucto da *Nação*.

Março 1882.

### XXXII

Se porventura quizessemos fazer de conta que não lêmos os annuncios do *Diario de Noticias* e passassemos as palhetas ao sr. arcebispo de Mytilene sem nos inclinarmos reverentes perante a provisão de sua excellencia ácêrca do desacato da igreja de S. Christovam, isto desagradaria talvez ao patriarchado, e a *Nação* não nol-o levaria a bem.

Eis-nos aqui pois aos pés de sua excellencia.  
Meditemos.

Segundo o sr. Arcebispo não foi unicamente um estudante que desacatou o sacramento eucharistico — como outros reporters disseram. Os profanadores foram tres. Dois d'elles cuspiram no chão as especies sagradas, o outro cuspiu no lenço de assoar. Depois do que, os sujeitinhos, que têm de doze a quatorze annos de idade, trocaram entre si «signaes de escarneo».

O sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica arcebispo de Mytilene e governador do patriarchado no impedimento de sua Eminencia Reverendissima o Cardinal Patriarcha, compara a má criação dos tres jovens bilhostres de que se trata com o attentado perpetrado pelos judeus deicidas contra a vida de Jesus, e tira em conclusão que o drama do Calvario é muito menos sacrilego e muito menos abominavel que o da egreja de S. Christovam.

Cheio de toda a amargura e de toda a consternação que um tão negro paralelo naturalmente provoca, o senhor arcebispo exclama:

*«Se os judeus tivessem conhecido o Senhor da Gloria, diz S. Paulo, jámais o teriam crucificado; os seus ultrages dirigiam-se ao filho de Maria e de*

*José, a um homem que elles olhavam como um seductor e como um inimigo de Moisés e da sua lei. Além d'isso o crime dos judeus aproveitou ao genero humano, que foi remido pelo sangue precioso de Jesus Christo; mas o sacrilegio ha pouco perpetrado que desculpa terá? e que beneficio produz?»*

A dôr que transparece d'estes queixumes do venerando pastor do rebanho de Christo no patriarchado de Lisboa commove-nos profundamente na nossa humilde qualidade de simples rez, e levamos a applicar alguns balsamos, que pudermos arranjar, sobre a chaga aberta por este desgôsto no coração amante de s. ex.<sup>a</sup> e sobre a mozza por elle feita no seu venerando baculo.

Como o sr. arcebispo mui bem diz na sua epistola em annuncio aos da rua dos Calafates, e como já anteriormente outro sim o dissera S. Paulo aos Corinthios, o tão falado crime dos judeus, crucificando Jesus Christo por sentença dos tribunaes competentes, não foi no fim de contas senão um acto de pura justiça applicada ás contravenções policiaes, exactamente como outros actos analogos que o conselheiro Arrobas ahi está praticando todos os dias, sem que por isso se diga que esta auctoridade administrativa tem rabo como vingativamente se espalhou ácêrca dos caracteristicos anato-

nicos dos governadores civis que o imperio romano encarregou da policia da Judeia.

Por isso tambem vêmos que os effeitos da maldição em que incorreu essa raça proscripta começam a achar-se sensivelmente attenuados.

Os antigos Judas deram em banqueiros. Asshaverus pôz casa, descalçou as sandalias, e chama-se hoje em dia Rothshild. Se lhe appetecesse possuir o Santo Sepulcro, não lhe mandava as cruzadas como nós fizemos, comprava-o apenas, e punha lá um casino, com bilhares e roletas, para recreio dos philosophos.

Haja vista bem assim o nosso Bazorra, ainda ultimamente chamado pelo principe ao fastigio do poder, emquanto que no tempo do rei D. Manuel, ai d'elle, que, em vez de ser n'uma cadeira de ministro, seria n'um tição em que haveria de sentar-se, se jámais ousasse transpôr o bairro da Mouraria para atravessar a cidade em coche da companhia seguido do respectivo correio a trote com a pasta das tamaras!

Evidentemente, ao crucificarem Jesus, os judeus tiveram simplesmente em vista punir segundo as leis um simples rebelde, chefe de um club com doze oradores magnificos, declarando se em opposição ás instituições vigentes, á forma do governo existente

e aos dogmas da religião do Estado. Se os judeus suspeitassem, por mais remotamente, que Jesus era o filho de Deus feito homem, elles nunca o condemnariam. Mas os judeus não o acreditavam, e é isso o que os desculpa e até certo ponto os absolve.

Ora, sem de modo algum pretendermos contraditar o sr. arcebispo de Mytilene, nós pedimos mui submissamente vénia a sua excellencia para lhe fazer notar uma cousa, e vem a ser: que os escolhares da egreja de S. Christovam se acham completa e absolutamente dentro da esphera das mesmas circumstancias attenuantes em que se encontram os judeus. Estes crucificaram Jesus por não acreditarem que Deus se tivesse feito homem; aquelles cuspiram-o por não acreditarem que Deus se achasse na particula eucharistica tão real e tão perfeitamente como se acha nos altos céos.

Isto é óbvio. Tanto o senhor arcebispo como toda a gente sabe perfeitamente que não ha ser algum de uma obtusidade tão impenetravel e tão córnea que, acreditando na existencia da divindade, e, sabendo que tem um Deus na bôcca, o cuspa fora, ou seja no chão ou seja no lenço, trocando em seguida olhares de escarneo.

Posto o caso n'estas bases—e não é possível

pô-lo em estudo sensatamente por outro modo— nós pedimos ainda licença para dizer ao sr. arcebispo que se o crime dos judeus é pelas circumstancias que o revestem completamente desculpavel, o crime dos estudantes pelas mesmas circumstancias que n'elle concorrem é absolutamente nullo. Porque, posta de parte a intenção criminosa e sacrilega dos réos, resta-nos apenas considerar, para os effeitos da culpa, quaes as consequencias do acto. Ora com relação aos judeus, abstrahindo da intenção sacrilega, temos ainda um innocente assassinado; com relação aos estudantes, feita egual abstracção, temos apenas uma hostia perdida. E eis aqui está em summa porque o senhor arcebispo se está a affligir, depondo o seu baculo para desatar a chorar dolorosa e desoladamente sobre o seu armento!

*Eis—suspira sua excellencia—a situação tristemente lamentavel em que Nos achamos, o mal Nos acommette de toda a parte, e fallecem todos os recursos humanos para se lhe oppor um dique poderoso e represar esta torrente desoladora... Tal é o quadro medonho da época presente, sobretudo n'esta capital!... A sociedade corre perigo de se dissolver... Estamos possuidos da mais acerba amargura e afflicção... etc.*

E tudo isto porque, ó meu Deus?... Tudo isto unicamente porque tres madraços da instrucção pri-

maria foram á desobriga sem terem sabido as licções da Cartilha e sem lhes terem ensinado o que é que está na hostia depois de consagrada!

E o peor de tudo não é sómente a tristeza do senhor arcebispo — o que já é pessimo — o peor de tudo são os horrores que sua excellencia nos prophetisa e os tremendos castigos que, segundo sua excellencia, a divina providencia tem suspensos sobre nós, aproveitando pressurosa este pequeno pretexto de haver n'uma eschola tres cabeças de burro rebeldes ao catecismo, para nos pespegar a todos, *per omnia secula seculorum*, nas penas eternas.

De modo, que para applacar a tremenda colera celeste que se nos annuncia termina o sr. arcebispo a sua provisão, ordenando o seguinte:

1.º *Esta Nossa provisão deverá ser dirigida a todas as Parochias e Casas Religiosas do Patriarchado e Prelazias annexas, para ser lida no proximo domingo ou dia festivo que occorrer depois da sua recepção, indicando-se ao mesmo tempo o dia e hora em que as irmandades e fieis devem concorrer ás preces publicas nas respectivas egrejas.*

2.º *Estas preces terão lugar em tres dias consecutivos immediatos á leitura d'esta Provisão, expondo-se o Santissimo Sacramento á bócca do Sacratio ou no throno, se tanto fôr possivel.*

3.<sup>o</sup> *Todos os sacerdotes do Patriarchado e Prelazias annexas, nas missas que celebrarem nos tres dias das preces solemnes da respectiva parochia dirão a oração PRO QUACUMQUE NECESSITATE — pedindo a Deus, perdão e desaggravo, depois da que devem dizer — PRO PAPA.*

4.<sup>o</sup> *Como este desacato pode tambem ter por causa a ignorancia dos mysterios da nossa santa fé, ordenamos aos reverendos parochos a exacta observancia da Pastoral de Sua Eminencia de 25 de janeiro de 1881.*

*Para que estas preces sejam mais efficazes e acceitas a Deus, recommendamos a todos os fieis que assistam a ellas purificados de seus peccados pelos Sacramentos da confissão e communhão.*

Se nós outros, ovelhas, não tivéssemos mais nada que fazer n'este mundo se não acompanharmos o nosso pastor espiritual balando com elle os canticos ao divino, como succede por exemplo a suas excellencias os conegos, nada se nos offerceria retorquir, e pôr-nos-hiamos immediatamente á disposição do senhor arcebispo para os fins indicados nas conclusões da sua epistola.

Mas as ovelhas, excellentissimo senhor, estão sobrearregadissimas de trabalho. Ellas têm de ganhar o penso de cada dia com o suor da sua lã, e

são obrigadas ainda por cima a acarretar para o turgurio a herva precisa para engordar os bodes que ahi estão á argola do paiz, esmoendo víveres, enquanto a gente anda a monte de focinho no chão á procura de materia pascivel. Occorre-nos pois, em nome do rebanho a que temos a honra de pertencer, perguntar ao veneravel pastor e senhor arcebispo uma cousa:

Sendo dos estudantes que se sabe, e não de mais ninguem, a culpa do desacato, não seria porventura exequivel fazer recahir sobre elles o castigo e o desaggravo?

Não haverá algum meio brando e ao mesmo tempo sagaz de attrahir suavemente á Sé esses tres malandros? Offerecendo-lhes, verbi gratia, mais hostias (fingidas bem entendido) não seria possivel captal os? E depois de os apanhar dentro da Sé, não haverá já na egreja lusitana um bom conego de pulso, que agarre n'uma palmatoria de buxo e que lhes rache as mãos com uma duzia de bôlos em cada uma?...

Depois d'esta primeira amostra do panno conviria — cremos — fechar os tres delinquentes á chave dentro de um quarto, pôl-os a brôa e agua por espaço de oito dias para lhes abrir as idéas, e passar-lhes licções grandes na Cartilha do padre mestre Ignacio e na *Civilidade* de João Felix. Ás tardes,

sabbatina no côro. Não satisfazendo, férula para cima, enquanto elles tivessem unhas para lhes cabirem das mãos aos pés do cabido!

Pela nossa parte nós não teríamos que dizer a esses jovens senão uma cousa:— Chuchem, que é para não serem cábulas e para não andarem na instrucção primaria annos e annos sem fructo nenhum a roubarem o dinheiro a seus paes e a darem desgostos a seus mestres!

Ao fim de oito dias d'este regimen purificante, temos para nós que os tres herejes se achariam aptos para poderem entrar nas egrejas sem cuspirem, sem trocarem olhares de escarneo entre si, e sem darem coices. Pelo que nos quer parecer que a colera divina teria obrigação restricta de se dar por applacada e satisfeita.

Que pelo contrario sejam esses tres meninos os que fazem os peccados e que sejamos nós os que façamõs as penitencias, parece-nos duro de mais.

Porque elles são mal creados, a gente é que ha de ficar prohibida de comer sobremesa?

Porque elles não estudaram os Sacramentos da Igreja, eu e minha familia é que me hei de pôr de joelhos em cima do banco, com a Cartilha ao pescoço?

Elles é que dão os pinotes, e nós é que havemos de ir para o meio da aula com as orelhas de burro?

Elles têm a cuspinheira, e nós é que tomamos a coacia?

Elles é que trocam os olhares, e nós é que apanhamos o tapa-ôlho?

Acham que é bonito?! acham que é proprio?!

Não! podem dizer o que quizerem, isto não é justiça de christãos, isto é justiça de moiros!

Então está para aqui assim um peccador, com o vaso das iniquidades cheio — porque ainda não houve tempo para o ir remir, está um homem em sua casa atrapalhado com os seus proprios peccados e arriscado a ser ahi lambido por uma febre de um dia para o outro, e a ir malhar com o costado aos enxofres eternos, onde ha a coceira desesperada e o ranger dos dentes para todo o sempre; e agora, lá porque tres fedelhos foram fazer indecias para a desobriga, abale-se cada um para as egrejas a confessar-se, a commungar, a rezar a corôa e a fazer preces durante uns poucos de dias, para arranjar o perdão de Nosso Senhor e a bella bemaventurança a uns malandrões, que — notem — ainda por cima são capazes de se pôrem a fazer troça da gente!

Concluindo, devemos pela parte que nos toca n'este assumpto fazer uma declaração firme e terminante:

Ha de ter santissima paciencia o meu rico senhor arcebispo de Mytilene mas quem não está resolvido

a ir ás preces para acudir a tratantes é o filho de meu pae.

Os meninos cábulas e malcreados que embirram em não estudar a Civilidade e em não estudar a Cartilha, que se arranquem lá como podem!

Se os meninos em geral cuidam que podem passar a sua juventude de narizes arrebitados e de cartola á banda a cigarrar por essas ruas, em vez de estudarem o *Credo*, e que no momento das colicas havemos de ser nós que havemos de andar em palpos de aranha e em jejum natural, de ópa ás costas e de contas na mão, a correr para as Chagas e para a Encarnação, para que Deus se compadeça d'elles e os approve para cherubins, os meninos estão completamente enganados comnosco.

Se querem estudar, estudem, que é para seu bem!

Se não querem estudar, e preferem continuar a ser indecentes e pulhas, sujeitem-se então ás legitimas consequencias, que é irem todos para o diabo.

Tres garotos arrependidos, de menos no céo, não fazem falta nenhuma!

Março 1882.

## XXXIII

No circo de Price, espectáculo em beneficio dos pobres, pelo *Club Gymnastico*.

Nós temos pelo instituto que n'esta occasião se exhibiu pela primeira vez a sympathia mais profunda. Trabalhar pelo aperfeiçoamento physico de uma raça é trabalhar pelo seu futuro. É pela fôrça physica que se reconstitue a fôrça moral.

Temos apenas uma sociedade de gymnastica em Lisboa e uma outra, segundo nos consta, no Porto. Na Allemanha o numero das sociedades d'este genero eleva-se hoje a mil oitocentas e trinta e uma. D'ahi resulta um augmento enorme de vigor muscular na massa da população, o qual faz com que o exercito allemão seja hoje o primeiro do mundo pelo valor corporal dos seus soldados.

Em Portugal, — paiz de magriçellas, de derreados, de espinhellas cahidas, — nada mais importante do que a educação physica, que o *Club Gymnastico* tem por fim popularisar.

O que lamentamos unicamente é que os mem-

bro de uma corporação tão séria como aquella a que nos referimos falem ao respeito ao seu proprio instituto apresentando-se em publico vestidos de acrobatas ou de alcides. Não, meus senhores, a gymnastica de cujo ensino vossas excellencias se devem gloriar de ser os fundadores, não é uma questão de circo nem de barraca de feira, é uma alta e grave questão de educação nacional.

É assim que ella é comprehendida em toda a parte, não só na Allemanha, mas na Suissa, onde ha 113 sociedades gymnasticas; na Suecia onde ha 24; na Hollanda, onde ha 45; em França, onde ha 48; na Italia, onde ha 87.

E em todos esses paizes, quando os clubs gymnasticos, ou confederadamente ou cada um de per si, organisam os grandes e bellos espectaculos em que o publico apprende a estimar a fôrça e a destreza dos musculos como uma das perfeições do homem, os gymnastas não se vestem nunca de setim e ouro como se fôssem pobres e miseros saltimbancos.

A gymnastica tem em toda a parte o seu uniforme, simples, correcto e grave, como convém a atletas, que não apparecem em publico para receber um beneficio mas sim para dar uma licção. Esse uniforme consiste singellamente na camisola justa, sem braços, descobrindo os biceps, nas calças

de flanela cingidas por um cinto e no pequeno gorro avelado por baixo da barba com uma correia, e que se não tira nunca da cabeça, nem ao povo nem aos príncipes, nem ao hymno da Carta, nem á Marselheza. É o distinctivo dos fortes esse gorro. Pedimos ao *Club Gymnastico* que o adopte e que não torne mais a apparecer-nos de gibões de seda bordados a lantejoulas.

É preciso que quem se educa para ser de bronze não tenha nunca o aspecto de parecer feito unicamente de alcorce.

Abril 1881.

### XXXIV

A mocidade academica celebrou em Coimbra a festa de Camões.

Registamos com jubilo este facto, que denota uma orientação nova no espirito dos estudantes.

Durante muitos annos a Universidade, representada pelos seus alumnos, só soube fazer troça.

Os estudantes mais espirituosos e mais divertidos affirmavam os ardores da sua phantasia dando

faltas nas aulas, dando cannelões nos caloiros, e não dando mais nada.

Apenas, a horas mortas, algumas vezes, ao vir de ceiar, a mocidade batia tambem um pouco pelas paredes e nos futricas.

Ser sujo era um alto caracteristico de elegancia. Quando se ia á sociedade punham-se nódoas frescas na batina; e, assim como o virente louro era de rigor na frente das vestaes, assim a corôa de caspa era obrigatoria na cabeça dos academicos. Aquelles a quem acerbos desgostos faziam cahir a caspa, encobriam esse defeito usando caspa pos-tiça.

Um professor, fazendo o elogio do asseio, com o fim de sacudir a apathia profunda em que cahira o commercio do sabão, dizia aos estudantes:

«Meus senhores — acreditae o — é incomparavel o refrigerio e o gôso que experimenta o homem, principalmente na estação calmosa, nas primeiras duas ou tres semanas que immediatamente se succedem á lavagem dos pés!»

Montesquieu distingue tres especies de tristeza: — a que vem do seculo, a que vem dos homens e a que vem de Deus. Em Portugal, além das tres tristezas de que fala o sabio, tinhamos mais uma — a que vinha de Coimbra em cada anno, intonsa, casposa e fastienta, vestida de gabão forrado de

encarnado, com o cabello crescido até o coccix e os dedos queimados de cigarro até ás claviculas.

Essa tristeza, invadindo a cidade, penetrando lentamente nos jornaes, nas secretarias, no parlamento, nos chás abailaricados da Baixa e nos festins hebdomadarios, a especiones, a rhetorica e a pão com manteiga, do sr. Fontes Pereira de Mello, acaba emfim, de tomar raizes nas instituições, onde foi plantada na pessoa tetrica, plangente e lacrimosa do sr. Hintz Ribeiro.

Sob o dominio pathologico de taes influencias hereditarias, comprehende-se bem que a alegria juvenil e espirituosa de que a Universidade acaba de dar um spectaculo tão brilhante nas festas com que solemnizou a inauguração do monumento a Camões, não viesse ao mundo inteiramente escorreita de alguns funebres laivos de familia.

Assim no programma suplementar da festa nocturna sobre as aguas do Mondego vêmos indicados com quinze dias de anticipação os vivas espontaneos e entusiasticos que a multidão terá de soltar no momento de se despedir para recolher a suas casas.

O programma prescreve que a multidão brade ao chegar esse momento: *Viva sua majestade a rainha! Vivam as senhoras de Coimbra! Vivam as damas portuguezas! Vivam os municipios!*

A comissão dos festejos recebeu, evidentemente, que a multidão, abandonada a si mesma ao terminar da festa, desatasse em choro desfeito — para começar a descansar dos folguedos. E seria realmente lamentavel esse espectáculo de uma cidade inteira em ais de estalar as pedras no meio das luminarias do publico regosijo.

Mas os vivos escolhidos não nos parece serem os mais proprios para estancar o pranto de um povo desolado.

Cuidaes vós que um triste dando vivos á rainha, dando vivos ás damas em geral, dando vivos aos proprios municipios, ficará menos triste depois d'isso? Oh! como vos illudis!

A tristeza, quando ella é arreigada, tradicional e profunda, quando ella está no sangue de uma raça, não ha nada que a expanque e a enxote. Em taes casos o melhor que têm que fazer os programmas é deixar obrar a natureza.

O unico grito logico, sensato para ser suggerido a uma multidão que dispersa para ir para casa depois de uma boa festa, seria unicamente o seguinte: *Muito boas noites, meus senhores, até amanhã, se Deus quiizer!*

Tudo mais nos parece imprudente, porque, além de não produzir alegria, pode ferir susceptibilidades.

Emquanto ás damas, por exemplo, não nos pare-

ce que seja extremamente lisonjeiro o dizer-se-lhes que a gente gosta tanto d'ellas como dos municipios. Oh! não! Entre a dôce Ophelia e o honrado sr. Gregorio Araujo, para nós pelo menos, ha differença.

Emquanto ao viva a sua majestade a rainha, esse, confessamos que nos irrita na nossa qualidade de multidão.

Como convidados á festa dos estudantes é claro que nós não teriamos especie nenhuma de politica senão a dos nossos amaveis amphitryões. Tão sómente para nosso governo folgariamos de saber com mais alguma precisão se suas excellencias são pela realeza ou se não são.

Se não são monarchicos, nós não os quereríamos maguar dando vivas a uma testa de senhora que é mais coroada, o que só de per si não quer dizer que seja por esse facto mais bella nem mais espirituosa nem mais pura do que qualquer outra.

Se são monarchicos, nós então pediríamos licença para não saudar uicamente a realeza em uma das suas metades, e ampliar o viva do programma dizendo com ardor:

— *Viva sua majestade a rainha... e o seu homem!*

Em tudo o mais a festa foi exemplar e brilhante.

Maio 1881.

## XXXV

Nos exames do Lyceu Nacional um professor da Eschola Polytechnica, o dr. Mattoso, que temos pena de não conhecer, dirigiu aos examinandos as seguintes perguntas, que os jornaes da semana transcreveram, por escarneo, denunciando ao desprêzo e á gargalhada publica aquelle examinador imbecil, que os poderes do Estado vão decerto demittir, e que os paes de familia começaram já a espancar com fervor.

Primeira pergunta: — *O que é a barrela?*

Segunda pergunta — *O que é o residuo que a agua fervida deixa no fundo das vasilhas, e a que as cozinheiras chamam o salitre das chocolateiras?*

Terceira pergunta: — *Em virtude de que força se espaçiam os frascos da limonada chamada de cavallinho, que os consumidores bebem nas feiras chupando-a por um tubo?*

Quarta pergunta: — *Banhando-se em agua distil-*

*lada ficaria o senhor tão bem lavado como tendo-se banhado em agua commum?*

Esta ultima pergunta foi dirigida a um estudante de côr preta, o que exacerbou sobremaneira o rancor das massas contra a ineptia provocadora do lente, porque, segundo parece, é faltar ao respeito devido á raça ethiopica o falar-lhe em lavar a cara. Os pretos, pelos modos, preferem ouvir o espirro — o que os escandalisa muito — a ouvir falar em banho. De tal sorte, sempre que n'um compendio de chimica se trate do phenomeno da saponificação operada pela combinação das secreções da pelle com alguns dos corpos dissolvidos na agua não distillada, no capitulo consagrado a essa materia se deve pôr esta nota: *Questão que, para se não tornar offensiva, convem ser unicamente estudada entre individuos da raça branca; para pretos envolve troça.*

Ora muito bem! Querem os leitores ácêrca do caso Mattoso a nossa humilde opinião? Dar-lh'a-hemos, sem mastigar, a opinião que temos:

Se fôssemos o ministro da instrucção publica nós mandaríamos chamar o dr. Mattoso, e encarregal-o-híamos immediatamente de ridigir o programma dos compendios e do ensino da physica e da chimica nos lyceus portuguezes. Porque a verdade é—e sentimos com isto desgostar as familias dos alum-

nos reprovados — a pura verdade é que o dr. Mattoso pela sua maneira de interrogar, tal como os periodicos a referem, nos demonstra que elle é dos poucos professores que em Portugal comprehendem a indole prática e positiva que deve ter o ensino secundario na educação moderna.

É exactamente por esse modo, e não d'outro, que se ensinam creanças: é fazendo-as observar os phenomenos mais vulgares e mais communs da vida prática, os phenomenos que o alumno tem todos os dias debaixo dos olhos, e levando-o a tirar da natureza d'esses phenomenos o conhecimento scientifico da lei que os rege.

Pelas reacções que se dão dentro de um cortiço de barrela, pelo deposito calcareo que fica no fundo das chaleiras, pela comparação da acção da agua destillada e da agua como a natureza a produz, sobre as secreções cutaneas, e finalmente pela ascensão do liquido pelo tubo das limonadas de cavallinho, demonstram-se grande parte das propriedades dos corpos, dos principios que os compõem e das forças a que elles obedecem.

É unicamente por esse processo de ensinar que o mestre conduz o alumno a apprender. Porque apprender é tomar conhecimento das cousas. A decorar estupidamente regras e formas abstractas, como se faz geralmente nas nossas aulas, enche-se o ce-

rebros de pedantaria, mas não se adquire conhecimento de cousa alguma.

É n'essa ignorancia crassa, encyclopedica e absoluta, de todos os mais simples phenomenos da natureza e do trabalho do homem que os alumnos saem dos nossos estabelecimentos de instrucção secundaria.

A noticia dos jornaes sobre o questionario do doutor Mattoso deu esta revelação tremenda: No ultimo anno do curso dos lyceus, ao completarem a instrucção média,— a instrucção que deve dar o nivel commum da capacidade de todo o cidadão bem educado, o estudante não sómente não sabe o que é um syphão, mas nem sequer sabe o que é a cinza, não sabe o que é o sabão, não sabe o que é a agua, pois que os jornaes accrescentam que nenhum dos examinados soube responder ás perguntas elementares que o dr. Mattoso lhes fez!

Manter na instrucção publica de um paiz um tal estado de cousas não é sómente roubar ao paiz o dinheiro, é roubar-lhe tambem o cerebro.

## XXXVI

Por ocasião da grande parada, em honra dos reis de Hispanha, abria a marcha, no desfilar das tropas, em frente do pavilhão real, armado na praça do Rocio, o pequeno batalhão dos alumnos do collegio militar.

Era a primeira vez que os jovens collegiaes se mostravam em forma n'uma revista do exercito. Quando, — depois de haverem passado os dois reis com o seu estado maior, fazendo reluzir ao sol n'uma grande palpitação triumphal as testeiras e os peitoraes dos cavalloos, as pedrarias das condecorações, as fachtas ondeadas das grã cruces e os penachos dos capacetes e dos bicornes, — seabriu uma clareira na enorme multidão compacta que coalhava toda a superficie do Rocio e que no quadrilatero descoberto sobre o macadam o batalhão collegial appareceu, uma sensação nova percorreu os nervos do grande publico lisbonense.

Dir-se-hia que cada um via então pela primeira

vez o exercito nacional na sua expressão mais genuina. Esse regimento em miniatura representava effectivamente na sua encarnação virginal o mais puro espirito militar da nação. Esses soldadinhos, de todos os mais pequenos, eram de todos os unicos instruidos e illustrados. Os dos outros regimentos estavam alli nas fileiras, porque em tempo os tinham ido capturar para isso ao trabalho dos seus campos ou das suas officinas, e elles não haviam sido bastante ricos para pagarem um substituto, nem bastante corajosos para se isentarem, como outros, da escravidão da farda, arrancando dois dentes da bôcca ou decepando um dedo da mão. Os alumnos militares eram os soldados voluntarios e livres. Para elles a honra de vestir o uniforme é a mais brilhante do mundo. Os seus paes e os seus mestres têm-lhes mostrado por muitas vezes as bellas edições illustradas das campanhas de Anibal, de Frederico, de Napoleão e de Condé. Elles viram Leonidas nas Thermopylas, Cesar no Rubicon e Bonaparte em Arcole. Não sabem ainda bem o que é o pêso das armas, mas apprenderam já o que é o pêso do dever e o que é a fôrça do heroismo. Têm a esthetica da sua profissão, conhecem o que é o bello dentro da esphera das suas aspirações e dos seus actos.

E eis ahi está a razão por que nenhum outro re-

gimento desfilou como o d'elles, marchando com tão grande correcção geometrica, com tanta unidade, com tanta certeza, com uma tão intensa expressão de fôrça, de brio marcial e de bravura guerreira.

— *Bravo! Bravo!* — Gritava-lhes em côro de todos os lados a multidão commovida. E elles, graves, serios como granadeiros da velha guarda, de cabeças altas, olhar em frente, clavinas ao hombro, marchando triumphantes como se fôssem conquistando passo a passo o terreno em que pousavam os pés, passavam entre palmas, como ao regressarem victoriosos de uma campanha. E afinal era effectivamente de uma victoria que elles vinham, porque equivale a uma victoria conquistada toda a noção do dever adquirida.

Que esses bellos e altivos rapazes guardem bem nos seus corações juvenis os applausos que receberam dos seus concidadãos n'este dia! É bem provavel que nunca mais em sua vida tornem a ser objecto de outros tão unanimes e tão convictos. Porque aquillo que elles hoje julgam ser a nobre carreira das armas, não será mais tarde para elles senão o officio de fazer guardas ao quartel, de ganhar postos a lêr o *Diario de Noticias* n'uma cadeira á porta da casa da guarda, e de levar de quando em quando, pelas costas, um tiro de algum galucho enfastiado e epileptico.

## XXXVII

As relações da Igreja com o Estado na sociedade portugueza têm sido ultimamente discutidas na polemica jornalística por dois antigos e illustres parlamentares, os srs. Barbosa Leão e conde de Samodães, e nada mais tocante do que o entusiasmo com que vibram no exame da questão sujeita esses dois austeros e venerandos caturras!

Escrevem ambos em orthographia sonica, o que dá á linguagem do debate o ar sibyllino de um colloquio entre dois augures.

Cada um d'elles quer, á viva fôrça de teima philosophicamente asinina, convencer o outro de que é muito melhor christão e muito melhor catholico do que elle.

E arrebatados ambos por um santo e fecundo fervor religioso e sonico, elles tratam-se reciprocamente por *çua eiçelencia*.

É verdadeiramente o que—suppomos—se deverá chamar em sonico uma *púguena di irois*.

O que principalmente distingue n'este debate os principios politicos e philosophicos do *Çinhor Lião* dos do *Çinhor Çamodains* é que o *Çinhor Lião* escreve:

*Si cum Jesu ites  
Non cum Jesuitis!*

Ao passo que o *Çinhor Çamodains* diz pelo contrario:

*Si cum Jesu ites  
Vos cum Jesuitis!*

Em quanto esses dois preclaros estadistas, representando, genuinamente e brilhantemente, um d'elles a nossa camara popular, e o outro a nossa camara dos pares, collocam a questão religiosa em bases tão lucidas e tão inabalaveis, em Lisboa, no Porto, e até, agora ultimamente, em Setubal, a opinião publica meetinga contra os jesuitas, que expulsos violentamente da Republica Franceza, penetram a pouco e pouco em Portugal, comprando palacios, fundando eschololas e instituindo collegios.

A educação da infancia foi sempre o cano por via do qual esses bons servos de Deus se introduziram e se localisaram no dominio da familia e na direcção da sociedade, porque a verdade é que ninguém mais — uma vez dado o ensino dogmatico na

instrucção publica de um paiz—possue como a Companhia de Jesus o segredo pedagogico de mais rapidamente estirar as orelhas de um joven peccador até fazer de um bravo rapaz um bestificado bacharel.

Por essa razão, todos aquelles que até hoje têm desalojado o jesuita da sua influencia sobre um povo, começaram sempre por abolir o dogmatismo no ensino, reformando a instrucção em bases experimentaes e scientificas. Foi o que fez o governo do marquez de Pombal no seculo passado. Foi o que fez o governo da Republica Franceza n'este seculo. E o que não saberá fazer em tempo algum o governo do sr. José Luciano de Castro, que felizmente nos rege no momento presente.

Examinem-me esses senhores padres que ahi acabam de chegar, repatriados de um exilio de cento e vinte e dois annos. Queiram examinal-os bem em qualquer d'esses *meetings* que se estão fazendo, e lá lhes encontrarão n'aquella parte do corpo sacerdotal que elles veem assentar nas instituições portuguezas, tão commodamente preparadas para os receber, o vestigio deixado pelos bicos dos solidos e rijos sapatos de couro de Salvaterra de Magos que calçava em 1759 o reformador dos estudos portuguezes na Universidade de Coimbra.

Sobre essa velha cicatriz o sr. Luciano de Castro

— por mais *meetings* que lhe façam — applicará por meio das suas portarias algumas cataplasmas anodinas, mas não renovará o nobre e arrojado pontapé pombalino. Porque em vez dos solidos jarretes de aço do antigo reformador do ensino nacional, o signatario da ultima reforma dos nossos lyceus não tem senão os pés arrastados e molles de um bem intencionado palmipede.

## XXXVIII

Por detraz do Jardim Zoologico, no principio da estrada, tomando á esquerda do chafariz, toquei á campainha de um d'esses alegres portõesinhos communs a toda a antiga quinta suburbana á roda de Lisboa: madeira pintada de verde, humbreiras de pedra lioz, e no alto, na curva dos saimeis, o competente painel de azulejo representando, segundo a respectiva legenda, *Nossa Senhora da Conceição do Rêgo*.

Aqui deve ser, segundo as informações que me deram, o hospicio d'esses babys...

E pareceu-me bem apropriado o sitio, a estação

do anno, aquella hora do dia, para uma convalescença de creança. Na volta da estrada viam-se trepar, encosta acima, até os cabeços das collinas, os renques das oliveiras em fructo. Os verdes e aveludados trigaes ondulavam docemente, matizados de pintas amarellas e vermelhas pela flôr das papoulas e dos malmequeres do campo. E, na estrada á sombra, no perfume resinoso dos eucalyptos, envolto no primeiro bafo môrno do verão, ouvia-se esvavidamente o ladrido dos cães, o gemer das noras, e o crieri dos grillos.

Abriam-me a porta para uma frescura de pateo escrupulosamente varrido e ajardinado de novo.

Junto dos muros, ao longo dos quaes principiam a bracejar as heras, estão regados de fresco os canteiros floridos de amores perfeitos, de rosas e de hortensias.

A um lado uma escada de pedra, com o alpendrezinho no alto, conduz a uma galeria em arco e ás casas do primeiro andar.

Na arcada, sobre uma barra transversal, empoleira-se em linha toda uma revoada de azuladas andorinhas, que se picuinham amigavelmente em toda a fila, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, acotovellando-se umas ás outras, em familia, com as pontas das azas.

A sala de espera a que me introduzem, ao rez-

do chão, abre para o pateo por uma porta envidraçada, e é a botica do hospício, com a sua armação de casquinha, envernizada na côr da madeira, recolhida e pacata, quasi risonha na coordenação reluzente e iriada dos seus frascos, dos seus boiões e dos seus almofarizes.

Ao lado da pharmacia, no pavimento terreo, fica a despensa, a copa, a cozinha.

Em cima, a escada de que já falei, dá entrada a um largo e longo corredor, desembocando pelo extremo opposto n'um terraço sobre os campos, e abrindo á direita e á esquerda para as casas do refeitório, do dormitório das raparigas, do dormitório dos rapazes, das enfermarias, dos quartos das enfermeiras. Todas estas casas, pintadas de branco, de soalhos polidos como salas de baile, têm largas janellas abertas para a estrada ou para a quinta, inundando tudo de luz e de ar.

Na horta as arvores de fructo, os parreirões e os canhões a que se esteia o feijão verde, dividem e enquadram as leiras, onde os verdelhões pipilam, e borboletas côr de palha adejam ao sol sobre as plantações de repolho, de alface, de cebote e de beringelas.

Ao fundo da quinta, n'uma arribana, duas vaccas malhadas, mansas e nédias, abastecem de leite o hospício.

Com excepção das borboletas, das andorinhas e dos verdelhões, quanto n'esta casa é adulto, ou pertence a adulto, me parece enorme: os cabazes, os gigos pomareiros, os regadores, os sachos, as vaccas, o velho jardineiro, as enfermeiras, e eu mesmo. A tal ponto tudo mais é engraçadamente diminuto, minuscuro, liliputiano!

Como as maiores das creanças recolhidas não têm mais de oito ou dez annos, a mobilia, proporcionada á corpulencia dos habitantes, parece a *mise-en-scene* de um Guignol.

As caminhas dos dois dormitorios, de uma frescura cultural, brancas como açucenas, com guardas altas, de berço, têm metro e meio de comprimento e tres palmos de largo. A um lado, sobre um quadrado de tapete, acham-se enfileiradas as cadeiras em que os meninos se sentam para calçarem e descalçarem as meias; e essas cadeiras têm um palmo de altura.

No refeitorio a mesa posta parece destinada a um jantar de bonecas. Apesar de frequentemente se encontrarem entre os convivas sujeitinhos que a voracidade impelle a mergulhar os punhos na sôpa e a comer com duas colhéres, ha ainda assim espaço para tudo, de tal modo são pequeninas as mãos e as bôccas d'estes Pantagruéis em formato diamante.

Uma so creança estava de cama no dormitorio

das raparigas: lindo typo de lisboeta, de grandes olhos pretos e fina pelle morena, a que ficava bem a nitida alvura dos lençóes, do travesseiro fôfo, da coberta acolxoadada, e da touquinha de noite, que ella tinha atada por baixo da barba, deixando-lhe escapar para a testa uma grossa madeixa de cabello espesso e luzidio, côr de ébano. Já lhe não doía nada, já não tinha febre, e mostrou-me uma linguinha fresca como uma cereja retirada de um copo de agua. Mas o medico ainda n'esse dia lhe não déra alta, e ella resignada, deitada de lado, com a mão aberta debaixo da face, esperava a merenda, olhando para a porta com dois grandes olhos reluzentes, como dois gri los ávidos sentindo approximar-se uma alface.

Foi na botica, ao retirar-me, que pude vêr reunidos os pequenos convalescentes.

Vinte e um.

Tinham-os formado contra a parede, por ordem de altura, como os canudos de uma flauta de Pan. O maior pouco excedia o tamanho da minha bengala.

Como o hospicio, pelas proporções relativamente exiguas da casa, não pode acolher molestias infecciosas, os casos mais frequentes são os de anemia e os de escrofulas, consequencias da accumulacão temerosa d'estas duas causas — a immundicie e a fome.

A absoluta ausencia de asseio nos respectivos lares produz em muitos que apparecem, esqueleticos e pustulosos, além de uma quantidade medonha de parasitas da pelle, variadas formas de doenças cutaneas — o impetigo, a salsugem, o usagre, a tinha.

Com vinte ou trinta dias de banho, de roupa lavada, de boa sôpa, de leite, de alguma carne, de oleo de figados de bacalhau e de phosphato de cal, estes lazarusinhos resurgem maravilhosamente, enrijam os ossos, criam musculo, mudam de pelle e de cabello, e apprendem, pela primeira vez em sua vida, a sorrir, a extender os braços, a vir ao collo.

Tambem os ha mais renitentes na cura, como é natural.

Aqui está um, por exemplo, cujo aspecto não pode ser mais compungente. Collocaram-o sobre uma cadeira, porque elle não poderia, como os seus companheiros, ter-se nas pernas para receber de pé a minha visita. Não terá ainda tres annos, e não obstante a toucazinha branca e o bibe de riscado azul, parece um velhinho, tocado de idiotismo senil, paralyzado na sua cadeira de rodas. Tem o olhar vi-treo e immovel, uma ulcera ao canto da bôcca, outra ulcera ao canto de um ôlho. Uma môsca pousa-lhe n'uma palpebra, e elle nem sequer pestaneja. Tem as duas mãos abandonadas, inertes, esquecidas no regaço, e o seu dedinho pollegar, a que ca-

hiu a unha, horrivelmente intumescido, parece um tomate mal maduro, com o vermelho rajado de amarello e de verde. Estremece-se de piedade e de horror ao pensar que dentro d'esse pequenino corpo, que na sua tragica immobilidade se assemelha a uma figura de cera n'um museu de pathologia, ha uma intima vibração de sensibilidade, uma recondita alma, impollutamente casta, divinamente pura, que pelo pavoroso mysterio da hereditariedade expia no anjo o peccado do homem.

Em compensação alli temos aquella, que veiu n'uma especie de trouxa quasi informe, feita de um coagulo de sangue rôxo e de um feixe de ossos quebrados. Tinha-lhe passado por cima, fracturando-lhe a côxa e o craneo, a roda de uma carreta. E eil-a ahi com os dois punhos nas ilhargas, fresca e redonda no seu bibe como um pote vidrado, corada e firme como uma rica maçã camoeza.

Esta aqui assim presumo que tambem desejaria contar-me o seu caso, mas eu é que não tenho a fortuna de a perceber facilmente. É loira como um canario, corada como um pêcego do lado voltado para a luz, e olha para mim com os seus saltantes olhos azues, derreando a cabeça para traz, como uma pessoa grande ao querer vêr da rua os escriptos de uma agua-furtada. Tentando os ultimos recursos para pôr a sua loquacidade ao alcance da

minha estupidez, ella pega-me por um dedo e leva-me consigo dizendo repetidamente: *Ita! ita!* E eu deixo-me ir, tonto Belisario, conduzido por esta Malvina, e pondo de parte toda a hypothese de uma cilada, porque sentia de quando em quando o contacto da sua bôcca tépida semeando-me de beijos as costas da mão.

Não cheguei a traduzir *ita! ita!* mas creio que entendi o resto.

Esse discurso, resumindo o melhor elogio ao hospital dos meninos, queria dizer :

«Vê com que terna meiguice me trataram, a mim, abandonada e endurecida rapariga da rua! Imagina quanto é preciso que eu esteja rica de carinhos para os dissipar repartindo-os contigo, brutamontes que vejo pela primeira vez! e calcula quantos beijos me teriam dado, trazendo-me ao collo, algumas compadecidas senhoras, para que elles trasbordem assim da minha pequena bôcca para a tua grande mão!»

O hospital dos meninos funciona ha cêrca de um anno.

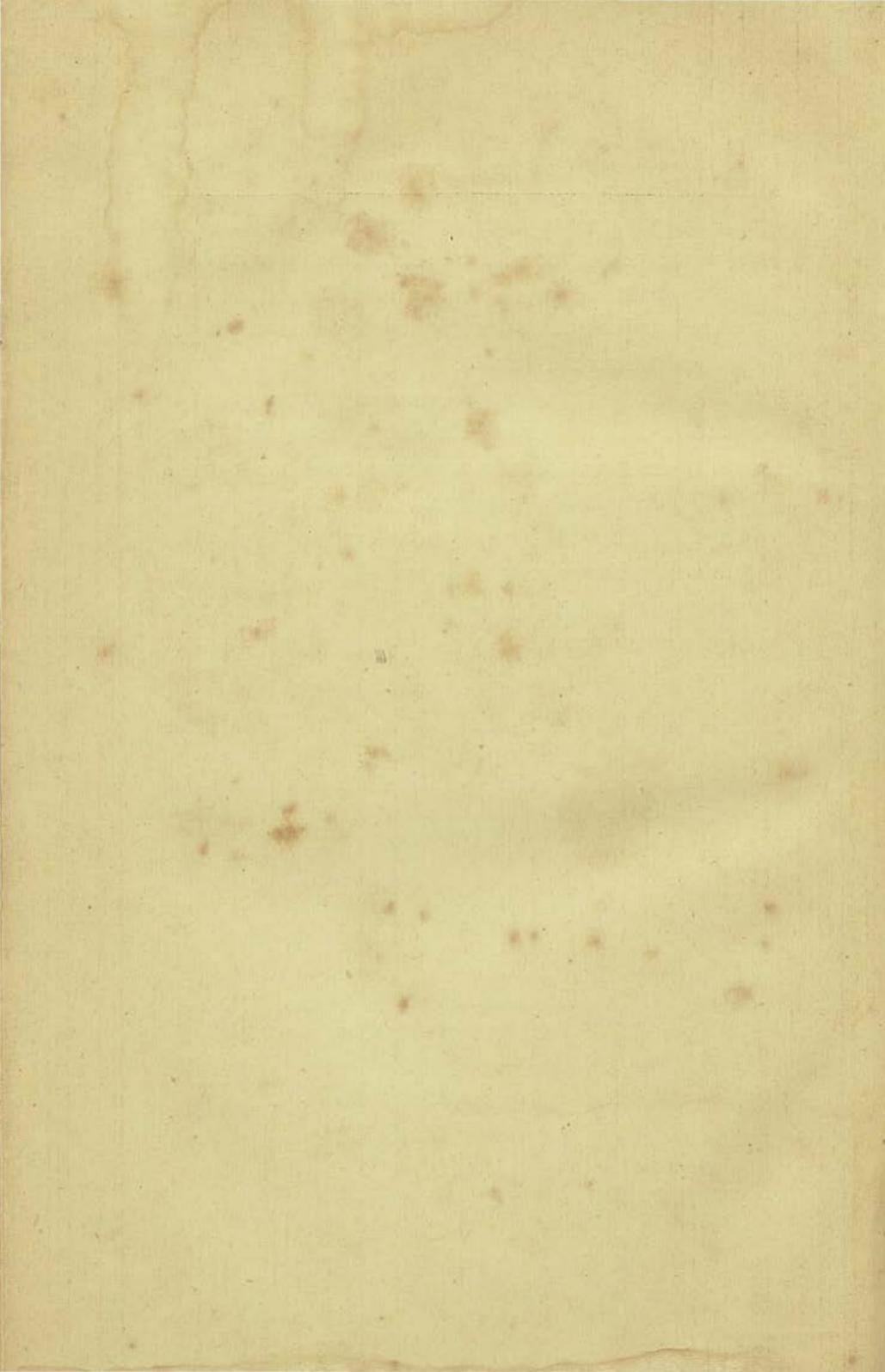
Como nasceu essa instituição? Da maneira mais singella. Um pequeno grupo de senhoras deliberou fundal-a. Uma d'ellas deu a mobilia, outra as roupas, outra a botica; obteve-se casa, apalavrou-se medico; e abriu-se o hospital.

D'ahi por deante, mez a mez, cada uma das alludidas senhoras vae dando simplesmente tanto dinheiro quanto é preciso para hospedar, alimentar, vestir e tratar tantas creanças doentes e pobres quantas cabem na casa.

Não referirei nomes, porque me repugna macular com a mais leve apparencia de grosseira réclame o que ha de mais delicado no generoso e commovido impulso do coração feminino.

É commodo pensar que todas essas senhoras são ricas, mas é mais justo não esquecer esse aphorismo da gratidão, tão eloquentemente expresso pela sabedoria do povo:

*Não dá quem tem, mas quem quer bem!*



## INDEX DO TOMO VIII

I Os nossos filhos, em casa, na rua, no passeio, no lyceu, no collegio.....	5
II As maneiras. Como se faz um gentleman. <i>Civili- dade</i> do sr. João Felix.....	21
III Os feriados. Reducção do anno escolar a on- ze dias.....	27
IV Um dos Compendios !.....	30
V Outro Compendio !!.....	32
VI Por onde se apprende a historia, e por onde se apprende a arithmetica.....	34
VII O programma dos festejos no Centenario da Universidade.....	40
VIII Appenso ao programma.....	41
IX O racionalismo na Universidade.....	42
X A philosophia levanta a bitola.....	40
XI O novo aio de sua alteza o principe real... ..	45
XII Mãe.....	55
XIII Mais um Compendio ! !.....	57
XIV Escrupulos de bemfalante.....	64

XV	A expedição astronomica para a observação da passagem de Venus pelo disco do sol...	68
XVI	Uma commissão de estudantes de Coimbra. Que quer a mocidade?.....	80
XVII	A educação dos principes — O professor de logica e rhetorica de suas altezas.....	85
XVIII	A confusão dos sentimentos e a desordem das idéas — Urgencia das reformas na educação nacional. — Refundação do valor do Estado pelo merito dos individuos.....	98
XIX	Cs castigos corporaes e a disciplina dogmatica.	107
XX	Tentativa de uma reforma do ensino publico..	111
XXI	A educação das mulheres — Meninas examinadas no Lyceu. Suas mestras.....	
XXII	O estado da educação physica — Sua importancia na evolução nacional.....	163
XXIII	Entre a Eschola Polytechnica e o Observatorio Astronomico, por telephono.....	200
XXIV	Os regulamentos disciplinares da Universidade. Eschola de poltrões.....	203
XXV	Educação das meninas. Prendas de mãos.....	206
XXVI	A decadencia da raça pelos vicios da educação	208
XXVII	A critica de uma senhora ás theorias das <i>Farpas</i> sobre a educação das mulheres.....	222
XXVIII	A educação militar. Seus effeitos na constituição do character.....	243
XXIX	A educação do povo — As feiras — A musica popular — O theatro popular — Os jardins publicos — O Jardim Zoologico.....	251
XXX	O elemento galante. Sua acção na formação dos characteres. Seus effeitos do lado <i>d'elles</i> e do lado <i>d'elles</i> .....	262

XXXI	A educação religiosa. Episodios da desobriga..	273
XXXII	A intervenção ecclesiastica — Uma provisão do sr. arcebispo de Mytilene tendo por objecto a má criação da infancia.....	278
XXXIII	A educação physica — Os gymnastas.....	290
XXXIV	Festa da Universidade. Capitulo Regosijos.....	292
XXXV	Um examinador sensato no Lyceu de Lisboa. Escandalo produzido por este phenomeno..	297
XXXVI	Os collegiaes militares .....	301
XXXVII	Professores jesuitas.....	304
XXXVIII	Asylo dos meninos doentes.....	307

81-21

